ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU
TOMO XLVI
SET/OUT 2005
NÚMERO 9/10

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BLUMENAU em Cadernos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU

João Paulo Kleinübing
Prefeito Municipal

Edson Brunsfeld
Vice-Prefeito

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Marion Bubeck Willecke
Presidente

Iúry Bugmann Ramos
Diretor Administrativo-Financeiro

Sueli M. V. Petry
Diretora Histórico-Museológica

Dirceu Bombonatti
Diretor do Centro de Publicação, Documentação e Referência em Leitura

Rafaela Hering Bell
Diretora do Museu de Arte de Blumenau – MAB

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Sueli Petry
Diretora

CONSELHO EDITORIAL

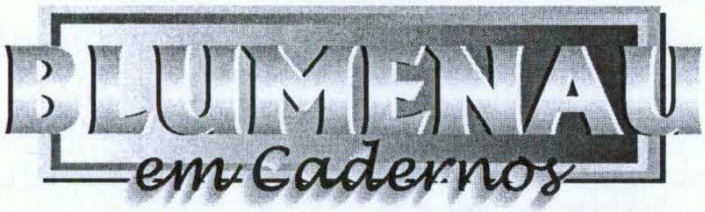
Annemarie Fouquet Schünke *(Presidente)*
Cristina Ferreira
Gervásio Tessaleno Luz
Ivo Marcos Theis
Marcos Schroeder
Roberto Marcelo Caresia
Urda Alice Klueger
Viegas Fernandes da Costa

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
Prêmio Destaque - 2002
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

© 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS
Expediente: Alameda Duque de Caxias, 64 – Caixa Postal, 425 - 89015-010 – Blumenau (SC)
Fone (0**47) 326-6990 - E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br

Capa: Documentos do acervo particular do Dr. Blumenau
Silvio Roberto de Braga
Revisão: Valdir A. Petry
Digitação: Dayana de Cássia e Garperin Andrade
Secretária: Mirela Nolasco

CULTURA EM MOVIMENTO editora

EDITORA CULTURA EM MOVIMENTO
Rua XV de Novembro, 161 – Centro – Caixa Postal 425 - 89010-001 - Blumenau - SC
Fone (0**47) 326-7511 - E-mail: editora@fcblu.com.br
http://www.fcblu.com.br

Ficha Catalográfica
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller - Blumenau – SC

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (06) 1957 -
Il.
Bimestral

ISSN 0006-5218

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907
© Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial pela Editora Cultura em Movimento
"Impresso no Brasil / Printed in Brazil"

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

SUMÁRIO

Apresentação 07

Documentos Originais – Artigo

Um incidente desagradável
Karl Kleine
Tradução Annemarie Fouquet Schünke 09

Ein peinlicher Zwischenfall
Karl Kleine 10

Artigos

O papel da igreja evangélica na preservação da língua alemã na Colônia Hammonia.
Harry Wiese 35

Escravidão e liberdade numa Villa do Brasil Meridional
José Bento Rosa Da Silva 48

A cozinha alemã
Alda Niemeyer 56

A conjuntura de Itajaí à época da edificação da Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento
Edison d'Ávila 59

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Memórias

Um lugar chamado Vila Itoupava
Elke Tschersovsky 68

Anos Cinqüenta – os filmes
Homero Bruno Malburg 79

História & Historiografia

Fontes para a História Regional
Sueli Maria Vanzuita Petry 81

Burocracia & Governo

Relação dos moradores residentes na região do Rio Tijucas Grande e Perequê até a Caixa de Aço 88

Autores Catarinenses

O ano Érico Veríssimo
Enéas Athanázio 114

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Apresentação

O fio condutor desta revista é a divulgação de textos que discorrem sobre Cultura, Identidade Coletiva, Biografias, Colonização, Memórias, Literatura Catarinense e demais questões voltadas à História do Vale do Itajaí e Santa Catarina.

Assim, apresenta-se na coluna bilíngüe ***Documentos Originais - artigos***, o texto "Ein peinlicher Zwischenfall" que quer dizer: "*Um incidente desagradável*". Os originais, de autoria do imigrante Karl Kleine, fazem parte das suas memórias escritas e publicadas sob a forma de um livro, o qual intitulou-se "*Blumenau einst Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten" (Blumenau de Ontem: experiências e recordações de um imigrante).* O autor, conforme a edição anterior, continua narrando os episódios de um grupo de imigrantes durante a viagem do porto de Itajaí, onde haviam chegado procedentes da Alemanha, até o seu destino, a Colônia Blumenau. Estas memórias estão sendo traduzidas para a Revista pela colaboradora Annemarie Fouquet Schünke.

Na coluna ***Artigos***, o mestre em Educação e professor da FURB e UDESC, Harry Wiese, publica "*O papel da igreja evangélica na preservação da língua alemã Colônia Alemã* ". Ao formulá-lo, o autor analisa e descreve as manifestações encontradas na colônia com referência à fé cristã e até que ponto esta mesma fé cristã interferiu na fala e na preservação da língua e cultura alemãs, no Vale do Itajaí do Norte.

O segundo artigo tem como autor o historiador e professor da UNIVALI, Edison d´Ávila, cujo o título é: "*A conjuntura de Itajaí à época da edificação da Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento*". O autor lembra o cinqüentenário de consagração da Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento, dentro do contexto histórico em que foi construído bem como também descreve a imponência arquitetônica e a beleza artística que a transformaram no monumento mais notável da cidade.

Alda Niemeyer, ao escrever o artigo *"A Cozinha Alemã"*, traz para os leitores alguns esclarecimentos sobre a comida alemã, a qual não se limita ao chucrute com joelho de porco ou lingüiça, ou ainda, marreco recheado com repolho roxo. Sua rica contribuição vem auxiliar nesta especificidade dos usos e costumes da cultura alemã.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ainda na coluna **Artigos**, o professor e pesquisador da UNIVALI, José Bento Rosa da Silva, com *"Escravidão e liberdade numa Villa do Brasil Meridional"*, traz para a discussão uma temática pouco investigada e trabalhada pelos pesquisadores, no que tange ao regime escravocrata em Santa Catarina.

Em ***Memórias***, Homero Bruno Malburg relembra com seu texto "Anos Cinqüenta – os filmes", as formas de lazer desta geração que encontrava nas produções nacionais e americanas momentos de entretenimento.

Continuando nesta linha de lembranças, Elke Tschersovsky, ao escrever "Um lugar chamado Vila Itoupava", revela vivências da sua infância e adolescência na região da Vila Itoupava onde morava com seus pais.

Objetivando divulgar acervos até há pouco retidos em arquivos alemães, a professora do Curso de História da FURB e diretora do AHJFS, Sueli Maria Vanzuita Petry, escreve, na coluna **História & Historiografia**, o texto *"Fontes para a História Regional"*. Comenta e avalia a entrada de novos documentos para o acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva-AHJFS, procedentes do Arquivo da Câmara de Comércio de Hamburgo e Arquivo Estadual da Baixa Saxônia, de Wolfenbüttel.

Publica-se em ***Burocracia & Governo*** uma listagem com nomes de famílias e pessoas das primeiras décadas do século XIX, residentes na Vila de Porto Belo. A sua importância deve-se ao fato da mesma nominar os primeiros moradores daquela região do território catarinense. Para assegurar a autenticidade do documento, ao efetuar-se a transcrição, respeitou-se a linguagem e escritos contidos nos originais.

Por fim, o escritor Enéas Athanásio, em **Autores Catarinenses**, publica "*O ano Érico Veríssimo*" onde tece comentários referentes à sua produção literária, lembra de Paulo Setúbal que viveu 2 anos em Santa Catarina e divulga uma crônica de sua autoria.

Sueli M. V. Petry
Diretora

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Um incidente desagradável

*Karl Keine**
*Annemarie Fouquet Schünke***

Documentos Originais - Artigos

Deixemos de lado nossos dois heróis tão distintos um do outro e vamos dar atenção aos demais companheiros de viagem. O sol ainda não havia despontado e tudo já estava preparado para a partida. No instante em que o patrão queria partir, apareceu um cavaleiro na margem do rio, ordenando, já de longe, que parássemos. Atrás dele vinha o vendeiro Köhler, abanando insistentemente. O cavaleiro trajava apenas camisa e calças, que estavam arregaçadas até os joelhos. As ceroulas largas, sem as quais não é possível imaginar um brasileiro, estavam amarradas nos tornozelos. Ele cavalgava descalço; num pé, uma imensa espora com uma grande roda pontiaguda de aço. Usava um chapéu de palha, cujas abas largas pendiam nas laterais de tão velho que era. Este imponente cavaleiro se apresentou aos imigrantes

* Imigrante alemão veio para a Colônia Blumenau em 1856. Suas lembranças "Blumenau de Ontem: experiências e recordações de um imigrante" - (*Blumenau einst Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten*) foram redigidas em 35 cadernos. Os originais encontram-se no acervo do Arquivo Histórico Prof. José Ferreira da Silva, órgão vinculado à Fundação Cultural de Blumenau. Fundo Memória da Cidade – Coleção "Família Kleine".

** Tradutora

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ein peinlicher Zwischenfall

Lassen wir die beiden ungleichen Helden einstweilen laufen und sehen uns wieder einmal nach den anderen Reisegefährten um. – Die Sonne war noch nicht aufgegangen, so war schon alles zur Abfahrt bereit. Gerade wollte der Patrão das Zeichen zur Abfahrt geben, als ein Reiter am Ufer erschien, der schon von weitem Halt gebot. Hinter ihm kam der deutsche Vendeiro Köhler, der auch fortwährend winkte. Der Reiter trug nur Hemd und Hosen, die überdies bis über die Knie aufgekrempelt waren. Die weiten Unterhosen, ohne die man sich einen Brasilianer nicht denken kann, waren an den Knöcheln fest zugebunden. Er ritt barfuß; an dem einen Fuß war ein riesenhafter Eisensporen mit einem ungeheuren Rad aus Stahl, an dem sich lange spitze Zähne befanden. Auf dem Kopf trug er einen breiträndigen Strohhut, dessen altersschwache Krempen an beiden Seiten herunterklappten. Dieser stattliche Reiter stellte sich jetzt als Inspetor do Quarteirão (Quartierinspektor mit Polizeigewalt) den erstaunten Immigranten vor und frug den Patrão João, ob ein Senhor Anta (Tapir) auf seinen Fahrzeugen sich befände. João war aber gerade nicht gut gelaunt heute morgen, und diese Störung machte ihn noch ungenießbarer. Er antwortete dem Polizeiobersten: „Wenn Sie Tapire fangen wollen, bemühen Sie sich gefälligst in den Wald. Auf meinen Booten sind bis heute noch keine solche Tiere als Passagiere mitgefahren."

Diese Antwort versetzte nun wieder den hohen Polizeibeamten in eine so üble Laune, daß er seine Würde vergaß und schrecklich zu schimpfen anfing. João blieb nichts schuldig, und schon drohte die Sache einen ernsten Charakter anzunehmen, als sich Köhler ins Mittel legte. Er beruhigte erst die beiden Zänker und wandte sich dann an die Immigranten: „Ein gewisser Ante oder Hante unter Euch hat heute Nacht einen dummen Streich begangen, der für Euch alle schlimme Folgen tragen kann, wenn ihr nicht auf meinen Rat hört. Hante soll, kurz gesagt, einen Neger erschlagen haben. Hier hielt Köhler ein wenig inne, um sich an dem Schrecken der armen Immigranten zu weiden. Dann fuhr er fort: „Ihr sollt also den Hante ausliefern, oder ihr müßt alle wieder zurück bis an die Barra, um dort eure Aussage über den Mörder abzugeben".

Man kann sich denken, welche Wirkung diese Worte auf die erschrockenen Reisenden ausübten. Die Männer fluchten, die Weiber heulten und darum fingen die Kinder an zu schreien. Es war eine heillose Wirtschaft!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

como Inspetor de Quarteirão, perguntando ao mestre João se havia um Senhor Anta (tapir) em sua embarcação. João não estava em seu melhor humor e este estorvo o fez ainda mais intratável. Respondeu ao policial: "Vá até o mato se quiser pegar algum tapir, jamais transportei estes animais como passageiros em minha embarcação".

Esta resposta irritou profundamente o policial que começou a xingar, deixando sua dignidade de lado. João não ficou devendo em nada, e Köhler interveio quando a discussão estava ficando séria demais. Ele acalmou os ânimos e falou aos imigrantes: "Um tal Ante ou Hante cometeu uma grande bobagem esta noite, que poderá trazer sérias conseqüências para todos, se vocês não atenderem ao meu conselho. Serei breve, parece que Hante matou um negro". Köhler fez uma pausa para deleitar-se com o susto dos pobres imigrantes e continuou: "Vocês devem entregar Hante ou todos precisarão voltar até a Barra para prestarem depoimento sobre o assassino".

Pode-se imaginar a reação que estas palavras provocaram nos assustados imigrantes. Os homens esbravejavam, as mulheres choravam e as crianças começaram a gritar. Foi um pandemônio! Três ou quatro homens se precipitaram margem acima para procurar o delinqüente. Köhler os chamou de volta e falou com toda calma:

– Prestem atenção, escutem bem o que vou dizer: essa história não é bem assim como vocês pensam. O negro morto está tomando seu café na venda, foi ele mesmo quem fez a denúncia, afirmando que Nante o matou. Vejam vocês, ele somente quer tirar algum dinheiro. Juntem-se e lhe dêem dez mil-réis e tudo ficará bem. Prestem atenção, eu só quero ajudá-los.

– Eu acredito no senhor - respondeu meu pai - mas Nante deve ter feito alguma coisa contrária à lei, pois essa história não surgiu do nada.

– Foi como disse, os dois se atracaram numa briga por causa da maldita negra. Isso é tudo! Dêem-lhe o dinheiro e tudo estará resolvido. Mas, façam de conta como se fossem seus últimos vinténs, senão tentarão tirar ainda mais.

Tudo foi feito conforme a sugestão de Köhler. Os dez mil-réis foram juntados a contragosto. Os comentários sobre Nante não foram nada elogiosos, tanto que decidiram cortar a relação com ele, afastando-o do seu convívio. Quando a soma estava completa, Köhler a entregou ao inspetor, que a recebeu com um leve sorriso. Endireitou-se no selim, fazendo uma

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Drei, vier Männer stürzten das Ufer hinauf, um den Übeltäter zu suchen. Köhler rief sie zurück und sagte jetzt ganz ruhig und langsam: „Hört mich nur bis zum End an, ihr liebe Leut; die ganz Geschicht is nit so schlimm als ihr meint. Der tote Neger sitzt bei mich in de Vende un trinkt sei Kaffee. Er hat selbst die Anzeig gemacht, daß Nante ihn totgeschlan hat. Seht ihr Leit, se wolle euch nore Geld abzwacke, dat is de ganz Geschicht. Tut euch zusamm und gebt demm lo zehn Mil, und de Geschicht hat ein End. Hört auf mich, ich mein et lo gut mit Euch."

„Das will ich Ihnen recht gerne glauben", sagte hierauf mein Vater, „aber Nante muß doch wohl irgend etwas Polizeiwidriges getan haben, so ganz aus der Luft kann doch die Geschichte nicht gegriffen sein." – „Dat wie ich Ihne sage. Se han sich gekatzbalgt um son verflucht Negermensch. Dat alles. Gebt ihm das Geld, un die Geschicht is aus de Welt. Ihr müßt aber so tun, als ob ihr Eure letzten Vintens zusammesuche müßt, sonst preßt Euch der da noch mehr ab."

Das geschah denn auch nach Köhlers Rat. Mit Ach und Krach wurden die zehn Milreis zasammengebracht. Dabei fielen aber auch noch Bemerkungen über den sauberen Herrn Nante mit ab, die diesem wahrlich nicht zur Ehre gereichten. Ja, man nahm sich vor, in keiner Weise mehr mit ihm zu verkehren und ihn ganz aus ihrer Gesellschaft auszustoßen. – Es kam aber gerade umgekehrt! – Als nun das Reuegeld zusammengestoppelt war, übergab es Köhler dem lauernden Inspektor, der es schmunzelnd einsteckte. Dann richtete er sich im Sattel auf, machte eine regelrechte Verbeugung, schwenkte seinen großen Schlapphut und rief zum Überfluß noch alle Heiligen zum Schutz für unsere Reise an. Dann hackte er seinen fürchterlichen Sporen in des Pferdes Weiche und jagte davon, daß Kies und Funken stoben.

Fortsetzung der Reise

Nun endlich, nachdem sich noch alle herzlich bei Köhler, der uns wirklich einen großen Dienst geleistet hatte, bedankt hatten, konnt die Reise wieder weitergehen. Heute ging es aber nicht mit vollen Segeln, denn der Seewind ist vormittags nur sehr selten und setzt gewöhnlich erst um 2 Uhr nachmittags ein. Die Boote mußten also mit großen Stangen fortgeschoben werden. In jedem Boote befanden sich drei Mann Besatzung. An jeder Seite ging einer mit seiner Stange und einer führte das Steuerruder. Um Grund für die Stangen zu haben, mußten die Fahrzeuge immer dicht am Ufer

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mesura, abanou com o chapéu e ainda invocou todos os santos. Fincou as esporas no cavalo e saiu em disparada, espalhando o cascalho.

A viagem continua

Enfim, pudemos prosseguir após agradecermos a Köhler, que realmente nos prestou um grande serviço. Hoje nos deslocamos mais devagar, pois é raro ventar durante a manhã. Normalmente o vento começa a soprar somente pelas duas horas da tarde. Portanto, as embarcações eram impelidas com a ajuda de varas. Em cada embarcação havia três tripulantes, dois manobravam as varas nas laterais e o outro o leme. Era preciso manter as embarcações, o mais possível, junto à margem, para as varas alcançarem o leito do rio. Caso fosse necessário atravessá-lo, utilizavam os remos. Como o nível do rio estava bom conseguimos prosseguir relativamente depressa.

Da Barra até Luís Alves somente vimos margens planas cobertas com junco e tábua (bunho). Em ambas as margens havia míseros casebres de brasileiros. Passamos apenas por uma casa grande de formato quadrado. Pertencia a um tal Mafert, proprietário de uma grande extensão de terra, trabalhada por escravos. Toda região parecia ser pantanosa, e fora as terras de Mafert não havia sinal de agricultura. Vimos apenas algumas laranjeiras e matos de goiabeiras. Aqui, os brasileiros viviam realmente só da pesca e da caça. A terra que habitavam sequer lhes pertencia. O proprietário, um fazendeiro benevolente, permitia que ficassem por caridade. Às vezes levavam esteiras ou lenha até a Barra. Essa era sua única atividade comercial, além da venda de peixe. Suas vestimentas eram nada mais do que calça e camisa; o pano era tecido pelas mulheres, que também plantavam o algodão. Em casa, as mulheres usavam apenas combinação vermelha de lã e camiseta, raras vezes vestiam um vestido com casaco. O brasileiro comum não tem muitas necessidades, só se preocupa com o hoje e o amanhã. Da mesma maneira não precisa de escola ou de outro estabelecimento qualquer. Somente a Igreja não pode faltar.

Em determinada época do ano um tipo de peixe marinho, denominado bagre, sobe o Itajaí para a desova. Os brasileiros pobres do baixo Itajaí sobrevivem desses bagres, pescados em grande quantidade e secados ao sol (das cabeças cozidas é extraído óleo).

Colonos no baixo Itajaí

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

bleiben. Sollte übergetzt werden, so kamen die großen Ruder an die Reihe. Da der Wasserstand des Flußes gerade sehr günstig war, so kamen wir verhältnismäßig schnell vorwärts.

Von der Barra bis Luiz Alves hatten wir nur flache Ufer mit Schilfrohr und Binsen bedeckt gesehen. Lauter elende Brasilianerbuden standen auf beiden Ufern. Nur ein einziges großes Haus, in Quadratform gebaut, hatten wir passiert. Es gehörte einem gewissen Mafert, der hier große Ländereien besaß, die er mit Sklaven bearbeitete. Die ganze Gegend schien sehr sumpfig zu sein. Außer bei Mafert war von Landanbau keine Spur. Einige Orangenbäume und ganze Wälder von Goiabas waren alles, was wir sahen. Die Brasilianer hier lebten tatsächlich nur von Fischfang und der Jagd. Sie wohnten nicht einmal auf eigenem Grund und Boden, sondern auf dem Lande eines Fazendeiros, der sie hier aus Gnade und Barmherzigkeit sitzen ließ. Manchmal brachten sie auch ein paar Matten, aus Binsen geflochten und esteiras genannt, oder eine Bootslaudng Brennholz nach der Barra. Das war ihr ganzer Handel außer dem Verkauf von Fischen. Ihre Kleider, welche fast nur aus Hemd und Hosen bestehen, weben ihnen ihre Frauen, die auch die Baumwolle dazu anpflanzen müssen. Die Weiber gehen zu Hause in rotem wollenen Unterock und Hemd, nur selten ziehen sie ein leichtes Kleid oder eine Jacke darüber an. Der einfache Brasilianer hat keine Bedürfnisse und denkt immer nur von heute bis morgen. Ebenso wenig braucht er Schulen oder sonst eine nützliche Einrichtung. Nur die Kirche darf nicht fehlen.

Alljährlich kommen zu gewisser Zeit eine besondere Art Seefische, die sie Bagre nennen, in den Itajahy, um zu laichen. Von diesen Bagres nun, die massenhaft gefangen und an der Sonne getrocknet werden (nachdem ihnen die dicken Köpfe abgeschnitten sind, aus denen man Tran kocht), leben hier alle armen Brasilianer am unteren Itajahy.

Siedler am unteren Itajahy

Von Luiz Alves an werden die Ufer des Flusses höher und das Land besser. Auch sah man schon hier und da ein etwas besser gebautes Haus. Von Pflanzung war nichts zu sehen, weil das Uferland zur Weide benutzt wurde. Stellenweise trat noch der Uferwald bis unmittelbar an den Fluß heran. – Erst weiter flußaufwärts kamen wir in die sogenannten Belgiervolten. Volten nannte man die Biegungen oder Mäander des Flusses. Diese Belgier waren schon längere Zeit hier ansässig und betrieben sämtlich

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Depois de Luiz Alves, as margens são mais altas e a terra é melhor. Aqui e acolá, via-se uma casa bem construída. Não havia plantação alguma, a terra era usada para pasto. Em alguns lugares a mata ciliar se estendia até a margem do rio. Mais rio acima, chegamos às denominadas voltas dos belgas. As curvas ou meandros do rio eram denominados voltas. Estes belgas já estavam estabelecidos aqui há tempo, plantavam cana-de-açúcar e mandioca. Por isso, havia engenho e uma atafona em cada propriedade. Ainda plantavam algodão, milho, feijão, batata inglesa e outros tubérculos, porém, somente para o consumo próprio. Havia abundância de frutas como: laranjas, bananas, melancias, algumas uvas e goiabas. De verdura havia somente o repolho nativo e algumas ervas aromáticas. Desconheciam o pão, este era substituído pela farinha de mandioca. Naquela época, não havia um forno sequer ao longo do rio. Caso assassem pão, utilizavam farinha de mandioca. A massa era enrolada em folhas e coberta com carvão e cinza quente. Este pão, realmente não merecia ser qualificado como pão, mas, servia como medida para o estômago, pois, aquele que o digeria poderia comer cascalho se fosse preciso.

Depois dos belgas vieram os chamados alemães "antigos", que levavam o mesmo estilo de vida. Estes alemães vieram de outras colônias e quase todos eram oriundos da região do Reno e do Hunsrück. Seu estilo de vida era patriarcal, eram hospitaleiros e se satisfaziam com muito pouco, não havia escola, farmácia e médico. A igreja mais próxima ficava a um dia de distância.

Todos esses colonos possuíam muita terra, comprada do governo por um preço mínimo. Em contrapartida a estrada era péssima, porém, isso não os afetava, pois o rio era e ainda é a principal via de comunicação. Todos os anos, terminada a colheita de cana-de-açúcar e de mandioca, os iates vindos de Florianópolis subiam o rio para comprar cachaça, açúcar e farinha de mandioca dos colonos. Os capitães já conheciam seus clientes e traziam mercadorias para a troca. Dessa maneira todo pai de família comprava no atacado, assim conseguia tudo por um preço mais baixo. Por isso não havia nenhuma venda ao longo do rio, se não considerarmos as bodegas de cachaça.

Naquela época, havia ao longo do Itajaí, desde a Barra, quatro áreas distintas: a parte onde habitavam os brasileiros; depois vinham os belgas; em seguida os alemães antigos e por fim a Colônia Blumenau. Nós

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Zuckerrohr – und Mandiokbau. Daher stand auch auf jedem Grundstück eine Zuckerrohr – und Mandiokmühle. Sie bauten aber auch etwas Baumwolle, Mais, Bohnen, Kartoffeln und andere Knollenfrüchte an, aber fast nur zum Hausbedarf. An Obst: Orangen, Bananen, Ananas, Melonen und etwas Weintrauben, Goiabas wuchsen überall wild, an Gemüse nur den einheimischen Kohl und einige Küchenkräuter. Brot kannten sie nicht. Mandiokmehl mußte dessen Stelle vertreten. Am ganzen Fluß gab es damals keinen Backofen. Wurde wirklich einmal Brot gebacken, so nahm man Mandiokmehl dazu. Der Teig wurde dann in Blätter eingewickelt und mit Kohle und heißer Asche zugedeckt. Man konnte von diesem Brot nur sagen, daß es seinen Namen nicht verdiente. Doch war es ein guter Magenbarometer. Wer dieses Gebäck verdaute, konnte im Notfall auch mit Kieselsteinen fertig werden.

Nach den Belgiern kamen dann die sogenannten „alten" Deutschen, die genau dieselbe Lebensweise führten. Diese Altdeutschen waren aus anderen Kolonien hierher gezogen und bestanden fast aus lauter Rheinländern, darunter viele vom Hunsrück. Sie lebten alle in patriarchalischen Verhältnissen, waren sehr gastfreundlich und bedurften sehr wenig zu ihrer Zufriedenheit. Schule, Apotheke, Doktor fehlten. Die nächste Kirche war eine Tagreise entfernt.

Alle diese Kolonisten besaßen viel Land, welches sie von der Regierung für einen Spottpreis erstanden hatten. Dagegen hatten sie eine sehr schlechte Straße, was sie aber wenig kümmerte, weil der große Fluß die Hauptverkehrsstraße bildete und jetzt noch bildet. Jedes Jahr, wenn die Zuckerrohr – und Mandiokernte vorbei war, kamen Hiatas (zweimastige Küstenfahrzeuge) aus Desterro den Fluß herauf und kauften der Kolonisten Produkte an Schnaps, Zucker und Farin auf. Die Kapitäne kannten ihre Kunden schon und brachten gleich die Waren für deren Bedarf zum Umtausch mit. Auf diese Weise kaufte jeder Familienvater im großen ein und bekam es dadurch viel billiger. Daher kam es auch, daß es am ganzen Fluß keinen einzigen Verkaufsladen gab, wenn man von den einfachen Schnapsbuden absehen will.

Man unterschied zur damaligen Zeit von der Barra an vier Hauptteile des Itajahyflusses: den Teil, wo die Brasilianer wohnten, dann kamen die Belgier, danach die alten Deutschen und erst zuletzt die eigentliche Kolonie Blumenau. – Unsre Reisegesellschaft befand sich noch immer unterhalb der Belgiervolten. Heute noch bekam sie viel Neues und

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ainda nos encontrávamos antes das voltas do rio da região dos belgas. Ainda hoje, teríamos novidades que nos causariam surpresa. Durante a manhã muitos brasileiros estavam ocupados em tirar os espinhéis, nos quais havia anzóis distribuídos em toda extensão. Em cada anzol havia uma ova de bagre seca, parecendo uva amarela. Quando os peixes percebem estas ovas, logo avançam e caem na armadilha. Alguns pescadores têm cinco, até dez destes espinhéis, nos quais estão presos cinqüenta a cem anzóis. Durante a safra os espinhéis ficam repletos de peixes. Pode-se imaginar o que estes bagres representavam para os brasileiros pobres. Pela primeira vez, vimos este tipo de pesca. Embora o tempo da pesca já tivesse terminado, ainda assim, havia alguns cardumes fora de época apresentando-nos este espetáculo bizarro.

Um pouco adiante, uma mulher e uma menina vestidas apenas com blusa e combinação estavam sobre uma pedra plana que avançava rio adentro, lavando a roupa de modo singular. As peças eram ensaboadas, mergulhadas na água e esfregadas algumas vezes com a mão, mergulhadas novamente na água e então batidas num ritmo constante sobre a pedra até tirar o excesso de água e a roupa estar branca. As mulheres alemãs balançaram suas cabeças loiras com este método de lavar.

O Infortúnio de Nante continua

Nesse meio tempo havíamos chegado à região dos belgas. Deveria ser por volta das onze horas, o sol ardia e o patrão pretendia aportar, quando avistamos ao longe, na margem do rio, uma pessoa abanando com um lenço. Ao chegarmos mais perto percebemos que era Goldener. Então meu pai perguntou:

– Aconteceu alguma coisa?.

– Sim, Nante está aqui em cima e não pode ir adiante.

– Embriagado?

– Não, ele exagerou com melancia.

– Bem, agora temos um problema!

O patrão mandou atracar imediatamente e foi pessoalmente com a tripulação verificar o estado de Nante, "o infeliz". Meu pai e mais outros o acompanharam. Não era muito longe. O "compridão" estava estirado debaixo de um arbusto e sequer se mexia. Apenas os olhos pediam por socorro, estava com uma aparência horrível. Manchas azuis sobressaíam no

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

für sie Staunenswertes zu sehen. Am Morgen waren noch viele Brasilianer damit beschäftigt, ihre espinhelas genannten langen Angelschnüre zu heben, an denen auf die ganze Länge verteilt viele einzelne Angelhaken hängen. An jedem Haken sitzt ein getrocknetes Bager-Ei, das aussieht wie eine gelbe Weinbeere. Wenn die Fische diese Eier sehen, wollen sie sie in Sicherheit bringen und werden dabei selbst gefangen. Manche Fischer besitzen 5 bis 10 solcher espinhelas, an denen 50 bis 100 Angelhaken hängen. In der Hauptfangzeit zappelt es nur so von Fischen, wenn die espinhelas gehoben werden. So kann man sich denken, daß dieser Bagerfang für die armen Brasilianer von großer Bedeutung war. Unsere Einwanderergruppe sah nun heute zum esten Mal einem solchen Fischfang zu. Wenn auch die eingentliche Fangzeit schon vorüber war, so haben sich doch noch einige Fischschwärme gezeigt, die sich verspätet hatten und uns jetzt dieses seltsame Schauspiel boten.

Ein Stückchen weiter saßen eine Frau und ein Mädchen, nur mit Hemd und Unterrock bekleidet, auf einem platten Stein, der weit in den Fluß hineinragte, und wuschen dort auf eigenartige Weise ihre Wäsche. Die Stücke wurden erst gehörig eingeseift, ins Wasser getaucht, mit den Händen ein paarmal durchgerieben, wieder ins Wasser getaucht und dann im Takt auf den großen Stein geschlagen, bis das Wasser alles raus und die Wäsche wieder weiß war. Die deutschen Frauen schüttelten gar sehr ihre blonden Köpfe über diese Art zu waschen.

Nantes weiteres Mißgeschick

Mittlerweile waren die Boote schon bis ins Belgierviertel gekommen. Es mochte ungefähr elf Uhr sein; die Sonne brannte heiß herab, und der Patrão sprach schon von Anlegen, als ganz oben am Ende der Volte eine Gestalt am Ufer erschien, die fortwährend mit den Händen winkte und ein großes Taschentuch schwenkte. – Beim Näherkommen erkannten wir Goldener. Als wir in Hörweite kamen, rief mein Vater: „Ist etwas passiert?“ – „Jawohl, Nante liegt hier oben am Weg und kann nicht mehr weiter.“ – „Besoffen?“ – „Nein, er hat sich an Melonen überfressen“. – „Na ja, da haben wir die Bescherung!“

Der Patrão ließ sogleich anlegen und ging selbst mit allen seinen Matrosen, um zu sehen, wie es mit Nante, dem Unglücksvogel, bestellt sei. Mein Vater und mehrere andere gingen gleichfalls mit. Es war gar nicht weit bis an den Weg. Da lag der lange Schlaks unter einem Busch und rührte

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

rosto pálido e o abdômen estava muito inchado. O patrão ficou preocupado e falou: "Muito melão, nada bem, nada bem, vai morrer! Dentro três, quatro horas estará morto! É isso mesmo!

Isso não foi nada confortante. Os homens o carregaram até a margem junto aos botes e o deitaram na grama. Um propunha uma coisa, o outro, outra. Ninguém conseguia ajudar, o que é comum nestes casos. Barthel, do qual ninguém se lembrara, estava vindo com uma garrafa de remédio que havia preparado nesse meio tempo. Ao seu sinal, os que estavam mais perto, o ajudaram a ministrar o remédio. Após a última gota ter descido, ele falou: "Não pode ser feito mais nada, agora é só aguardar e ver o que vai acontecer". Nante parecia estar morto, seus olhos estavam revirados. Todos achavam que ele não agüentaria mais muito tempo, somente Barthel não. Falou com tamanha determinação, que todos ficaram esperançosos: "É preciso que venha mesmo todo pedaço de melancia que estiver grudado no estômago". E Barthel teve razão. E como veio! E veio com força total, parecia estar sendo bombeado para fora. A quantidade era enorme, demonstrando a gula com a qual havia devorado estes frutos. Se não tivesse tido ajuda, certamente teria morrido.

O patrão insistiu em continuar a viagem. Ele ainda queria vencer alguns cem metros, para então descansar ao meio-dia debaixo de árvores. Mas, o que fariam Nante e Goldener, cujos pés estavam machucados de tanto andar? A pedido dos demais e, de um disfarçado aperto de mãos por parte de Barthel, o patrão amoleceu e resolveu levar os dois inseparáveis.

Nante não foi bem recebido pelos companheiros e, a história dos dez mil-reís da manhã, logo lhe foi jogado na cara. Mas, parece que isso não o incomodou.

Descanso ao meio-dia

Enquanto isso os barcos atracaram. O lugar era fresco e sombreado, próprio para enfrentar o calor do meio-dia. Na margem oposta, a mata virgem chegava até o rio. Uma enorme figueira cheia de orquídeas em flor, parasitas e trepadeiras sobressaia entre as demais, provocando a admiração dos imigrantes pela imponência. Tanto a tripulação quanto os imigrantes preparam a refeição, cada qual a seu modo. Então todos tiraram uma sesta.

Alguns se acomodaram debaixo das árvores, Barthel também, porém mais afastado dos outros, com a cabeça apoiada nas mãos. Meu pai

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sich nicht mehr. Nur die Augen irrten hilfesuchend von einem zum andern. Er sah schauderhaft aus! Von den leichenblassen Gesicht stachen die blauen Flecke unheimlich ab. Dazu war der Unterleib hoch aufgeschwollen. Der Patrão schüttelte bedenklich den Kopf und sagte in seinem Kauderwelsch: „Viel Melon, nix gutt, nix gutt, geht capuut! Drei, vier Stund – capput! Jawohl!" Das war nun gerade nicht sehr tröslich. – Die Männer trugen Nante ans Ufer zu den Booten und legten ihn einstweilen ins weiche Gras. Der eine schlug dies vor, der andere das. Wie's so geht bei solchen Gelegenheiten, aber keiner konnte helfen. Da kam Barthel, an den kein Mensch gedacht hatte, mit einer Flasche Medizin, die er inzwische zurechtgemacht hatte. Auf seinen Wink halfen ihm die Umstehenden, dem Nante diese Medizin beizubringen. Als der letzte Tropfen runter war, meinte Barthel trocken: „Weiter können wir vorläufig nichts tun, nun muß erst abgewartet werden, was danach kommt." – Nante lag wie tot und hatte die Augen ganz schrecklich verdreht. Jeder dachte, daß er es nicht mehr lange mitmachte, nur Barthel nicht. „Es muß erst abgewartet werden, was danach kommt."- Nante lag wie tot und hatte die Augen ganz schrecklich verdreht. Jeder dachte, daß er es nicht mehr lange mitmachte, nur Barthel nicht. „Es muß kommen! Und wenn jedes Stück Melone in seinem Magen festgenagelt wäre", sagte er mit solcher Bestimmtheit, daß jedermann wieder Hoffnung schöpfte. – Und Barthel behielt recht: es kam! Ja, es kam mit einem Male und mit solcher Gewalt, als würde es mit einer Dampfpumpe herausbefördert. Riesige Mengen erschienen und gaben Zeugnis von der Gier, mit der Nante diese Früchte hinuntergeschlungen hatte. Ohne Hilfe wäre er zweifellos umgekommen. –

Der Patrão drängte zur Weiterfahrt. Er wollte noch einige hundert Meter schaffen, um unter dem Schatten einer Baumgruppe Mittagsrast zu halten. Aber was sollte mit Nante und Goldener, der sich die Füße ganz wund gelaufen hatte, geschehen? Auf Bitten der übrigen Männer und einem heimlichen Händedruck Barthels, ließ sich der Schiffer erweichen, die beiden Unzertrennlichen mitzunehmen. – Nante wurde von den Insassen der Boote nicht gerade freundlich angesehen, und die Zehnmilreisgeschichte von heute morgen bekam er auch sofort unter seine lange Nase gerieben. Ihn schien das aber nicht viel zu kümmern.

Mittagsrast

Unterdessen hatten die Boote wieder angelegt. Hier war ein kühles,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

o procurou, pois sentiu a necessidade de ter uma conversa franca com ele. Quando meu pai se sentou ao seu lado percebeu que ele havia chorado.

– Eu não sei bem como me fazer entender, sem ser mal interpretado, falou meu pai. Gostaria de lhe dizer que nos últimos dias mudei minha opinião sobre o senhor. Eu o achava tímido e retraído, mas agora estou convencido do contrário. Eu não consigo entender que um homem culto seja ... seja..

– Vou ajudá-lo, retrucou Barthel com um sorriso amargo, que eu seja tão desleixado, não é isso?

– Bem, é isto mesmo.

– Eu não me incomodo mais com isso, nem fico aborrecido, falou Barthel. Há anos estou acostumado de ser julgado pela aparência. Quero contar-lhe porque me encontro nesse estado: "Eu vivia na prosperidade. A farmácia e uma bela casa de dois pavimentos eram de minha propriedade e ainda são. Não é preciso deixar tudo para trás. Eu ainda tinha mais uma drogaria com três a quatro empregados. Tudo ia muito bem até mais ou menos três anos atrás, quando tive um acidente durante o inverno, caí nas águas geladas dum lago". (Ele se calou humildemente, e não disse que caíra do lago congelado, enquanto tentava salvar dois meninos. Sua mulher contou isso mais tarde para minha esposa). "Eu fiquei muito doente, consegui me recuperar, mas fiquei com esta rinite como mal permanente. Infelizmente não deu para curar. Daí em diante era evitado por todos, porque tinham nojo de mim, por fim achava que ficaria louco. Eu era um excluído!".

Barthel passou a mão sobre os olhos e continuou: "Então lembrei que talvez eu pudesse me restabelecer num país de clima mais quente, e agora estamos aqui. Eu trago uma pequena fortuna comigo, para tentar de tudo e me curar. Caso isso aconteça, então voltaremos".

Quando Barthel terminou, meu pai retrucou:

– Agora compreendo o que antes não conseguia entender. Esteja certo de minha solidariedade com o seu destino injusto.

– "Acredito nisso, senão teria permanecido quieto", falou Barthel. Como se em manteve silêncio, a conversa findou e ambos cochilamos.

Enquanto isso Goldener estava no barco, refrescando os pés inchados na água. Nante cochilava ao seu lado. De repente Goldener o sacudiu, indicando para a figueira. Um bando de macacos monos se reunira no topo da figueira sem serem notados. Agora todos os viajantes os

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

schattenreiches Plätzchen, wie dazu gemacht, der großen Mittagshitze zu trotzen. Gegenüber, am anderen Ufer stand der Urwald noch bis an den Fluß. Eine riesengroße Figueira, ein wilder Feigenbaum, über und über mit blühenden Orchideen und anderen Schmarotzern und Schlingpflanzen bedeckt, ragte mit ungeheurer Krone noch ein gutes Stück über den Fluß und erregte durch ihren gigantischen Wuchs die höchste Bewunderung der Einwanderer. Die Schiffsbesatzung und die Deutschen bereiteten ihr Mittagessen jeder nach seiner Art. Danach war allgemeine mittagsruhe.

Einige hatten sich unter dem Schatten der Bäume ins Gras gelagert. So auch Barthel; er saß aber abseits von den übrigen und hatte den Kopf in beide Hände gestützt. Mein Vater suchte ihn auf, denn es drängte ihn, sich einmal mit Barthel auszusprechen. Als sich mein Vater neben ihn setzte und Barthel aufsah, wurde es ersichtlich, daß dieser verweinte Augen hatte. „Ich weiß nicht recht, wie ich mich Ihnen verständlich machen soll, um nicht mißverstanden zu werden", fing mein Vater das Gespräch an. „Ich möchte Ihnen sagen, daß ich in den letzten Tagen eine ganz andere Meinung von Ihnen bekommen habe. Ich hielt Sie für scheu und menschenfeindlich, habe mich jetzt aber vom Gegenteil überzeugt. Ich will Ihnen erzählen, warum es so weit mit mir kommen mußte: „Ich lebte im Wohlstand. Die Apotheke, ein schönes Zweistöckiges Haus in Erfurt, war mein Eigentum und ist es auch noch. Man muß ja nicht die Brücken hinter sich ganz abbrechen. Ich hatte noch ein Drogengeschäft dabei und arbeitete stets mit drei bis vier Gehilfen. Kurz, alles ging gut, bis ich vor ungefähr drei Jahren das Unglück hatte, mitten im Winter in das eiskalte Wasser eines Sees zu stürzen. (Hier verschwieg Barthel in seiner Bescheidenheit, daß er bei der Rettung zweier Knaben, die auf dem Eise eingebrochen waren, selber verunglückte. Seine Frau hatte es meiner Mutter später erzählt.) Ich wurde sehr krank, erholte mich wieder, behielt aber diesen schrecklichen Stockschnupfen als ständiges Übel zurück, das leider nicht zu kurieren war. Ich wurde fortan von jederman gemieden, weil man sich vor mir ekelt. Ich war ein Ausgestoßener!" Barthel fuhr sich mit der Hand über die Augen, dann fuhr er fort: „Zuletzt glaubte ich, wahnsinnig werden zu müssen. Da fiel mir ein, daß ich vielleicht in einem Lande mit heißerem Klima Heilung finden könne. So sind wir nun hier. Ich habe ein kleines Vermögen bei mir, um nichts unversucht zu lassen, hier Helung zu finden. Wenn das geschehen sollte, kehren wir wieder zurück".

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

perceberam, como alguns moradores da redondeza também, pois para os brasileiros um assado de macaco é melhor do que qualquer outra caça. Não demorou muito e alguns caçadores atravessaram o rio um pouco acima da figueira, caminhando sem ruído até alcançarem os macacos. Mas, os espertos animais os perceberam e começaram a se movimentar agitadamente. No entanto, nenhum fugiu. Ouviram-se três tiros e, dois macacos caíram no chão aos gritos. Um terceiro foi ferido e escondeu-se em meio à erva-daninha. Os demais fugiram tão depressa, que mal dava para vê-los, mais parecia um pé de vento. Pulavam de uma árvore para outra, pareciam voar. Com a maior segurança alcançavam seu alvo. Caso não conseguissem, enrolavam a cauda no primeiro galho que aparecia, permaneciam por um segundo no ar para então continuar a fuga. Somente agora percebemos que algumas macacas tinham os filhotes em suas costas. Foi um espetáculo curioso! Ficamos contentes que o bando escapara, pois ainda ouvíamos os gritos e lamentos dos dois macacos feridos, que estavam no chão. Nenhum de nós teria comido um pedaço destes animais.

Mas, a nossa atenção foi desviada para outra coisa. Bem lá embaixo, na volta, vimos uma canoa grande se aproximando. Era branca com uma faixa vermelha, por isso bem visível. Não era possível reconhecer alguém, somente vimos que era manobrada por quatro homens ao estilo alemão. Um estava no leme, entre este e os demais remadores uma pessoa estava sentada sozinha no banco.

A canoa vinha com a rapidez de um navio, rio acima. No primeiro momento pensávamos que veio buscar Nante. Este estava nervoso, parecia que estava com vontade de fugir. O patrão João, que observava a canoa disse tranqüilo: "Senhor Anta, nada de ser preso. É o filho de Mafert e o vendeiro de Luís Alves, nada de soldado, eu não sei o que querem".

E foi isso. Não demorou e tinham se achegado ao nosso barco. Eles realmente queriam nos alcançar, não por causa de Nante, mas por causa de Barthel. Logo perguntaram se o Doutor Bartolo estava a bordo. O motivo era bastante estranho.

Barthel como médico

Através do intérprete Köhler ficamos sabendo o seguinte: Ontem durante seu passeio, Barthel encontrou numa casa de brasileiros uma mulher doente, que por causa de um abscesso na boca não podia mais comer nem

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

„Jetzt ist mir vieles erklärlich, was mir an Ihnen unverständlich gewesen", entgegnete mein Vater, als Barthel geendet hatte. „Glauben Sie mir, ich nehme aufrichtig Anteil an Ihrem unverdienten Schicksal." – „Das glaub ich Ihnen gern", sagte Barthel einfach, „sonst hätte ich lieber geschwiegen". Da Barthel nun schwieg und darin verharrte, hatte die Unterhaltung ihr Ende, und beide nickten ein.

Unterdessen saß Goldener im Boot und ließ die angeschwollenen Füße zur Kühlung ins Wasser hängen. Nante saß neben ihm und döste vor sich hin. Auf einmal rüttelte Goldener ihn auf und deutete mit der Hand nach der großen Figueira. Ganz unbemerkt war dort eine ganze Herde Brüllaffen herangekommen und hatte sich in der Krone des Riesenbaumes versammelt. Nun wurde auch die ganze Reisegesellschaft auf die Affenversammlung aufmerksam, aber auch einige Bewohner der Umgegend hatten sie bemerkt. Dem Brasilianern geht Affenbraten über alles Wildpret. Und so dauerte es auch nicht lange, da fuhren schon einige Jäger über den Fluß und landeten ein gutes Stück oberhalb der Figueira und schlichen sich am Ufer bis zu den Affen hin. Die schlauen Tiere hatten sie aber doch kommen hören und liefen jetzt unruhig auf den dicken Ästen umher. Aber noch wandte sich keines zur Flucht. Da krachten drei Schüsse fast zugleich, und zwei Affen stürzten jämmerlich schreiend mit schwerem Aufschlag zur Erde nieder. Ein dritter war nur angeschossen und verkroch sich in den Schmarotzergewächsen des Baumes. Die übrigen aber flohen jetzt so schnell, daß man sie kaum mit den Augen verfolgen konnte. Es war, als wenn eine Windbraut durch die Bäume fuhr. Unglaublich große Sprünge von einem Baum zu anderen nehmend, flogen ihre Körper gleichsam durch die Luft. Mit der größten Sicherheit nahmen sie ihr Ziel, und wenn es wirklich einmal verfehlt wurde, schlang der Affe schnell seinen lange Ringelschwanz um den ersten besten Ast, hing einen Augenblick in der Luft, um im nächsten schon wieder in voller Flucht zu sein. Jetzt erst sahen wir, daß mehrere Affenmütter ihre Jungen auf dem Rücken trugen. Es war ein sonderbares Schauspiel! Aber es freute uns, daß die Herde entkommen war; denn wir hörten noch immer die beiden verwundeten Affen am Boden schreien und wimmern. Kein einziger von uns allen hätte auch nur einen Biissen von diesen Tieren gegessen.

Doch die Aufmerksamkeit aller wurde jetzt auf etwas ganz anderes gelenkt. Ganz unten am Ende der Volta sahen wir ein großes Canô um die Ecke biegen. Es war weiß gestrichen mit einem breiten roten Rand und

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

falar, mal podia respirar. Emagrecida e sem forças, corria o risco de sufocar a qualquer momento. Seu marido, desesperançado, estava sentado cabisbaixo sobre uma caixa. A seu lado havia alguns vidrinhos de remédio vazios. Barthel logo se deu conta do que estava acontecendo. Leu o que estava escrito nos vidros e espantado balançou a cabeça. - "Dinheiro jogado fora", falou para Köhler, o qual levara como intérprete. Aproximou-se da doente e a examinou com cuidado. Todos os presentes o observavam e o marido perguntou se ele era doutor. Através de Köhler, Barthel lhe disse que era somente farmacêutico, mas que em dez minutos aliviaria a mulher deste incômodo, caso tivessem confiança nele. Todos concordaram. O homem falou algumas palavras com a mulher e ela concordou.

Barthel se aproximou da mulher, posicionou sua cabeça adequadamente, afagou algumas vezes sua face e repentinamente fez um corte profundo na face, abrindo o abscesso com um canivete que escondera na mão, permitindo o pus nojento fluir através do corte. Foram alguns momentos de nervosismo. Mas quando todo o líquido havia escorrido, a mulher conseguiu falar e respirar. A alegria foi geral.

Barthel retrucou: Provavelmente o abscesso teria se aberto amanhã, talvez até durante a noite, mas dentro da boca e ela certamente teria se afogado. Isso todos compreenderam e não tinham palavras para agradecer. Barthel ainda deu algumas instruções como deveriam cuidar dela e prometeu mandar um medicamento para fazer bochechos e outro para sarar o corte. Com seu jeito humilde, apanhou o boné e saiu, mas o brasileiro o seguiu com palavras de agradecimento, que ele nem entendeu.

Esse feito se alastrou, em ambas as margens do rio durante a tarde, que nem rastilho de pólvora, chegando também aos ouvidos de Mafert. Várias pessoas de sua família estavam doentes e se tratavam há alguns anos sem sucesso. Mafert resolveu fazer de tudo para Barthel estabelecer-se lá. Ele mandou seu filho com as devidas instruções, dando-lhe carta branca para a negociação e, para garantir o entendimento entre eles, enviou Köhler como intérprete. Agora, estavam aqui para negociar e convencer Barthel.

Ele poderia escolher cem *Morgen*[1] de terra, mais uma casa de acordo com seu projeto; tudo isso seria sua propriedade. Até que a casa estivesse concluída ele moraria na casa de Mafert, sem nenhuma despesa Além disso,

[1] *N.T. antiga medida agrária.*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

daher weithin sichtbar. Noch konnte man niemand darin unterscheiden, wir sahen nur, daß es von vier Männern nach deutscher Art gerudert wurde. Einer saß am Steuerruder; zwischen diesem und den Ruderern saß noch eine Person ganz allein auf einer Bank. – Mit der Schelligkeit eines kleinen Dampfers kam das Boot den Fluß herauf. Im ersten Augenblick dachten alle, daß Nante nun doch geholt würde. Der rückte unruhig auf seinem Platze hin und her und wäre am liebsten davongelaufen. Paträo João aber, der das Canô unausgesetzt beobachtet hatte, sagte beruhigend: „Senhor Anta nix preso. Sohn von die Mafert und das deutsch Vendeiro von die Luiz Alves, nix Soldat, weiß nit was will!"

Und so war es auch. In kurzer Zeit lagen sie längsseits an unserem Boot. Sie wollten wirklich uns einholen, kamen aber nicht Nantes wegen, sondern wegen Barthel. Sie fragten sogleich, ob der Doktor Bartolo an Bord sei. Der Grund dazu war sonderbar genug.

Barthel als Arzt

Durch den Dolmetscher Köhler erfuhren wir folgendes: Barthel hatte gestern bei seinem Ausflug in einem brasilianischen Hause eine kranke Frau angetroffen, die wegen eines entsetzlichen Zahn – oder Mundgeschwürs weder essen noch sprechen konnte und nur noch mühsam atmete. Abgemagert und vollkommen kraftlos konnte sie jeden Augenblick ersticken. Ihr Mann saß auf einer kleinen Kiste, hielt sich den Kopf mit beiden Händen und schien jede Hoffnung verloren zu haben. Neben ihm standen einige leere Medizinfläschchen. Barthel übersah alles mit einem Blick. Er las erst die Schrift auf den Flaschen und schüttelte verwundert den Kopf. „Weggeworfenes Geld", sagte er zu Köhler, den er sich als Dolmetscher mitgenomm hatte. Dann trat er zu der Kranken und untersuchte sie sehr sorgfältig. Alle Anwesenden beobachteten ihn gespannt, und der Ehemann fragte ihn jetzt, ob er ein Doktor sei. Barthel ließ ihm durch Köhler sagen, daß er nur Apotheker wäre, aber in zehn Minuten wolle er die Frau von ihrem Übel befreien, wenn man ihm vertrauen wolle. Alle gaben ihre Zustimmung. Der Mann sagte nun seiner Frau leise einige Worte ins Ohr, worauf sie nickte. – Barthel trat nun wieder an die Kranke heran, brachte ihren Kopf in eine andere Lage, streichelte ihr ein paarmal die Backe und tat plötzlich mit einem kleinen Federmesser, das er ganz verborgen in der Hand gehalten hatte, einen tiefen Schnitt in die Backe und öffnete damit das reife Geschwür, welches nun seinen ekelhaften Inhalt durch die

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

receberia os honorários médicos e teria dois negros à sua disposição. Em contrapartida, deveria permanecer pelo menos durante cinco anos.

Barthel se manteve quieto e pensativo, não disse nada, pelo visto, lutava consigo mesmo. Finalmente dirigiu-se a meu pai e disse:

– O que me incomoda é que a notícia se espalhou, mas, talvez seja meu destino encontrar aqui o que tanto tempo venho procurando. Não nos devemos desviar da providência divina. Eu vou aceitar a proposta com a condição de ir embora quando me convier. Então, o terreno e a casa voltarão às mãos de Mafert. O que o senhor acha disso?

– Bem, de acordo com o que posso julgar, concordo, mas quero ressaltar, caso permaneça durante os cinco anos, a casa e a terra serão suas".

– O senhor tem razão, que seja assim.

Ele comunicou sua decisão ao enviado, que aceitou a proposta em nome de seu pai.

A bagagem de Barthel foi transferida e após uma breve despedida, ele subiu na canoa com a criança e sua mulher em prantos. Em poucos segundos eles haviam desaparecido de nossa vista rio abaixo. Tudo foi tão rápido e surpreendente que todos ficaram abalados. Nante olhava apalermado sua mão, onde reluzia um Thaler[2], que o farmacêutico havia lhe dado na despedida, guardou no bolso e murmurou: "Não teria acreditado, realmente não teria imaginado isso do farmacêutico de aparência tão desagradável, mas ele é uma alma boa".

Continuando a Jornada até Gaspar

Já eram duas horas e pequenas ondas surgiam sobre a superfície da água. O patrão apressava para continuar a viagem. As velas foram içadas e lá fomos nós para ainda hoje chegarmos ao nosso destino: a localidade de Gaspar. O vento estava muito forte, tanto que os mastros se vergavam. Cada embarcação tinha um mastro, com uma vela muito grande. Passávamos diante de trechos de mata virgem, alternados com pastos, casas e engenhos. Vimos muito gado pastando e, vez ou outra uma pessoa. Certamente estavam ocupados na roça, distantes de nossa vista. Mais ou menos uma hora e meia antes de Gaspar vimos uma residência. Aqui morava um brasileiro chamado Flores. Ele tinha uma grande propriedade trabalhada por escravos. A maior

[2] *N.T.: Antiga moeda alemã.*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Schnittwunde ergoß. – Es waren ein paar böse, bange Minuten, aber als aller Eiter raus war und die Frau auf einmal wieder sprechen und richtig atmen konnte, war die Freude groß.

Barthel sagte: „Morgen oder vielleicht heute nacht schon wäre die Geschwulst von selber aufgegangen, aber von inwendig, und die Frau hätte unfehlbar ersticken müssen. Das leuchtete allen ein, und sie konnten nicht genug Worte des Lobes und des Dankes finden. Barthel gab nun noch ganz genaue Anweisungen, wie die Kranke behandelt werden sollte, und versprach, ihr etwas zum Mundausspülen und zur schnelleren Heilung der Schnittwunde zu schicken. Da nahm er still seine Mütze und war zur Tür hinaus. Aber der Brasilianer lief ihm nach und hatte nur Worte des höchsten Dankes, die Barthel nicht einmal verstand.

Diese Tat hatte sich noch am selben Nachmittag wie ein Lauffeuer auf beide Seiten des Flusses verbreitet und war auch dem reichen Mafert zu Ohren gekommen. Dieser hatte mehrere kranke Familienmitglieder im Hause, die schon jahrelang gekränkelt und gedoktert hatten, aber ohne den geringsten Erfolg. Mafert beschloß, alles aufzubieten, um Barthel hier ansässig zu machen. Er schickte also seinen eigenen Sohn mit den nötigen Anweisungen und weitestgehenden Vollmachten hinterher und gab ihm zur Sicherheit noch Köhler als Dolmetscher mit. Jetzt waren sie hier, um Barthel zu überreden, und die Verhandlungen begannen.

Barthel sollte hundert Morgen Land, welches er sich selbst aussuchen konnte, als sein Eigentum bekommen, dazu ein Haus nach seinen Angaben. Bis das Haus fertig war, sollte er freie Station im Hause des alten Mafert haben, außerdem sein ärztlichs Honorar und zwei Neger zu seiner Verfügung. Dagegen sollte er sich verpflichten, wenigstens 5 Jahre auszuhalten. – Barthel saß still und in sich gekehrt und sagte kein Wort zu der ganzen Geschichte. Er kämpfte offenbar mit sich selber, Endlich wandte er sich an meinen Vater und sagte: „Mich ärgert, daß dies an die große Glocke gekommen ist; aber vielleicht will es mein Schicksal, daß ich hier finde, was ich so lange suchte. Man soll der Vorsehung nicht aus dem Wege gehen. Ich nehme den Vorschlag an, aber nur unter der Bedingung, daß ich als freier Mann zu jeder Zeit ziehen kann wohin ich will. Haus und Land fällt dann wieder an Mafert zurück. – Was meinen Sie dazu?“

„Nun, soweit ich die Sache beurteilen kann, muß ich Ihnen beistimmen, bemerke nur noch, daß im Falle Sie doch die festgesetzten fünf Jahre bleiben, ihnen Haus und Land gehören muß“, antwortete mein

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

parte ainda era de mata virgem. Já ao longe escutamos o barulho da máquina de descascar arroz e café, ambas movidas por uma roda d'água. Aqui, pela primeira vez vimos campos cultivados. Era uma grande plantação de milho e feijão, que se estendia até os morros cobertos com pés de café. Como era a época de floração, tinha-se a impressão que havia neve sobre os pés de café, era uma bela visão. Também avistamos uma grande plantação de cana-de-açúcar e, mais adiante uma de mandioca num morro. Tudo isso formava uma plantação considerável. Também vimos escravos trabalhando na roça. Antes de nos apercebermos já havíamos chegado ao rio Gaspar. A localidade de Gaspar era muito pequena, havia poucas casas, porém bem construídas e uma igreja católica muito simples. O nome desta localidade provém de dois ribeirões, um grande, o outro pequeno, ambos denominados Gaspar e que desembocam no rio Itajaí. Como ainda era muito cedo para atracar e como o patrão queria aproveitar o vento, continuamos a viagem para desgosto de Nante, pois o *Thaler* ardia em sua mão. Continuamos um bom trajeto até um lugar denominado Belchior. Então anoiteceu. Não adiantava prosseguir, apesar do vento ainda soprar forte, pois, este nos atingia de frente, devido à curva do rio. Além disso, havia uma forte corredeira à nossa frente. Os viajantes acharam melhor não chegar à noite à cidade de Blumenau. Meu Deus, que frustração no dia seguinte ao se depararem com a "cidade"!

Portanto, pernoitamos abaixo das corredeiras. As três embarcações atracaram em um grande banco de areia. Logo acima desta havia um grande laranjal e ao meio uma construção grande e alongada, usada como moradia e moinho de mandioca. Era habitada por uma numerosa família. Como era uma noite agradável e de céu estrelado, uma parte dos imigrantes preparou o leito na areia seca. As mulheres e as crianças permaneceram na embarcação.

Alguns homens, entre eles meu pai, fizeram uma visita de cortesia aos vizinhos. Foram muito bem recebidos e logo convidados para jantar. Havia peixe do rio frito, caldo de peixe e farinha de mandioca, simplesmente denominada farinha. A mesa foi posta à moda brasileira, quer dizer, em cima de uma esteira sobre o chão de terra batida. Cada qual tinha de sentar, o que causou um empurra-empurra. Nante enxergava muito bem para longe, mas, para perto era o contrário, sentou-se à vontade, porém... direto dentro de uma tigela de caldo de peixe escaldante. Levantou num pulo, correu

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Vater. „Sie haben recht, mag es so sein", versetzte Barthel. Er gab nun dem Abgesandten seinen Entschluß kund, den dieser im Namen seines Vaters sofort annahm. – Barthels Gepäck wurde nun sogleich umgeladen, und nach kurzem, aber herzlichem Abschied stieg Barthel mit seiner weinenden Frau und dem Kind in das Canô. Nach wenigen Augenblicken war Familie Barthel stromabwärts unseren Blicken entschwunden. Es war alles so schnell, so unerwartet und wunderbar gekommen, daß alle über dieses ungeahnte Ereignis ganz verstört waren. – Nante blickte ganz verdutzt auf seine Hand, in der ein Doppelthaler blinkte, den ihm der kleine Apotheker beim Abschied in die Hand gedrückt hatte, ließ den Thaler gleiten und murmelte: „Hätt's nicht geglaubt, hätt's wahrlich nicht gedacht von dem Apotheker, sieht so unappetitlich aus, ist aber seine Seele von Mensch!"

Weiterfahrt bis Gaspar

Mittlerweile war es zwei Uhr geworden, und schon kräuselten sich kleine Wellen auf der Oberfläche des Wassers. Der Patrão trieb zur Weiterfahrt. Die Segel wurden gehißt, und fort ging es wieder, um unser heutiges Ziel, die Ortschaft Gaspar, noch zu erreichen. Aber der Wind nahm auch heute wieder die Backen so voll, daß sich die Masten und Segelstangen bogen. Jedes Boot hatte nur einen Mast, aber das Segel daran war sehr groß. Kleine Strecken Urwald, dann wieder große Weideplätze, Häuser und Zuckermühlen zogen an uns vorüber. Wir sahen viel Vieh weiden, aber nur hier und da einmal einen Menschen. Wahrscheinlich waren die meisten weiter hinten auf dem Acker, hier Roça genannt, beschäftigt. Etwa anderthalb Stunden unterhalb von Gaspar trafen wir wieder ein großes Herrenhaus. Hier wohnte ein Brasilianer namens Flores, welcher große Ländereien besaß, die er von Negersklaven bearbeiten ließ, aber nur zum Teil. Der größte Teil war noch Urwald. Schon von ferne hatten wir das Poltern seiner Reis – und Kaffeeschälmaschinen gehört, die mit Wasserkraft getrieben wurden. Hier sahen wir zum erstenmal angebaute Felder vom Flusse aus. Es war eine sehr große Mais – und Bohnenpflanzung, and die sich weiter hinten kleine Berge anschlossen, die ganz mit Kaffeebäumen bestanden waren. Da gerade die Zeit der Blüte war, so sah es von weitem aus, als wenn frischer Schnee über sie gefallen wäre, welches einen prachtvollen Anblick gewährte. Auch ein großes Zuckerrohrfeld kam in Sicht, und noch weiter hin konnte man auf einem Berge eine große Mandiokpflanzung sehen. Das ganze zusammen bildete schon eine recht ansehnliche Plantage. Wir sahen auch, wie die

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

para fora e não apareceu mais. Os brasileiros, a princípio não sabiam se ficariam aborrecidos ou se ririam. Logo todos caíram na risada.

Como meu pai gostava demais de comer peixe conseguiu se fartar. Após a refeição, serviram uma xícara de bom café. Então os filhos do brasileiro se prepararam para pescar. Desta vez não pescariam com o espinhel, mas com um tipo de arpão com o qual fisgavam os inúmeros peixes nas águas rasas, junto à margem. Alguns dos nossos resolveram voltar ao banco de areia para dormir.

Na manhã seguinte partimos bem cedo e agora teríamos de transpor as corredeiras. Aqui, a tripulação não conseguiu manobrar com varas e remos. Um dos marinheiros seguiu num pequeno bote, munido com uma corda, até a margem para lá amarrá-la. A tripulação puxava a corda até o final e, assim esta manobra foi repetida até alcançar águas tranqüilas. Tudo foi muito devagar, mas deu! Dentro de duas a três horas chegaríamos ao nosso destino.

Dá para imaginar a expectativa de todos em relação ao destino final. Como será que eram as expectativas dos imigrantes. Cada qual imaginava Blumenau a seu modo. Cada qual havia projetado uma visão que não chegava nem perto da realidade. Certa ocasião, no navio, Barthel ficou ouvindo, enquanto a conversa discorria sobre Blumenau, e disse:

– Vocês estão se iludindo. Vocês terão uma vida melhor do que na Alemanha, mas, somente serão recompensados depois de anos. Antes, porém, a vida será muito dura e, nem todos a aceitarão com paciência. Isso, não é o pior; muito pior é a atitude dos governos das províncias alemãs, que os deixarão desprotegidos e, tanto vocês, quanto seus filhos haverão de esquecer a nacionalidade alemã!

– O Cônsul (Reinhold Gärtner) está conosco, retrucou um dos companheiros.

Barthel sorriu com desdenho e se calou, pois ele percebeu que não o compreenderam.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

schwarzen Sklaven in der Roça arbeiteten.

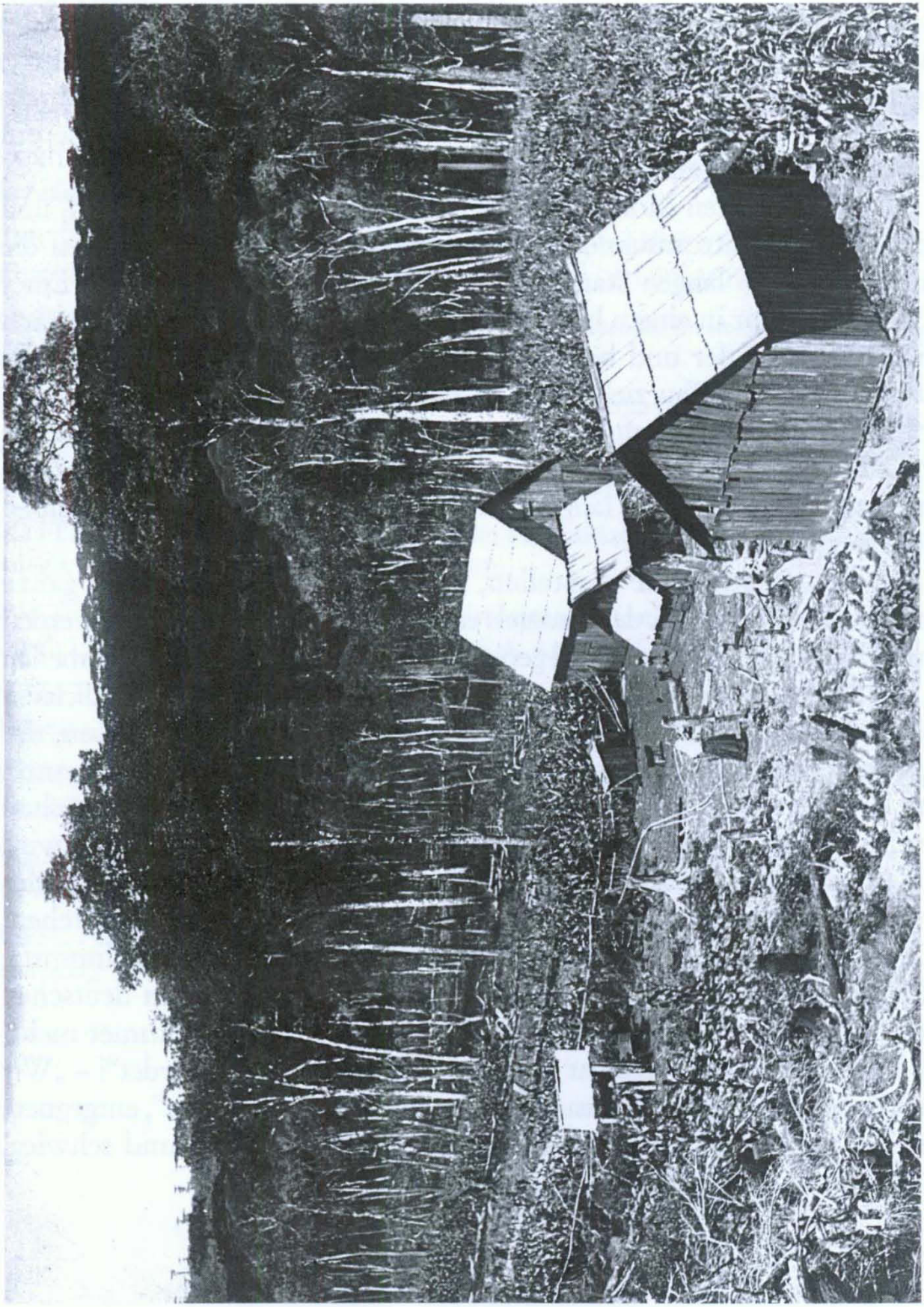
Ehe wir es gedacht haben, waren wir schon am Gasparfluß angekommen. Der Ort Gaspar war ein kleiner Flecken mit nur wenigen ordentlich gebauten Häusern und einer katholischen Kirche in ganz einfachem Baustil. Dieser Ort hat seinen Namen von einem großen und einem kleinen Bach, die beide hier in den Itajahy einmünden und beide Gaspar heißen. Da es noch zu früh war, um festzulegen, und der Patrão den guten Wind benutzen wollte, wurde zum größten Leidwesen Nantes, dem der Doppelthaler in der Tasche brannte, gar nicht erst angelegt. Wir kamen noch ein gutes Stück weiter bis an eine Stelle, die Belchior heißt. Hier wurde es Abend. Der Wind blies noch ebenso stark, konnte uns aber hier nichts nützen, da die Biegung des Flusses so lag, daß wir den Wind von vorn hatten. Und außerdem lag eine ziemlich starke Stromschnelle vor uns. Die Reisenden meinten auch, sie wollten nicht gern bei Nacht in der Stadt Blumenau ankommen... Du lieber Gott, wie bitter wurden sie am anderen Tage enttäuscht, als sie die „Stadt" sahen!

Wir blieben also unterhalb der Stromschnellen über Nacht. Die drei Boote hatten an einer großen Sandbank angelegt. Gleich oberhalb derselben stand ein ganzer Wald von Orangenbäumen und mitten darin ein großes, langes Gebäude, welches Wohnhaus und Mandiokmühle zugleich war und von einer sehr zahlreichen brasilianischen Familie bewohnt wurde. Da die Nacht mild und sternenhell war, machte sich ein Teil der Immigranten sein Lager auf dem reinen, trockenen Sande zurecht. Die Frauen und Kinder blieben in den Booten.

Einige Männer, darunter auch mein Vater, machten pflichtschuldigst den brasilianischen Nachbarn ihre Aufwartung. Sie wurden überaus freundlich aufgenommen und sogleich zum Abendbrot eingeladen. Es gab frischgebratene Flußfische, Fischbrühe und Mandiokmehl, einfach Farin genannt. Man hatte auf brasilianische Weise den Tisch gedeckt, d.h. auf einer Strohmatte, die auf dem ungedielten lag. Jeder mußte sich daneben niederlassen, wodurch ein kleines Gedränge entstand. Nante, der auch mitgegangen war und der sehr gut in der Ferne, aber desto schlechter in der Nähe sehen konnte, setzte sich gemütlich nieder und...gerade in eine Schüssel kochender Fischbrühe hinein. Wie von einer Feder geschnellt sprang er auf und stürmte hinaus, kam auch nicht wieder. Die Brasilianer wußten erst nicht recht, ob sie sich ärgern oder lachen sollten, stimmten aber doch bald in das allgemeine Gelächter mit ein. – Mein Vater, der ein leidenschaftlicher

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



Ao chegar no seu lote, o colono imigrante construía uma primitiva casa para abrigar a família.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fischesser war, tat sich an diesem Abend etwas zugute. Nach dem Essen gab es noch eine Tasse guten Kaffee, und dann machten sich die Söhne des Brasilianers zum Fischfang bereit. Diesmal sollte aber nicht mit der langen Angelschnur gefischt werden, sondern mit einer Art Harpune, mit der die am flachen Ufer nächtigten zahlreichen Fische aufgespießt wurden. Ein paar unserer gingen zurück auf die Sandbank zum Schlafen.

Am anderen Morgen in aller Frühe brachen wir wieder auf, und nun mußten die Stromschnellen überwunden werden. Hier konnten die Schiffer mit ihren langen Stangen und Rudern nicht viel ausrichten. Einer der Matrosen fuhr in einem kleinen, kurzen Boot mit einem langen starken Tau voraus ans Ufer und befestigte dasselbe dort. Die Bootsmannschaft mußte nun an dem Tau ziehen, bis es zu Ende war. Dann wurde dasselbe dort. Die Bootsmannschaft mußte nun an dem Tau ziehen, bis es zu Ende war. Dann wurde dasselbe Manöver so lange wiederholt, bis wieder ruhiges Fahrwasser kam. Das ging langsam, aber es ging! In zwei bis drei Stunden sollten wir am Ziel sein.

Man kann sich vorstellen, mit welchen Gefühlen die ganze Gesellschaft den Anblick des Endziels ersehnte. Welche Hoffnungen werden sich die Einwanderer dabei wohl gemacht haben. Jeder malte sich Blumenau auf seine Weis aus. Jeder hatte ein Bild entworfen, welches der Wirklichkeit auch nicht im entferntesten glich. Wiederum war es Barthel gewesen, der allein sich Blumenau so gedacht hatte, wie wir es wirklich fanden. – „Leute", hatte er einmal auf dem Schiffe geäußert, als er lange ihren Gesprächen über Blumenau gelauscht hatte, „ihr seid alle auf dem Holzwege. Es wird euch besser gehen als drüben, aber erst nach Jahren werdet ihr den Lohn für eure Mühe ernten. Vorher aber müßt ihr erst eine harte Probe bestehen, die nicht jeder mit Geduld aushalten wird. Das ist aber nicht das Schlimmste; viel schlimmer ist es, daß die engherzigen Regierungen in den deutschen Landen euch ohne allen Schutz lassen werden und ihr selbst immer mehr, eure Kinder aber ganz und gar das Deutschtum vergessen werdet"! – „Wir haben ja den preußischen Konsul (Reinhold Gärtner) schon mit", entgegnete einer der Gefährten hierauf. – Barthel lächelte verächtlich und schwieg, weil er einsah, daßer nicht verstanden wurde.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O papel da Igreja Evangélica na preservação da língua alemã na Colônia Hammonia[1]

Harry Wiese [2]

Artigos

1. Introdução

No final do século XIX, foi fundada a Colônia Hammonia, no Vale do Itajaí do Norte, por integrantes da Sociedade Colonizadora Hanseática. Em razão do isolamento, pois a nova colônia estava distante de Blumenau e outras cidades e colônias, os imigrantes conseguiram preservar sua língua, costumes e tradições. Ao mesmo tempo em que construíam uma nova *Heimat*[3], sentiram-se ligados à pátria-mãe pela conservação efetiva do *"Deutschtum"* (germanismo). Assim, as igrejas, principalmente a evangélica[4], interferiram intencionalmente no processo de não assimilação da Língua Portuguesa, que, aos poucos, tentava afirmar-se na colônia, pois a fé dos evangélicos era expressa em língua materna.

A prática da fé cristã, através da vivência

---

[1] Artigo, inicialmente, apresentado como requisito básico ao Mestrado em Educação __ Ensino Superior, da Universidade Regional de Blumenau, FURB.

[2] O autor é Mestre em Educação – Ensino Superior. Professor da FURB e UDESC.

[3] *Heimat* possui um leque de conotações e por isso mergulha num complexo de indefinições e ambigüidades. Construir uma nova *Heimat*, pode-se assim dizer, inclui dois princípios da identidade teuto-brasileira: a origem étnica alemã vinculada ao direito de sangue e à nacionalidade brasileira, com seu princípio territorial.

[4] Hoje, IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

familiar e comunitária, tanto no luteranismo como no catolicismo, era muito intensa nas zonas coloniais alemãs de Santa Catarina. Na Colônia Hammonia, este fenômeno foi decisivo em relação à assimilação e ao uso do vernáculo, essencialmente até a segunda Campanha de Nacionalização, a partir de 1937. Maior importância era atribuída à prática da fé cristã em Língua Alemã. Adorar a Deus em língua alheia à alemã não constava dos princípios religiosos dos imigrantes evangélicos e de seus descendentes. Tal manifestação seria uma afronta à igreja e ao próprio Deus.

A questão em evidência tem sua fundamentação teórica e prática no princípio de *jus sanguinis,* que de acordo com Rambo (1994) pode ser entendido como o direito pelo sangue, ou o direito pela herança. Assim, os elementos que conferem o *jus sanguinis*[5], como a raça, a cultura, a língua e as tradições tiveram importância maior ou menor no contexto, conforme as circunstâncias do lugar e do tempo. Em Hammonia, como em todas as colônias alemãs, a língua foi o elemento definidor mais importante, pois brotou do sangue e da própria índole dos imigrantes.

O presente artigo embasa-se na pesquisa sobre a confissão da fé cristã evangélica em língua materna, na Colônia Hammonia e está inserida no Capítulo IV da Dissertação de Mestrado em Educação – Ensino Superior, FURB, 2002, *"A Inserção da Língua Portuguesa na Colônia Hammonia"*, de autoria deste pesquisador. Pretende-se, também, descrever as manifestações encontradas na colônia com referência à fé cristã e até que ponto esta mesma fé cristã interferiu na fala e na preservação da Língua Alemã, no Vale do Itajaí do Norte.[6]

Assim, esta vivência tornou-se incisiva na interferência da Igreja Evangélica na inserção do vernáculo na referida zona colonial. Sua importância reside não só na rejeição, ou na manifestação de ações perturbadoras no processo de assimilação e prática da Língua Portuguesa, mas também na resistência que estabeleceu, atuando, também, sobre a firmeza na condução da igreja dentro dos princípios alemães essenciais, principalmente a conservação do estudo e da fala da Língua Alemã. Num processo

[5] De acordo com GERTZ, "na tradição brasileira, a cidadania é pensada basicamente como questão ligada ao território, o que no jargão jurídico é denominado de *jus soli*, isto é, brasileiro é todo aquele que nasce em solo brasileiro" (1994, p. 30).

[6] O mesmo de Colônia Hammonia. Hoje, compreende os municípios de Ibirama, Presidente Getúlio, Dona Emma, Witmarsum, Vítor Meireles e José Boiteux.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nacionalizador efetivamente fraco e desorganizado, como ocorrera antes da 2º. Guerra Mundial, bastava que os imigrantes mantivessem os princípios essenciais da interação do lar, da língua, da escola e da igreja, através da prática efetiva da Língua Alemã, para que pudessem praticar e preservar com eficácia o *Deutschtum* (germanidade).

Neste contexto, as escolas particulares floresceram nas zonas coloniais alemãs, principalmente em Hammonia, pois o inspetor escolar era o próprio pastor evangélico.[7] O seu bom nível de ensino contribuiu efetivamente para a prática da fé cristã evangélica em Língua Alemã, visto que a mesma foi o grande suporte da consciência étnica da população.

2. Educação e Luteranismo

Convém, inicialmente, proceder a uma análise sobre a inferência da Igreja Evangélica, na educação, na época da colonização e, como se tornou imbatível nas zonas coloniais isoladas no interior, com referência à preservação e a manutenção da Língua Alemã entre os imigrantes provenientes, principalmente, da Alemanha, mas também da Suíça e da Rússia.[8] Em 1912, 15 anos após a fundação de Hammonia e 13 após a vinda da primeira leva de imigrantes, a população da colônia era de 2478 habitantes. Destes, 1982 falavam a Língua Alemã em casa, 375 a Língua Portuguesa e 121 falavam outras línguas como o tcheco, o italiano e o polonês.[9] De acordo com Richter, *"Em 1912, a colônia, ainda estava formando um verdadeiro 'quisto' étnico."* [10]

A Colônia Hammonia foi fundada em 8 de novembro de 1897. Os fundadores e a maioria dos imigrantes que chegaram nos primeiros anos de colonização, eram evangélicos. Neste longínquo chão selvagem e inóspito, a Língua Alemã reinou absoluta nos lares, nas instituições, nas escolas

[7] O Pastor Dr. Paul Aldinger, também, era proprietário de uma escola, no seu *Palmenhof* (Quinta das Palmeiras). Neste estabelecimento, preparava agricultores para a jornada nas colônias e formava professores para atuarem nas escolas particulares alemãs, nas mais diversas escolas do interior de Hammonia.

[8] Suíços e russos também falavam a língua alemã.

[9] Os números citados não foram publicados no Brasil, para não desagradar as autoridades brasileiras. Todavia, Hammonia considerou exagerado o número de falantes da Língua Portuguesa. Estas eram pessoas ligadas, em parte, à Estrada de Ferro Santa Catarina, aos homens do SPI (Serviço de Proteção aos Índios) e trabalhadores braçais de forma geral.

[10] RICHETR, Klaus. A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a Colonização do Interior de Joinville e Blumenau. Florianópolis-Blumenau: Editora da UFSC e FURB, 1992, p. 80.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

e nas igrejas e, conseqüentemente, a fé cristã era confessada na língua dos imigrantes.

Esta prática teve origem na ideologia e nos ensinamentos do Reformador da Igreja Martin Luther que contestou a autoridade papal e passou a admitir e pregar apenas as palavras constantes nas Sagradas Escrituras. Ainda segundo ele, cabia ao cristão saber ler e escrever para ter condições de interpretar a Bíblia para alimentar a alma e salvá-la para a vida eterna. Por este motivo, o grau de escolaridade era alto e permaneceu assim por muito tempo, graças ao trabalho eficaz das escolas particulares alemãs espalhadas por toda a colônia.

A partir deste fato, como não poderia deixar de ser, derivaram decisivas e absolutas decisões nas escolas alemãs. Para interpretar a Bíblia era necessário estar alfabetizado, não só no seu aspecto de lecto-escrita, como também na aquisição de saberes que possibilitassem a leitura do campo sócio-cultural, como a prática da germanidade em seu conceito amplo. Por este motivo, o movimento germanista sempre incentivou a fundação de escolas, igrejas associações culturais e recreativas. Enfim, tudo isto para que os fiéis pudessem praticar efetivamente o *Deutschtum*. E para esta questão, deviam estar alfabetizados para poderem interpretar e viver a palavra de Deus em Língua Alemã, saber cantar as canções alemãs[11] e cultivar as tradições dos antepassados. Portanto, estar alfabetizado era a própria vontade de Deus. Assim, a cultura passou a incorporar uma forte associação entre a educação e a religião. De acordo com BREAL "... *ao fazer a Reforma o homem é responsável por sua própria fé, e ao colocar na Sagrada Escritura, a fonte de toda a crença, a Reforma contraía a obrigação de dar a cada um os meios de salvar-se pela leitura e compreensão da Bíblia.*"[12] O próprio germanismo ficou mais forte e mais progressista em função do domínio da Língua Alemã pelos seus cidadãos, conquistado através da alfabetização plena.

Na época, a educação não foi apenas vista e analisada nos aspectos descritos acima. Havia também a vinculação com algo mais concreto e mais social: a vivência humana. Os luteranos alemães tiveram sua funda-

[11] No relatório da Liga Escolar Hansa de 1907, publicado no jornal *Der Hansabote*, em 28 de março de 1908, encontra-se o seguinte registro sobre a aprendizagem dos cantos nas escolas alemãs: *"Ao deixarem a escola as crianças devem saber 30 cantos espirituais e 30 profanos."*

[12] BREAL, aput FIORI, N. A. *O perfil ideológico da "escola estrangeira" em Santa Catarina*. In: Revista de Antropologia, Vol. 29, Universidade de São Paulo, 1986, p. 116.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mentação de vida calcada na fruição do mundo que os cercava, ou seja, na apreensão do conhecimento sócio-cultural, como já se afirmou acima. Evidencia-se, aqui, o termo "alfabetização" ressemantizado. Quando Assmann (1996) afirma que a escola que não combate os três analfabetismos do mundo atual é uma escola retrógrada, estaria apresentando uma versão moderna da filosofia educacional alemã luterana, daquela época? Expurgue-se do conceito os domínios da manipulação de máquinas complexas, evidentemente.[13]

Além do aspecto religioso, as palavras de Martin Luther bem conduziram à questão da vivência humana: "*Ainda que não existisse alma, nem inferno, nem céu, seria preciso ter escolas para satisfazer nossas necessidades como habitantes deste mundo...*"[14] Percebe-se a transcendência da questão religiosa para a social. Quer dizer: mesmo que não existisse Deus, alfabetizar-se e adquirir saberes era fundamental para a vivência humana. Para reforçar sua tese, fez da comparação seu enunciado: "*Como pode ser indiferente que o príncipe, o senhor, o conselheiro, o funcionário sejam ignorantes ou homens instruídos, capazes de preencher cristãmente os deveres de seu cargo?*" [15]

Martin Luther escreveu, além das teses e livros religiosos, várias obras pedagógicas. Uma que se destacou foi *Aos Conselheiros de todos os Estados Alemães*. O conteúdo do livro enfatiza que cabe ao poder público assumir as responsabilidades da organização de ensino, extensivo a todas as crianças da Alemanha. Registre-se, ainda, que o pensamento de Luther chegou à idéia moderna da obrigatoriedade de ensino. Em outra obra, publicada em 1530, entitulada de *Sermão sobre a necessidade de enviar os Filhos à Escola* afirmou que o poder público (de preferência o municipal) devia estar legalmente autorizado a obrigar os discentes à freqüência escolar.

Este contexto aponta para a direção de que a moderna idéia de educação elementar obrigatória tem sua origem na Reforma Protestante de Martin Luther.

---

[13] Hugo Assmann afirma que são três os analfabetismos por derrotar hoje: o da lecto-escrita (saber ler e escrever), o sócio-cultural (saber em que tipo de sociedade se vive, por exemplo, saber o que são mecanismos de mercado) e o tecnológico (saber interagir com máquinas complexas).

[14] LUTHER, Martin, aput FIORI, N. A. *O perfil ideológico da "escola estrangeira" em Santa Catarina*. In: Revista de Antropologia, Vol. 29, Universidade de São Paulo, 1986, p. 116.

[15] LUTHER, Martin, aput FIORI, N. A. *O perfil ideológico da "escola estrangeira" em Santa Catarina*. In: Revista de Antropologia, Vol. 29, Universidade de São Paulo, 1986, p. 116.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Qual seria, então, o entrave para possibilitar o avanço da educação elementar obrigatória na Alemanha, ministrada pelo poder público, daquela época? "*...faltava evoluir o entendimento de que a educação popular pode ser um fator de construção do Estado, situação em que a ideologia da nacionalidade perpassa como um fio condutor.*"[16]

Em 1564, após a morte de Luther, surgiram novas idéias, em relação ao ensino elementar obrigatório e gratuito. Do luteranismo, ou protestantismo, emanaram significativos fatos educacionais, como o pietismo e o neo-humanismo. Na Alemanha, o pietismo ficou caracterizado por não valorizar a reflexão teológica profunda, mas em contrapartida enfatizou as dimensões emocionais e comportamentais da religião. Entendiam que a fé cristã devia provar-se em atos.

Estes atos seriam as manifestações de obras de caridade. Desta maneira, sobre o pietismo tinha-se o entendimento que fornecer escolaridade às crianças era um ato de caridade cristã. Assim, todas as crianças deveriam ser atingidas. Tal questão aponta para o direito de saber "ler e escrever" que mais tarde e ainda hoje foi e é denominado de obrigatoriedade escolar.

Além do pietismo, havia ainda um outro fator que se integrou na relação entre a educação e o Estado Alemão: o Neo-iluminismo. Suas raízes também são localizadas no protestantismo. Os intelectuais que contribuíram efetivamente com este movimento foram: Schiller, Fichte e Pestalozzi.

O Neo-iluminismo tinha como objetivos fazer surgir novos bens culturais a partir da antigüidade clássica com aproveitamento de contribuições do Iluminismo e do desenvolvimento da ciência. Deste modo, foi repassando uma nova visão de nacionalismo, que também se incorporou no sistema escolar moderno.

De acordo com os neo-iluministas, a educação na Alemanha devia encaminhar-se para o fortalecimento da nacionalidade. Esta nacionalidade devia manter-se unida através da Língua Alemã. Eis, então, a trilogia tão evidenciada: a educação, a língua e a nacionalidade.

---

[16] FIORI, N. A. *O perfil ideológico da "escola estrangeira" em Santa Catarina.* In: Revista de Antropologia, Vol. 29, Universidade de São Paulo, 1986, p. 117.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Na Alemanha, antes de Pestalozzi, o ensino elementar era relativamente fraco. O conteúdo consistia em aulas de religião, leitura, escrita e aritmética. O efetivo ensino dessas disciplinas era considerado suficiente para a formação de um homem íntegro e prático. Pestalozzi enriqueceu o currículo, ampliou conteúdos e criou uma metodologia de ensino adequada ao cultivo da inteligência prática. Em outros termos, Pestalozzi "psicologizou" a educação.

Todavia, o êxito da reforma de ensino deveu-se à maneira como a Alemanha conseguiu realizar a passagem da escola que relacionava igreja-estado, da época da Reforma de Martin Luther, para a escola pública do século XIX. Assim, naquela época, o ensino elementar da Alemanha, era de grande eficiência. Sua característica fundamental era ser ministrada pelo Estado. Os objetivos principais eram estimular a religião protestante e o nacionalismo. O suporte principal era a Língua Alemã. Todo o sistema cultural teuto caracterizou-se pela valorização da atividade escolar. Por este motivo, o sistema de educação da Alemanha, na época, foi o mais copiado em todo o mundo.

O pietismo e o neo-iluminismo interferiram fortemente nos requintes filosóficos educacionais na Alemanha e também em outros países. Estes movimentos, principalmente, o primeiro, veio a objetivar a abertura de escolas para os filhos de aldeões, de negros, de índios e de colonos que emigraram para outros países.

Assim, o pietismo e o neo-iluminismo chegaram ao Vale do Itajaí do Norte com a atribuição de serem componentes missionários. Os filhos, longe da terra natal e espalhados pelo mundo, receberam as dádivas imbuídas de zelo missionário luterano.

3. Língua materna e fé cristã na Colônia Hammonia

Na Colônia Hammonia, em 1901, o Pastor Dr. Paul Aldinger criou uma Escola Particular Alemã. Um ano depois, fundou uma Escola Agrícola, na sua propriedade, chamada de *Palmenhof* (Quinta das Palmeiras). A primeira propôs-se a seguir os objetivos já descritos referentes ao ensino de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Martin Luther, do pietismo e do neo-iluminismo. Fechou-se, assim, o círculo entre o reformador e o Pastor Dr. Paul Aldinger. O pastor doutor, alfabetizou, orientou, pregou, preparou e provocou a interação entre a igreja e a escola.[17] Sua fundamentação de vida foi calcada sobre a fruição do mundo, ou seja, a apreensão do conhecimento para a perfeita leitura e entendimento das Sagradas Escrituras. A segunda, além dos objetivos da primeira, transmitiu conhecimentos científicos e agrícolas aos jovens colonos, ofereceu assistência espiritual, bem como incentivou a prática do germanismo evangélico. Além destes objetivos, a escola formava líderes comunitários, principalmente, professores e agricultores que atuavam posteriormente no interior da Colônia. Esta escola foi por ele considerada uma espécie de sucursal da Escola Agrícola de Witzenhausen, da Alemanha.

A partir de 1904, várias escolas alemãs foram abertas no interior da colônia. Estas estavam vinculadas à *Associação Escolar Hansa*, que abrangia as escolas de Hammonia e demais distritos da Sociedade Colonizadora Hanseática[18], sob a orientação e inspeção do Dr. Pastor Paul Aldinger. No transcorrer do ano de 1905, os imigrantes de Neu-Zürich, hoje Presidente Getúlio, visando a proporcionar uma boa formação escolar a seus filhos, também se vincularam a esta associação. A filiação teve grande repercussão entre os habitantes e a imprensa[19], por ter sido a escola de Neu-Zürich uma escola distante da sede de Hammonia. O fato considerado um feito grandioso que mereceu ser festejado.

Em 1904, a antiga *Associação das Escolas e Professores de Blumenau* foi ampliada para todo o Estado de Santa Catarina transformando-se na *Deutscher Schulverein für Santa Catarina* (Sociedade das Escolas Alemãs para Santa Catarina).

A mencionada Associação Escolar elaborava publicações que serviam de orientação pedagógica para os professores. Mantinha também contatos com a *Allgemeiner Deutsche Schulverein,* com sede na Alemanha, que

[17] Em Hammonia, a partir de 1904, o mesmo prédio serviu de igreja e de escola.

[18] As terras da Sociedade Colonizadora Hanseática eram formadoras dos seguintes distritos: Itajaí-Hercílio, era o maior e o mais importante, no então município de Blumenau (hoje Ibirama, Presidente Getúlio, Dona Emma, Witmarsum, José Boiteux e Vítor Meireles). Itapocu, no então município de Joinville, com a sede Humboldt (hoje Corupá). Sertão de São Bento, nos então municípios de Joinville e São Bento. Piraí, formado com terras do Príncipe de Schönburg-Waldenburg, no então município de Joinville.

[19] Na época, as notícias da região eram publicadas nos jornais *Der Hansabote* de Hammonia e *Der Urwaldsbote* de Blumenau.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

N °.	Escola	A partir de	Número de sócios	Número de alunos	Dias letivos
1	Hammonia	01/01/1902	35	43	258
2	Neu Breslau	01/09/1904	13	18	149
3	Rafael	01/10/1904	15	28	Não inf.
4	Neu Bremen	01/10/1904	15	20	Não inf.
5	Sellin	01/10/1904	22	33	267
6	Taquaras	01/09/1905	16	12	232
7	Scharlach	01/09/1906	18	16	283
8	Rafael Alto	01/01/1910	17	15	260
9	Neu Berlim	01/09/1909	18	28	260
10	Neu Stettin	15/11/1912	15	15	Não inf.

fornecia material didático, currículos e subsídio financeiro às escolas alemãs. Em muitas oportunidades também mandara professores para as colônias.

Todavia, mesmo associada a uma entidade forte e bem organizada, a *Associação Escolar Hansa* permaneceu relativamente isolada por causa dos precários meios de transportes, na época e da distância entre Hammonia e Blumenau. Em conseqüência, as escolas da região formaram um pólo educacional quase autônomo. Neste caso, tem-se um aspecto importante, pois desgeneraliza Hammonia das demais zonas coloniais do Estado. A colônia era um quisto étnico fechado. Possuía um inspetor escolar que era também o pastor da Igreja Evangélica. Desta forma, as escolas alemãs eram confessionais e comunitárias, porque eram organizadas e vinculadas a uma igreja. Assim, em Hammonia, as escolas, quanto à sua organização, não eram diferentes das demais, nas diversas zonas de colonização. *"As igrejas [...] assumiram a questão escolar como seu principal ponto de apoio para a ação continuada e estruturada nos núcleos coloniais."* [20] A escola era uma necessidade não só para o aprendizado das primeiras letras, mas também como um meio de socialização e de formação do educando, além de manter nas comunidades o uso cotidiano da Língua Alemã. *"A escola era considerada como o espaço onde a criança saía do seu pequeno ambiente familiar para se relacionar com outras pessoas e se integrar numa sociedade maior. A escola era vista como uma entidade que possibilitava a abertura de novos horizontes."* [21]

Em Hammonia, como já foi mencionado, a igreja evangélica e a

[20] DIRKSEN, Valberto. *Dona Emma: história do município*. Florianópolis: 1996, p. 89.

[21] Idem, ibidem.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

escola estavam sob a liderança de uma mesma personalidade: o Pastor Dr. Paul Aldinger. Assim, a interação entre escola e a igreja foi um suporte forte na consciência étnica com vistas a que foi abordado em relação à resistência à inserção da Língua Portuguesa na região. Coube à igreja evangélica, a competência da transmissão e conservação da fé. Esta em contraste, evidentemente, com outras etnias, principalmente, a brasileira, pois a fé devia ser expressa em Língua Alemã. Para os evangélicos, "*a germanidade e o evangelho se unem para reafirmar a índole alemã da congregação.*" [22]

Em 1912, havia na Colônia Hammonia, 10 escolas particulares alemãs. Segue o Quadro estatístico da Sociedade Escolar Hansa:
Fonte: Der Hansabote. Hammonia, maio 1913.

Até o advento da Campanha de Nacionalização de Ensino, a igreja evangélica de Hammonia resistiu a todas as tentativas de inserções da Língua Portuguesa. Nem mesmo a 1°. Guerra Mundial conseguiu fechar seus santuários; se as igrejas permaneceram fechadas por algum tempo, também não houve pregação em vernáculo. A legislação nacionalista não conseguiu êxito. Após o armistício, aos poucos, tudo voltou à normalidade.

A igreja evangélica de Hammonia assumiu de forma radical a prática da fé em Língua Alemã, todavia não é possível afirmar o mesmo das igrejas luterana e católica que, de maneira geral, eram menos conservadoras e entendiam as questões da fé de outra maneira.

A pregação da Igreja Luterana, hoje com a denominação de Igreja Evangélica Luterana no Brasil, "*nunca se restringiu a apenas um povo ou raça. Sempre se preocupou em divulgar a palavra de Deus na linguagem que o povo fala e entende.*" [23] Em Hammonia, os cultos eram realizados em Língua Alemã, porque os fiéis falavam a Língua Alemã. Fossem os membros falantes de outra língua, os cultos seriam celebrados nesta língua. "*Se bem que o trabalho de nossa igreja por força de circunstância tenha sido iniciado em língua alemã, por ocasião da fundação do Distrito Brasileiro, em 1904, encareceu-se a necessidade de também pregar o evangelho na língua nacional.*" [24]

---

[22] SEYFERTH. Giralda. *Imigração, colonização e identidade étnica.* In: Revista de Antropologia, Vol. 29, Universidade de São Paulo, 1986, p. 62-63.

[23] WARTH, Carlos H. *Crônicas da igreja (fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil: 1900 - 1970).* Porto Alegre: Concórdia S. A. Artes Gráficas e Embalagens, 1979, p. 39.

[24] WARTH, Carlos H. *Crônicas da igreja (fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil: 1900 - 1970).* Porto Alegre: Concórdia S. A. Artes Gráficas e Embalagens, 1979, p. 39.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Manter a fé cristã e a nacionalidade alemã também era o propósito da Igreja Católica, embora em menor escala e sob aspectos diferentes. Os padres também incentivavam a conservação da Língua Alemã e a endogamia como forma de preservação da fé e da religiosidade dos imigrantes. A religiosidade transformou-se em símbolo de identificação que diferenciou os imigrantes alemães e seus descendentes dos brasileiros e a população de outras etnias. A assimilação da Língua Portuguesa e dos costumes dos brasileiros também foi considerada uma ameaça à devoção. Rezar e cantar em língua diferente da alemã era, também, um ato constrangedor.

Por isso, a assimilação da Língua Portuguesa pelos católicos foi mais rápida em relação aos evangélicos, contudo estes também tinham queixas amargas contra a proibição da prática da Língua Alemã. Eis um registro do Livro Tombo nº. 1, da Igreja Católica de Nova Breslau, hoje Presidente Getúlio "*No dia 6 de janeiro de 1940, na Matriz, houve primeiras comunhões. Sendo que o maior número de crianças não compreende ainda a língua nacional e sendo proibida a doutrina em língua estrangeira a preparação foi muito prejudicada.*"

A assimilação da Língua Portuguesa teve mais facilidade em função da Língua Alemã não ter sido a língua oficial da Igreja Católica. Na época, as missas eram rezadas em latim. Os fiéis da Igreja de Roma também não necessitavam interpretar as Sagradas Escrituras como os evangélicos. A interpretação cabia ao clero.

4. Conclusão

Em Hammonia, até a Segunda Guerra Mundial, toda pregação e todos os ofícios religiosos da Igreja Evangélica eram feitos em Língua Alemã. Hoje, mais de seis décadas após a Campanha de Nacionalização de Ensino, a celebração de parte dos cultos continua em Língua Alemã.

A contribuição da Igreja Evangélica na preservação da Língua Alemã é indiscutível. Do início da colonização até a Nacionalização, coube à Igreja Evangélica a responsabilidade de sua manutenção e conseqüentemente o afastamento do uso da Língua Portuguesa, no Alto Vale do Itajaí.

A principal dificuldade da inserção da Língua Portuguesa em

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Hammonia foi provocada pela Igreja Evangélica, pois a fé e a Língua Alemã tinham a função da preservação da cultura e das tradições. E, para atingir estes objetivos, coube à igreja evangélica a responsabilidade maior. A ligação entre os valores étnicos e religiosos era muito forte, pois a germanidade e a fé evangélica se uniram para afirmar e reafirmar a *"índole alemã"*.

A pregação firme da palavra de Deus em Língua Alemã e a escola com um currículo e metodologia avançados em bases filosóficas concretas, em oposição às poucas escolas públicas oficiais, não possibilitaram a inserção e a conseqüente implantação da Língua Portuguesa em Hammonia, com sucesso. A Língua Portuguesa, somente, era falada pelos brasileiros, considerados intrusos na colônia.

O êxito parcial da fala do vernáculo ocorreu mais tarde, na época da Campanha de Nacionalização, durante e depois da 2º. Guerra Mundial, com fortes indícios de prática de autoritarismo e nacionalismo.

Igreja Matriz de Itajaí

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Referências

ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação.** Piracicaba: UNIMEP, 1996.

DIRKSEN, Valberto. **Dona Emma:** história do município. Florianópolis: 1996.

FIORI, N. A. **O perfil ideológico da "escola estrangeira" em Santa Catarina.** In: Revista de Antropologia, Vol. 29, Universidade de São Paulo, 1986.

GERTZ, R. E. **A construção de uma nova cidadania.** In: MAUL, C.; VASCONCELLOS, N. (Org.) **Os alemães no Sul do Brasil.** Canoas, RS: Editora da UBRA, 1994.

KREUTZ, Lúcio. **O professor paroquial e imigração alemã.** Florianópolis - Porto Alegre: UFSC/UFRGS, 1991.

Livro Tombo Nº 1, Folha 38 B, Paróquia Católica de Presidente Getúlio.

RAMBO, A. B. **Nacionalidade e cidadania.** In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. (Org.) **Os alemães no Sul do Brasil.** Canoas, RS: Editora da UBRA, 1994.

SEYFERTH. Giralda. **Imigração, colonização e identidade étnica.** In: Revista de Antropologia, Vol. 29, Universidade de São Paulo, 1986.

WARTH, H. C. **Crônicas da igreja (fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil: 1900 - 1970).** Porto Alegre: Concórdia S. A. Artes Gráficas e Embalagens, 1979.

WEIDGENANT, M. **Nacionalismo, nacionalização e identidade étnica em comunidades teuto-brasileiras em SC - 1850 a 1950.** In: Revista de Divulgação Cultural, nº. 65, 1998.

WIESE, Harry. **A Campanha de Nacionalização e seu resultado desalentador em Hammonia.** Monografia, Blumenau: FURB, 1998.

WIESE, Harry. **De Neu-Zürich a Presidente Getúlio: uma história de sucesso.** Rio do Sul: Nova Era, 2000.

WIESE, Harry . **A Inserção da língua portuguesa na Colônia Hammonia.** Dissertação de Mestrado, FURB, 2002.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Escravidão e liberdade numa Villa do Brasil Meridional

José Bento Rosa Da Silva[1]

Artigos

A região onde hoje está localizado o complexo Beto Carrero World, no litoral norte do Estado De Santa Catarina, era, nos séculos XVIII e XIX, local de pesca de baleia, principal economia da então Província de Santa Catharina. O óleo dos cetáceos era vendido inclusive para o Rio de Janeiro.

O francês, Auguste De Saint – Hilaire, descendo de Curitiba à Província de Santa Catharina, registrou: "Os homens empregados na fabricação do óleo eram escravos, mas na pesca utilizavam-se homens livres, que mereciam mais confiança. Eram eles pagos de acordo com o número de mortas"Mais adiante, o professor de botânica, Hilaire, falava dos escravos da região do Itapocoróia e do Arraial do Itajaí, mais precisamente dos escravos destas localidades. Segundo ele, à Paróquia de Itapocoróia contava em 1811 com uma população de 1.417 indivíduos livres e 223 escravos. No Arraial do Itajaí, que na década de sessenta se tornaria Villa, em 1841, a população era de 1404 indivíduos livres e 137 escravos; população inferior a da Paróquia do Itapocoróia. Com a decadência da pesca da baleia, e a elevação do Arraial do Itajaí em Villa, esta passou a sede política-ad-

[1] Professor de História e pesquisador.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

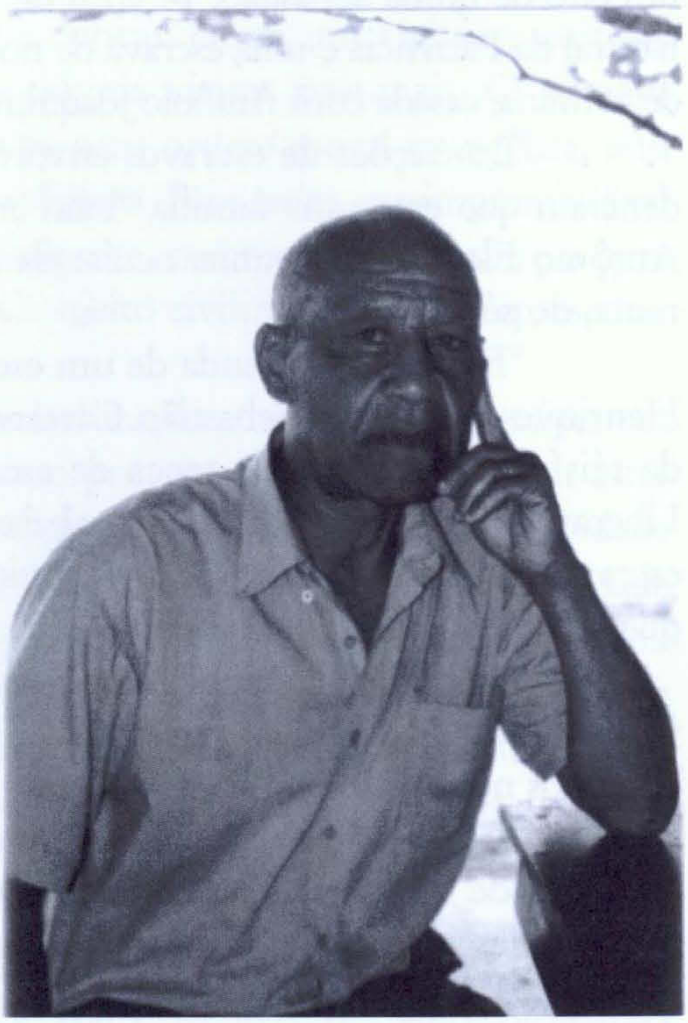
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ministrativa da região. O Itapocoróia então a seu Distrito.

Entre os escravos que mourejavam sob o olhar vigilante dos "homens bons", - os portugueses de origem açoriana que colonizaram o litoral - , estavam os que seriam posteriormente os pretos-Caetanos, por serem descendentes dos escravos dos Caetanos Vieira. Mas quem eram os Caetanos Vieira? Antônio da Costa Flores, ex-fiscal da Câmara Municipal de Itajaí na década de sessenta do século XIX, foi convidado a rememorar a cidade em 1907, uma vez que era um dos habitantes mais velhos da cidade na época, e certamente por ter ocupado no passado cargo público. Pois bem, disse Flores na ocasião da entrevista que: por volta de 1840 e 1845, quando chegou em Itajaí, "a região da Penha já possuía igreja tão boa, que me parece, é a ainda a atual, e as casas eram em pequeno número, mas em geral já tinham melhor aspecto do que as d'aqui (Itajaí). Lá existiam diversas famílias bem arranjadas, entre as quais as de uns Caetanos e outras".

Estes Caetanos eram de fato família "bem arranjada", segundo investigamos, estavam entre os "homens bons'da Freguesia da Penha. No inventário de Joaquim Caetano Vieira, por exemplo, encontramos entre os bens semi-moventes:

"uma escrava de nome Inez, de 55 anos de idade, cor preta, natural da Limeira, solteira; uma dita de nome Graciana, de 21 anos de idade, cor parda, natural da Paciência, filha de Inez; uma dita de nome Paula, de 28 anos de idade, de cor preta, solteira, natural da Paciência, tendo duas ingênuas de nome Balbina e Umbelina; uma dita de nome Luíza, de 30 anos de idade, cor parda, natural da Paciência, sol-



Ezequias, filho de Tia Vitóriná.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

teira, tendo uma ingênua de nome Maria; uma escrava de nome Brasiliana, de 18 anos de idade, solteira, cor preta, natural da Paciência, sem filhos; uma dita de nome Marcelina, de 12 anos de idade, solteira, cor parda, natural da Paciência, sem filhos; um escravo Cândido, de 34 anos de idade, cor parda, solteiro, natural da Paciência; um dito de nome Henrique, de 36 anos de idade, solteiro, cor parda, natural da Limeira, escravo que foi doado pelo inventariante da herdeira a seu filho Ignácio Caetano Vieira, no valor de 6000.000 réis; um escravo de nome Alexandre, de 30 anos de idade, solteiro, lavrador, natural da Paciência, cor parda; um dito de nome João, de 10 anos de idade, solteiro, lavrador, cor parda, natural da Limeira; um dito de nome Domingos, de 21 anos de idade, solteiro, lavrador, de cor preta, natural da Paciência; um deito de nome Serafim, de 10 anos de idade, lavrador, solteiro, natural da Paciência, cor parda, filho da liberta Inez; Manoel, de 15 anos de idade, solteiro, lavrador, natural da Paciência, cor parda; um dito de nome Sebastião, 14 anos de idade, solteiro, lavrador, cor parda, natural da Paciência e uma escrava de nome Dorotéia, a qual foi doada à herdeira Maria, casada com Antônio Joaquim Macedo, avaliada em 6000.000 réis".

Transações de escravos envolvendo a família Caetano Vieira, evidenciam que era uma família "bem arranjada", para usar a expressão de Antônio Flores, testemunha ocular da história de Itajaí, na década de quarenta, do século XIX:

"Escritura de venda de um escravo de nome Antônio, que a José Henriques Flores, faz Sebastião Caetano Vieira, pela quantia de um conto de réis(...)"; "escritura de troca de escravos que fazem Antônio Pereira Liberato e José Vieira na forma abaixo(...)"; "escritura de venda de um escravo de nome Dionísio, que Joaquim Caetano Vieira, faz a João Marques da Silva, pela quantia de 450.000 réis(..)".

A família Caetano Vieira sofreu reveses no seu plantel de escravos, conforme o Livro de registro de Óbitos dos filhos de escravos, como podemos notar:

"Aos dois dias do mês de outubro de 1883, no cemitério público desta cidade de Itajaí, foi sepultado o cadáver da inocente Zeferina, cor mestiça, nascida no dia 22 do mês de agosto(...) filha natural da parda Maria, escrava do meu paroquiano José Caetano Vieira"; " no dia 27 de junho de 1885, no cemitério público de Itajaí, sepultou-se o cadáver do recém-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nascido Manoel, cor mestiça, com treze dias de idade, filho natural da preta Marcelina, escrava do meu paroquiano José Caetano Vieira(...)".

Ao investigarmos a escravidão na Foz do rio Itajaí, encontramos algumas formas de alforrias, sobretudo a partir da década de sessenta do século XIX. A família Caetano Vieira não ficou imune a esse processo. Manoel Caetano Vieira, em setembro de 1872, achou mais conveniente classificar seus cinco escravos na Junta Classificatória dos escravos, tendo em vista que poderia receber um bom dinheiro do governo, através do Fundo de Emancipação. Mas o que era mesmo o Fundo de Emancipação? Era uma reserva monetária estabelecida pela Lei Imperial de 28 de setembro de 1871, com o objetivo de alforriar escravos. O governo da província avaliava as 'peça' que os senhores não tinham mais interesses em conservar sob seu poder; as razões eram várias. Pois bem, Manoel Caetano Vieira classificou os seguintes escravos: Calisto, pardo, 18 anos de idade, solteiro, apto para todo tipo de serviço, mas tendo a profissão de marinheiro; Maria, parda de 15 anos de idade, apta para todo tipo de serviço, tendo como profissão cozinheira; Cezílio, de 15 anos, pardo, profissão marinheiro, e tendo aptidão para tudo; Lourenço, nove anos de idade, sem profissão e sem aptidão; Jucelina de seis anos, nas mesmas condições de Lourenço.

Já não era mais tão lucrativo e garantido ter escravos na Freguesia da Penha, as era necessário tê-los, afinal, como afirmou Antonil, os escravos "eram as mãos e os pés dos senhores". Então o que fazer? Alguns acenaram com a possibilidade de liberdade, que para os escravos poderia ser mais uma miragem. Membros da família Caetano Vieira optaram por este caminho: Cypriana Caetano Vieira, passava em abril de 1879, carta de liberdade ao seu escravo Antônio, pardo de 23 anos de idade, desde que ele a servisse até os últimos dias de sua vida: Maria Caetana Vieira assim também procedeu com seu escravo Hermenegildo, um pardo de 23 anos de idade. Hermenegildo foi o quinhão que Maria Caetana Vieira herdou de sua mãe, dona Rosa Bittencourt. Talvez Maria Caetana tenha sido influenciada por Cypriana, que no ano anterior havia passado carta de liberdade ao seu escravo, como vimos acima. Sebastião Caetano Vieira só usou deste expediente em setembro de 1881. A "contemplada" foi uma escrava parda de nome Tereza, que segundo o documento, só gozaria de sua liberdade "como se tivesse nascida de ventre livre", após a sua morte.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Os descendentes dos escravos dos Caetanos Vieira que vivem na região de Itajaí contam que uma antepassada, ao receber a alforria dos antigos senhores, foi morar na cidade de Santos, no estado de São Paulo. Teria morado com um rico marinheiro, voltando para Itajaí, adquiriu muitas terras, inclusive, onde hoje é centro da cidade. Uma prova disso é que existe um ribeirão, hoje canalizado, denominado Ribeirão da Caetana, por ter morado próximo dele, a "preta Caetana", como lembrou o memorialista Juventino Linhares na década de sessenta do século XX. Talvez esta "preta Caetana" tenha sido aquela Maria, cozinheira de 15 anos, que Manoel Caetano Vieira apresentou na Junta Classificadora de escravos, como vimos anteriormente.

Pedro Manoel Domingos Caetano, descendente dos 'pretos Caetanos'ouviu de seus pais que seu avô foi escravo dos Caetanos na região da Penha: "(...) Depois eu fiquei sabendo que o meu avô foi escravo dos Caetanos, - eu já não era registrado -, depois que eu soube da história que meu avô veio lá da África e foi trabalhar na casa dos Caetanos, foi escravo deles; daí eu com raiva não quis mais assinar Caetano. Larguei o Caetano fora. Meu pai chamava-se Manoel Domingos Caetano, e a minha mãe era Maria Domingas Caetano(...) Ainda tem o pessoal dos Caetanos lá em Piçarras onde meu avô foi escravo. Eles tem um cartório lá, o Ludo do cartório é neto, o Ludgero Caetano.

Rosa Maria dos Santos e seu genro, Antonio Borges

Uma vez o pai deste

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ludo que tem o cartório me disse: 'Pedro, você quer trabalhar comigo?'

Eu respondi:

– O senhor está ficando louco! O meu avô já foi escravo do seu avô; minha avó tinha uma casinha lá, nem deram nada pra ela, foi morrer em poder do meu pai. Agora você acha que vou morrer sendo escravo, sem ganhar nada?

Ele disse:

– É, você é igual ao seu pai, o que tem pra dizer diz, não manda recado!

Da esquerda para direita, Pedro Caetano.l

A irmã de Pedro, Dona Rosa Maria dos Santos também contou-nos: "A Tia Vcitorina era neta da Caetana. O meu pai era neto da Caetana. A Caetana era de Itajaí, ela foi escrava lá em Penha e Piçarras. A Maria Caetana morava ali onde tinha a antiga Cobrazil. Não tem o Ribeirão da Caetana? Pois é, aquilo tudo ali era dela.

O senhor Antônio, genro de Dona Rosa, conheceu bem a Tia Victorina, e dela ouviu a história da velha preta Caetana:

"A neta dela, a Ta Victorina, contava que a Caetana era uma escrava, ela era uma mulher muito desenvolvida. Ela foi embora pra Santos,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

arrumou muito dinheiro, - ela já estava livre - , aí ela foi pra Santos, ganhou muito dinheiro, chegou aqui, comprou isso aqui. Diz que isso aqui, a parte próxima do porto, ali era tudo dela. Ela ganhou muito dinheiro em Santos e comprou esta parte ali. Era uma mulher muito desenvolvida. A neta dela contou pra mim".

Encontramos no Arquivo Histórico de Itajaí, um processo no qual o marido de Victorina, em 1939, reivindicava o direito à uma casa na antiga Rua Vitória, centro da cidade. Esta casa, segundo verificamos no inventário de João Caetano Vieira, falecido em 1909, era herança que o mesmo deixara para Victorina, que seria sua filha natural; mas que a esposa Cesária Vieira contestava.

Outro documento, o arrolamento de um testamento, que transcrevemos na íntegra, datado de dezesseis de novembro do ano de mil novecentos e onze, nos chamou a atenção: Francisca Maria dos Passos, viúva de Apparicio Henrique Franco, que falecera em outubro daquele ano deixava o seguinte testamento aos descendentes de Luiza, ex-escrava do casal:

"Saibam todos quantos este público instrumento de testamento virem, que no ano de Nosso senhor Jesus Cristo de mil oitocentos oitenta e sete, aos oito dias do mês de maio do dito ano, nesta Freguesia da Penha do Itapocorói, em meu cartório, compareceu dona Francisca Maria dos Passos, que se declarava em perfeito juízo, e por ela foi dito, que queria que lhe lavrasse, em meus livros de notas, seu testamento de última vontade o qual é do teor seguinte: Em nome de Deus amém. Eu, Francisca Maria dos Passos, como cristã católica apostólica romana que sou, e na qual religião nasci e pretendo morrer, tendo deliberado fazer meu testamento, como faço de minha livre vontade e em meu perfeito juízo. Declaro minha disposição pela maneira seguinte: Primeiramente declaro que sou natural da Freguesia de Nossa Senhora da Penha do Itapocorói e batizada na capela de São João Batista da Armação, fui casada com Apparício Henrique Franco, já falecido, em primeiras núpcias, de cujo consórcio não houve filho algum e não tendo ascendentes, e por isso posso dispor dos meus haveres, como me aprouver; tendo por minha morte instituído pro meus universais herdeiros a Eliseu, Domingos, Camila, André e Paulo; todos estes filhos de Luíza, que foram escravos do casal, depois pelo mesmo liberto, como são hoje os referidos seus como filhos. Recomendo a meu testamenteiro fazer o meu

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

enterro sem luxo, e pela minha alma e de meu finado marido, mande dizer cinco missas rezadas. E nada mais tenho a dispor. Declaro que nomeio meus testamenteiros, em primeiro lugar o senhor Sebastião Antônio Pereira Liberato; em segundo lugar, Joaquim José Tavares; em terceiro lugar Ludgero Caetano Vieira . Em todos deposito minha confiança e amizade, e peço não neguem aceitar a minha última vontade.

E por esta forma, tenho concluído e acabado este meu testamento e disposição de última vontade, que vai a meu rogo assinado, por lhe ser pedido e ela testadora não saber ler nem escrever, Serafim Bonifácio Ayroso e mais cinco testemunhas, todos presentes a este ato: João José Soares,, José Zacarias Vieira, Henrique Franco Mancura, Padre Vicente Argemiro, Poluciano da Costa Passos. Do que dou fé.

Para constar lavrei em meu livro de notas este instrumento, - digo - , este testamento, que sendo lido na presença da testadora e as testemunhas, que achando conforme, todos assinaram.

Eu, Sebastião Caetano Vieira, escrivão do juiz de paz, servindo de tabelião no meu distrito, que o escrevi e assino em público e passo, em fé de verdade: Sebastião Caetano Vieira, Serafim Bonifácio Ayroso, João José Soares, José Zacarias Vieira, Henrique Franco Mancura, Padre Vicente Argemiro, Poluciano da Costa Passos.

Nada mais nem menos se continham no dito testamento, que bem e fielmente trasladei do livro de notas a folhas onze e doze à cujo me reporto em meu poder e cartório do que dou fé.

Nesta Freguesia da Penha do Itapocorói, aos vinte quatro de maio de mil oitocentos e oitenta e sete".

Importante notar que os filhos da ex-escrava Luíza herdaram os bens e o sobrenome dos antigos senhores; desta forma, Eliseu passou a assinar Eliseu Caetano Vieira; André, ficou André Apparicio Franco; Camila, Camila Luíza Vieira; Domingos, Domingos Apparício, e Paulo, Paulo Apparício Franco. Eliseu, o inventariante, acabou herdando o sobrenome do escrivão, Sebastião Caetano Vieira - , onde foi feito o arrolamento.

A história dos Caetanos nos dá uma pista da escravidão e da liberdade na Foz do Itajaí, história esta que ainda está por ser escrita, pois durante muito tempo, o mito da não existência, ou da insignificância do trabalho escravo na então Villa do Santíssimo Sacramento do Itajahy predominou na historiografia oficial local.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A cozinha alemã

Alda Niemeyer[1]

Enganam-se aqueles que acham que comida alemã se limita a chucrute com joelho de porco ou lingüiça, ou ainda, marreco recheado com repolho roxo. Apesar de hoje em dia os cardápios de restaurantes na Alemanha oferecerem pratos internacionais, em diversas regiões ainda mantêm-se as comidas típicas. Estes pratos variam muito, do Sul para o Norte, do Leste para o Oeste.

Nós, aqui em Blumenau, já sabemos que os "Spätzle" são uma boa pedida. "Spätzle" podemos considerar um macarrão alemão. Os ingredientes são trigo, ovos e água. Só que a massa não é dura e sovada, mas fluida, e escorre para dentro da água fervente, formando gotas.

O Goulasch, servido com esta massa, é um prato de origem húngara, gostoso por ter muito e bem temperado molho. Normalmente, um suculento assado, com muito molho, acompanha os "Spätzle". Vale ressaltar que os "Spätzle" têm sua origem no sul da Alemanha e também na Áustria.

Na Baviera, comemos o chucrute, cuja origem vem de longa data. Come-se repolho cor-

[1] A autora é radioamadora e autora do livro: SOS Enchentes. Publicado em 2000 pelo Instituto Blumenau 150 Anos. ra publicado e Obra Radioamadora

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tado e salgado há mais de dois mil anos. É conhecido na França, na Polônia e na Rússia. Foi levado nos antigos veleiros, que cruzavam o mundo, quase como remédio contra o temido escorbuto. Em diversos países se tornou especialidade, sendo servido com lingüiça, salsicha e joelho de porco. Pode ser preparado também como sopa, salada e até sobre a pizza (por incrível que pareça). Mas, acabou ficando conhecido como um "prato típico alemão".

Na região da Saxônia, na Alemanha, temos os famosos "Grüne Klösse". São bolas feitas de uma massa de batata ralada crua, espremida e misturada com trigo e ovo e fervida em água, servidas de preferência com "Sauerbraten". Este é um assado que fica alguns dias na salmoura, para pegar tempero. As bolas de batata necessitam de bastante molho, o que torna o prato suculento e gostoso. Um bom assado de porco também é um bom acompanhamento. Numa outra região da Alemanha, o Münsterland e Hessen, achamos um prato - um pouco estranho para nós - feito de purê de batata e purê de maçã, servido com chouriço, ligeiramente frito. Este prato é anunciado nos cardápios como "Himmel und Erde, mit Blutwurst", ou seja: "Céu e Terra, com chouriço".

No norte da Alemanha temos pratos tradicionais menos conhecidos no exterior. Os marujos adoram um bom "Lapskaus", um cozido que sustenta bem. Outro cozido interessante chama-se "Pichelsteiner Eintopf" (Cozido de Pichelstein), com ingredientes variados e saborosos. O clima daquela região favorece comidas quentes como as sopas. Na primavera achamos em todos os restaurantes deliciosos pratos feitos à base do aspargo fresco. Simplesmente servido com batatas e manteiga derretida, como os mais sofisticados pratos com molhos especiais, fatias de presunto cozido ou defumado, ou até assados. Mas existem muito mais receitas regionais.

As bravas mulheres dos imigrantes trouxeram aquelas receitas para o nosso país tropical, com vegetação tão diferente, e deve ter sido muito difícil, para elas, organizar um "plano de cozinha" sem batatas, sem trigo branco, sem os ingredientes com os quais estavam acostumadas. Conheceram aqui raízes estranhas e novas frutas, que provavelmente nem sabiam utilizar, até que alguém já habituado, ou um nativo, lhes ensinou como aproveitá-las. Nossas primeiras donas de casa foram geniais. Logo descobriram que a batata doce era parecida com a conhecida batata inglesa, acha-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ram a raiz da mandioca, versátil e muito bem aproveitável. Taiá pôde ser aproveitado tanto como batata e suas folhas substituíram o espinafre.

Todos esses legumes, feitos purê, ou misturados para massa de pão, se tornaram um alimento nutritivo e gostoso. Também o milho, em grão ou moído, logo comprovou sua utilidade na criativa culinária dos imigrantes. Eles foram verdadeiros pioneiros na cozinha local. A eles devemos muitas coisas boas que hoje são bem conhecidas. Como não havia passa de uva para bolos, secaram bananas e carambolas. A banana foi logo substituindo a maçã (uma das frutas prediletas dos alemães) e virou purê, marmelada, cuca, torta e banana seca. Dos "Bratäpfel"- maçãs assadas no forno, chegamos às bananas fritas, com açúcar e canela. A salada de fruta foi feita de frutas nativas, enquanto o açúcar de beterraba foi substituído por açúcar de cana.

O apreciado mel de abelhas da Europa foi substituído pelo melado, da cana de açúcar. Doces de Natal (Lebkuchen = Pão de mel), desta forma, não faltaram nas mesas de festa. E as nozes foram substituídas pelo amendoim e a castanha do Pará. O coco nos deu as cocadas, ou outras delícias, como também pudins. As gostosas "Makronen", de amêndoas, passaram a ser feitas com côco ralado ou amendoim moído. Até o "Pichelsteiner Eintopf" pode ser comparado com um gostoso cozido à brasileira. A fantasia de cozinha não tinha fim.A tradição desta cozinha colonial é conservada até hoje. Na Vila Itoupava, como em alguns outros bairros, come-se ainda o famoso e delicioso "Schwarzsauer". Este é um prato de marreco, preparado de maneira não tão comum, servido com um molho especial, usando o sangue da própria ave, bem batido com vinagre. Daí o "sauer" = amargo. Numa tentativa de traduzir, podemos comparar com "Marreco ao molho pardo". Vale a pena experimentar.

Que tal uma cuca de banana como sobremesa? Ou um sofisticado mousse de maracujá? Um creme de abacate? Um creme de mamão?

Bom proveito!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A conjuntura de Itajaí à época da edificação da Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento

Edison d´Ávila[1]

Introdução

No mês de novembro de 2005, no dia quinze, a Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Itajaí completa cinqüenta anos de sua consagração. A imponência arquitetônica e a beleza artística transformaram-na no monumento mais notável da cidade. A construção dela configurou-se numa idéia e um gesto que se enquadram perfeitamente na conjuntura vivida por Itajaí à época. É, pois, relevante, do ponto de vista histórico, compreender esta conjuntura; o que se pretende fazer neste estudo sob a ótica da economia, da sociedade e da religião.

Peter Brown (1985), ao falar da comunidade cristã da Antigüidade tardia, afirma que ela permanecia unida através de "uma miragem particular: a solidariedade" e que no templo cristão a comunidade buscava se reunir, porque ali não estavam presentes as estruturas opressivas e diferenciadoras da sociedade secular. Daí, poder-se concluir que o constante gesto cristão de edificar capelas, igrejas, matrizes, basílicas e catedrais bus-

[1] Historiador e Professor da UNIVALI

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ca construir espaços de convivência solidária com a idéia numa igualdade utópica.

Já E.H. Gombrich (1999), quando se propõe explicar as razões que tinham aqueles que construíram as catedrais da Idade Média, diz que elas talvez significassem a "Igreja Militante" que oferecia aos fiéis "abrigo e proteção contra as investidas do mal." Mas também, acrescenta o autor, ao se referir à arte das catedrais, "os fiéis que se entregavam à contemplação de tanta beleza podiam sentir que estavam mais próximos de entender os mistérios de um reino afastado do alcance da matéria. Mesmo quando vistos de longe, esses edifícios milagrosos pareciam proclamar as glórias celestes."

No entendimento e na obra dos que mandaram edificar a majestosa Matriz do Santíssimo Sacramento de Itajaí, mesmo que em tempo diferente, aparece também a idéia do templo abrigo contra os males do mundo e lugar de vislumbre das belezas celestiais. Não é sem razão, pois, que o Arcebispo ao consagrá-la repetiu esta apropriada passagem bíblica: "Não há aqui outra coisa senão a casa de Deus e a porta do céu" !

Outras idéias e circunstâncias ainda estiveram presentes e serão a seguir explicitadas.

1. O papel da economia madeireira

Instalado como empreendimento comercial na primeira metade do século XIX e gerador da classe abastada, o porto de Itajaí já tinha na madeira, àquela época, o seu principal produto de exportação. Mas ela muito cresceu a partir da chegada dos imigrantes europeus, pois a região era rica em florestas das melhores espécies. Portanto, na segunda metade do oitocentos, pela ação do imigrante alemão e italiano, intensificaram-se o corte e o comércio da madeira, já que a primeira riqueza de que dispunham os colonos para explorar era a floresta exuberante da Mata Atlântica. Conseqüentemente, a movimentação de carga cresceria no porto desde então.

Mas o auge deste comércio, o "surto da madeira", vai se dar do fim da Segunda Guerra Mundial (1945) ao início dos anos 60. A Europa precisava ser reconstruída e para lá principalmente se destinou a madeira.

O comércio de madeira alavancou o progresso do Município nas

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

décadas de 1940 a 1960. Sônia Miriam Teixeira Moreira (2002) chama este período de terceira fase do desenvolvimento portuário e diz que esta fase "assinala o porto da madeira em seu momento exportador de maior expressão. Sob o comando da 'economia da madeira', porto e cidade se transformaram em entreposto madeireiro", marcando, portanto, a fisionomia econômica, social e urbanística de Itajaí.

A economia madeireira acumulou na cidade capital em grande volume, fez surgir uma classe média forte, atraiu uma população migrante de toda a região e exigiu uma reorganização do espaço urbano.

Estas mudanças, decorrentes do crescimento econômico, a imprensa, espelho de opinião elitizada, via com satisfação como sinais de desenvolvimento e progresso. Num artigo do "Jornal do Povo", de 1º de fevereiro de 1959, encontra-se esta comprobação:

"Itajaí é, inegavelmente, uma cidade que cresce. O seu progresso está mais do que nunca evidenciado. Haja vista as inúmeras e novas construções que vimos tendo. Vivemos uma fase progressista não resta dúvida. O nosso porto tem aumentado de forma acentuada, o seu movimento de exportação, principalmente para o exterior. Nada nos deterá. Vamos para a frente, confiantes no futuro promissor de nossa terra. É Itajaí que cresce e que se firma."

Pode-se observar neste comentário que os resultados do progresso são mensurados principalmente pelas inúmeras e novas construções; quer dizer, através das modificações que se operaram no panorama urbano da cidade. Aqui, com certeza, estavam incluídas a construção da imponente sede do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S/A – INCO, a nova sede da Sociedade Guarani, em estilo californiano, inauguradas em 1953; a Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento, em 1955; e o cais acostável, armazéns e frigoríficos do porto, inaugurados com pompa e circunstância em 1956 pelo Presidente Juscelino Kubitschek. A "fase progressista" da cidade é associada ao movimento portuário, vale dizer à exportação da madeira, que sedimentava o processo modernizador de Itajaí.

2. A influência do processo modernizador da cidade

Aquilo que se pode denominar de "paradigma moderno", segundo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Micael M. Herschmann e Carlos Alberto M. Pereira (1994), constituía-se de "um conjunto de procedimentos, de hábitos internalizados, de questões/problemas capazes de mobilizar 'obsessivamente' e de orientar as reflexões de uma época ou de uma geração", os quais mudaram a maneira de ver e pensar o mundo, conforme os autores, do final do século XIX até a metade dos anos 60 do século passado.

No Brasil, o processo modernizador se torna evidente no decorrer das décadas de 1920 e 1930, quando se busca "civilizar", isto é, pôr a sociedade brasileira em condições de igualdade com as sociedades européias, no que diz respeito ao "cotidiano, instituições, economia, idéias liberais". Para tanto, o país deveria abandonar "seus resquícios rurais-coloniais".

Este processo de ruptura, de adesão ao novo, enfim, de progresso, far-se-ia basicamente através de procedimentos da medicina, que normatizaria o corpo; da educação, que conformaria as mentalidades; e da engenharia/arquitetura, que daria nova disposição aos espaços urbanos e novas feição e funcionalidade às edificações.

Como se depreende, o paradigma moderno se construiu a partir da valorização de procedimentos tidos como "cultos", implementados por uma elite intelectualizada, e da adoção de modelos estrangeiros, advindos dos centros de poder europeu e norte-americano, com a finalidade clara de consolidar as práticas capitalistas em todo o mundo. Este entendimento justificava e conduzia ações através de projetos de "intervenção junto à sociedade". Foram estes projetos intervencionistas que mudaram a fisionomia urbanística de áreas inteiras das cidades, puseram abaixo construções centenárias e fizeram surgir edifícios de linhas arquitetônicas e funcionalidade novas; bem como, implantaram novos hábitos, novos entendimentos e, também, novas formas de relacionamento entre o sagrado e o profano.

A cidade de Itajaí vivenciou experiências e projetos modernizadores, já no início do século XX. A fundação do "Centro Aformoseador de Itajaí" em 1906 deixa antever as preocupações burguesas com a modernização da cidade. Marlene de Fáveri (1998), ao estudar a história deste processo em Itajaí, identifica a mentalidade modernizadora

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"na construção da Igreja, clubes sociais, banco, de empregos". O discurso da modernidade se espraiou pelos jornais, falas de intelectuais, autoridades públicas e mesmo da Igreja; pois, no Brasil, a partir dos anos 20, "instituição alguma escapou à necessidade de assumir uma nova legitimidade: tanto a Igreja como o Exército, tanto o Estado como os estabelecimentos e ensino superior".

Dois importantes personagens ligados à edificação da Matriz do Santíssimo Sacramento de Itajaí, o jornalista Juventino Linhares, católico convicto, e o Arcebispo de Florianópolis, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, são exemplos de atores engajados no processo. O jornalista foi incansável em advogar, apontar e enaltecer os progressos da modernidade em Itajaí. Seus artigos e crônicas são repositórios desta sua cruzada. O Arcebispo, por sua vez, desde que assumiu suas funções em 1914, nas palavras de Rogério Luiz de Souza (2005), "inaugurou um projeto civilizador articulado com o governo estadual e cobriu, como um vigilante austero, toda a sua arquidiocese com incansáveis visitas pastorais. O projeto civilizador baseava-se na idealização de uma ordem moral evangélica, sem chances para o laxismo e a negação religiosa. Para tanto, era imprescindível que todos, e especialmente a classe dirigente, centrassem seus esforços para a recondução de uma moral coesa. O sujeito civilizado deveria representar o ideal cristão".

Não espanta, pois, que modernização e romanização estivessem imbricadas como partes de um mesmo processo, em que pudessem estar atuando juntas autoridades civis e religiosas, por mais que a modernidade trouxesse em si o germe da dessacralização do cotidiano e a mentalidade moderna houvesse sido condenada pelo papado. A Igreja Católica brasileira também passava à época por um profundo processo de mudanças, que implantou um modelo de vida religiosa européia, provindo de Roma, a que se denominou catolicismo romanizado.

3. A ação do catolicismo romanizado

Roger Bastide, citado por Luiz Roberto Benedetti (1984), afirma que a romanização no Brasil operou a "transição do catolicismo colonial ao

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

catolicismo universalista, com total rigidez doutrinária e moral" e Benedetti a explica como um "processo de 'modernização institucional', sem implicar em nenhuma transformação ao nível da base social da Igreja, que continua a ser a classe dominante". Este processo é acelerado após a proclamação da República e a conseqüente separação entre a Igreja e o Estado brasileiro. A obediência incondicional ao Papa; o culto à Eucaristia e à Virgem Maria foram as "três devoções brancas" disseminadas pelo clero romanizado e que fizeram parte daquele projeto de época da Igreja Católica.

A romanização, portanto, operou também em nível do imaginário, contrapondo novos símbolos, novos rituais e novas devoções às antigas práticas do catolicismo popular de raízes portuguesas. Nesta operação, aduz Ana Maria Marques (2000), a Igreja romanizada incentivou as comunidades à construção de novos santuários, lugares sacralizados essenciais à prática religiosa (nos quais pontifica o sacerdote, representante da hierarquia), que levassem o povo a abandonar o catolicismo rústico que convivia tradicionalmente em espaços profanos como os das festas populares religiosas, onde os leigos tinham papel preponderante.

Toda esta nova evangelização tem início em Santa Catarina a partir do começo do século XX, com a chegada das congregações religiosas européias, masculinas e femininas, tanto alemãs como italianas, com destaque para os franciscanos, jesuítas, dehonianos, salesianos e irmãs da Divina Providência. Os bispos catarinenses buscavam na Europa os agentes para este trabalho, já que os padres nacionais, reduzidos em número, em grande parte não atendiam às exigência de um "clero sábio, correto, obediente, controlador da doutrina, instituições e moral do laicato".

Em 1894, em visita pastoral a Itajaí, Dom José de Camargo Barros, então bispo do Paraná e Santa Catarina, registrou o que considerou "abandono em que se encontravam os católicos itajaienses". Sua análise se deveu não só à falta de um pároco residente na cidade, como possivelmente à prática religiosa do povo, marcada ainda pelo costumes tradicionais herdados dos tempos da Colônia e do Império. Para dar início ao processo de mudanças, nomeou um pároco residente, um alemão culto, exigente, homem espiritual, no dizer do historiador José Artulino Besen (2005).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O novo pároco, marcado pela sociabilidade moderna, percebeu a inadequação da Igreja Matriz de Itajaí aos novos tempos que se vislumbravam para a cidade e para os católicos. A Matriz era ainda a antiga construção de feições coloniais, como a fizeram os seus fundadores, plantada bucolicamente à margem direita do rio Itajaí-açu, sem a imponência e a funcionalidade exigidas agora das edificações públicas modernas. Então, fez-se, como procedimento preliminar, a reforma interna e externa, contando para tanto com os serviços de engenheiro e artistas alemães disponíveis na cidade: novas alas ao sul e ao norte, rasgando arcadas nas grossas paredes laterais; à frente, batistério, coro e torre com sino; com o intuito de mudar-lhe as feições e fazê-la mais funcional. Não se pensara ainda na construção de uma nova igreja, já que a economia da cidade andava combalida em decorrência da desastrada Revolução Federalista de 1893 e, para tanto, era necessário grande capital.

A idéia foi tornada pública com a chegada dos padres alemães da Congregação do Sagrado Coração de Jesus (dehonianos) em 1905, tendo à frente o Padre José Foxius, nomeado vigário da Paróquia. Ele logo escreve; "Aqui em Itajaí, como na maioria das paróquias brasileiras, tudo está ainda por começar. As conseqüências da antiga falta de evangelização ainda são perceptíveis"; e o fundador da Congregação, Padre Leon Dehon, em visita à cidade, registra em sua crônica de 1906: "Itajaí é uma bela cidade, bem traçada. Igreja modesta: os nossos Padres projetam edificar uma nova". (Besen, 2005). Está claro nestas falas que a "falta de evangelização" e a "igreja modesta" significavam que o catolicismo romanizado ainda não se impusera como era desejo do clero estrangeiro.

As duas iniciativas de dar início à construção de uma Matriz "espaçosa e condizente com o desenvolvimento da cidade", em 1916 e 1920, não prosperaram por razões várias, inclusive a Primeira Guerra Mundial, que afastou da cidade os padres alemães. Mas a idéia permanecia, porque ela se fizera uma exigência da modernidade que impregnara a elite da cidade e da prática religiosa romanizada que vinha sendo implantada entre os católicos itajaienses.

Enfim, em fevereiro de 1941, os pedreiros começam a lançar os

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

fundamentos da Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Itajaí. Ela começava a se tornar realidade, mesmo em tempos difíceis da Segunda Guerra Mundial, porque o povo contribuía com dinheiro já há vários anos; a elite econômica e social se organizou em "comissão construtora" e se dispôs a contribuir financeiramente; e os párocos Padre José Locks, que iniciou a obra, e Monsenhor Vendelino Hobold, que a concluiu, entenderam, com senso de oportunidade, que chegara a hora de se edificar um templo de "grande beleza arquitetônica", "esplêndido monumento" que visibilizasse a fé católica e a modernidade de Itajaí.

Conclusão

Em que pese ter sido uma obra dedicada ao sagrado, a construção da Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Itajaí não deixou por isso de vivenciar as contingências do profano, como toda obra humana. A construção dela se viabilizou economicamente porque a cidade viveu nos anos 40 e 50 do século passado o "surto da madeira", a melhor fase da economia itajaiense ligada à exportação madeireira, que acumulou grande capital na região. A idéia de um templo, lugar de contemplação das belezas celestiais, através da monumentalidade arquitetônica e da beleza artística, apregoada pelo clero romanizado de origem estrangeira ou por ele educado, foi adotada pela elite modernizada da cidade, que era a base social da Igreja Católica à época.

Enfim, a grandiosa obra deixa entrever, nesse "projeto de intervenção" junto à sociedade itajaiense, o imbricamento de processos econômicos e sociais bem visíveis: a acumulação de capital, a modernização da cidade e a romanização da Igreja Católica. Por certo, esta interrelação não surpreende por se tratar de instituição enraizada no século e, assim, sujeita também à sua condição.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Referências

Benedetti, Luiz Roberto. Os santos nômades e o Deus estabelecido. São Paulo: Paulinas, 1984.

Besen, José Artulino. A Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento: História e Teologia da Beleza. Itajaí: Ed. Paróquia do Santíssimo Sacramento, 2005.

Brown, Peter. Antiguidade Tardia. In: Ariès, Philippe e Duby, Georges. História da Vida Privada. Vol 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1985.

D´Ávila, Edison. O público e o privado na fundação do ensino superior em Itajaí. Florianópolis: UFSC, dissertação (Mestrado em História), 1995.

Fáveri, Marlene de. Moços e Moças para um bom partido – a construção das elites – Itajaí, 1929/1960. Itajaí: Univali, 1998.

Franco Jr., Hilário. A Idade Média – O Nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Gombrich, E. H. A História da Arte. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

Gozzolli, Cristina. Como reconhecer a arte gótica. Lisboa: Edições 70, 1984.

Herschmann, Micael & Pereira, Carlos Alberto M. A invenção do Brasil moderno – Medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Linhares, Juventino. O que a memória guardou. Itajaí: Univali, 1997.

Marques, Ana Maria. Nova Trento in Canto de Fé. Itajaí: Univali, 2000.

Moreira, Sônia Miriam Teixeia. O porto da Madeira. In: Itajaí – outras histórias. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 2002.

Serpa, Élio Cantalício. Igreja e Poder em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1997.

Souza, Rogério Luiz. Uma História Inacabada – Cem Anos do Colégio Catarinense. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Um lugar chamado Vila Itoupava

Elke Tschersovsky[1]

Memórias

Meu primeiro contato com esse lugar que tem o nome de Vila Itoupava aconteceu em 1953, quando meninota de 9 anos mudei com meus pais de Blumenau para cá. Ainda hoje, quando me perguntam se moro em Blumenau, tenho por hábito falar: "Não, eu moro na Vila Itoupava." Parte da minha infância e pré-adolescência passei aqui, foram anos, que embora tivessem passado rápido demais, ficaram marcados por sentimentos de muita alegria e de intensa atividade.

Como haviam mundos a serem explorados! A pensão dos Schwanke, em estilo enxaimel, nossa primeira moradia, com um porão que se tornou o reduto de nossas fantasias de crianças, um mato ao lado da fábrica Haco onde meu pai trabalhava, com lagoa de peixes, com roda d'água, cujo muro era um desafio a ser vencido para alcançar o clube Serrinha que ficava encostado ao lado; caminhos e cipós para brincar, nada faltava para satisfazer nossa imaginação.

Depois fomos morar um pouco mais adiante, no 1° piso de uma casa que também pertencia ao dono da mesma fábrica. O térreo era usado como depósito de fardos de fio que servia para

[1] Tradutora

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nossas brincadeiras de esconder através de seus labirintos. A garagem não abrigava um automóvel, mas sim um carro de mola (Kutsche) bem antigo, preto e majestoso, com lamparinas externas de querosene. Em nossa imaginação, o lugar era um ambiente tétrico de meter medo, mas que não impedia nossas brincadeiras de rei e rainha.

Como esquecer os fins de semana em que íamos tomar banho na pequena cachoeira do rio na chácara de amigos, que naquela época ainda possuía águas limpas, ou quando os homens se reuniam na casa velha dos Ullrichs, para ir pescar piavas, carás e tirar os cascudos de suas tocas. O trabalho da pesca era com eles, limpar e cozinhar era serviço das mulheres, e, enquanto preparava-se a comida, ouvia-se as discussões sobre política e os partidos da época. Sempre havia alguém tocando bandoneon e velhas músicas do folclore alemão eram ouvidos: Ein prosit, ein prosit der Gemühtlichkeit !²

Hoje, ao longo desse rio encontram-se placas "proibido pescar", um preço que estamos pagando pela nossa própria insensatez ou ignorância?

Na mesma noite ainda as mulheres preparavam, num fogão a lenha, o famoso caldo de cascudo que era saboreado com gosto, o peixe era frito, a cerveja e a boa cachaça nunca faltaram, mas também não havia restrições, pois carro era um luxo que poucos possuíam e assim todos iam para casa andando, cansados, mas felizes.

Foi nesse período que houve o maior empenho de trazer para esse lugar, onde a maioria de seus habitantes ainda "pensava e falava" alemão, uma transformação cultural, da qual algumas pessoas foram responsáveis diretamente.

Na década de 1950 foi criado o grupo teatral *Die deutsche Bauerbühne.* Este grupo camponês alemão apresentava suas diversas peças no Clube Serrinha e também em outras localidades de nosso Estado, nas quais ainda se falava o idioma alemão.

² Música saudando a jovialidade daquele momento.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Cenas da apresentação da peça "Charles o Imortal". Na foto: Helmuth Danker, Udo Manzke, Edgar Grutmacher, Thea Jacobsen e J. Jacobsen.

Uma delas intitulada *Der unsterbliche Charles,* - Charles o imortal, foi a peça que mais se destacou, e que em 1954 foi representada com muito sucesso no teatro Carlos Gomes. Foram 12 peças de teatro ao todo, com uma qualidade na apresentação e desempenho de seus figurantes, que poderiam ser exibidas em qualquer palco.

O coral dirigido pelo maestro Kemmelmeyer, da Itoupava Central, com o seu principal repertório constituído de músicas do antigo folclore alemão e algumas músicas sacras, apresentando-se, também fazia parceria com as representações teatrais.

Aos domingos recebíamos a visita periódica do Sr. Julianelli, um amante da arte cinematográfica e que apresentava também no mesmo clube filmes da época, o que para nós era uma verdadeira festa. Quem se importava que durante a seção a fita insistia em arrebentar? Para nós era o momento de tagarelar e fazer arruaça até que alguém falava alto *"Silêncio!" E* lá continuava a nossa seção de cinema.

As competições de tiro ao alvo também foram atrações levadas a

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sério, e honrava-se com orgulho o compromisso de buscar o rei em casa com banda de música, bandeiras e vestidos a rigor com as medalhas que cada um já havia conquistado.

A procissão, depois de buscar o rei em sua casa, seguia seu rumo até o salão para uma nova competição. A festança sempre era por conta do rei que após anunciado o novo resultado, passava a faixa adiante: *Viva o novo rei!*

Hoje, com a dificuldade de aquisição das armas e o controle de munições, os moradores da Vila procuram seu entretenimento através do bolão, onde também são nomeados o rei e a rainha, que continuam sendo buscados em casa para uma nova competição no clube, com direito a comes e bebes e um arrasta pé ao som de bandinhas.

Também o skat é um dos divertimentos que se destaca aqui na Vila e que através do seu clube de nome Max Haufe com aproximadamente 28 anos de existência, foi responsável pela iniciativa de regularizar esta atividade, fundando a Federação Catarinense de Skat, com torneios mensais no Vale do Itajaí, participando inclusive a cada ano do campeonato nacional, e a cada 2 anos do campeonato sul-americano.

Gesangverein Serrinha – Vila Itoupava

Supermercados não existiam, mas havia a loja de secos e molhados da família Manzke, onde podia se comprar de tudo, talvez não na vari-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

edade de hoje, pois grande parte dos produtos comestíveis vinha de pequenos agricultores.

Grupo de jogadores de Skat em frente a Sociedade Recreativa e Esportiva Serrinha.

O cheiro da banha de porco, das lingüiças e carnes defumadas penduradas era convidativo; feijão, fubá, farinha de mandioca etc. eram comprados por quilo. O entregador de carne fazia seu trabalho a pé, carregando um cesto enorme, indo de casa em casa. O leite também era entregue de porta em porta.

Nosso principal meio de locomoção eram as próprias pernas e a tão famosa bicicleta Göricke; veículos motorizados, dava para contar nos dedos de uma mão. Quem não conhecia o senhor Willy Richter, motorista e dono do único ônibus, nosso principal contato com a cidade de Blumenau?

Havia também a fábrica de cerveja e gasosa dos Feldmann, onde no velho prédio de 1898, atualmente todo reformado, foi criado um centro cultural para integração da comunidade, hoje tão carente de estímulos para formação de uma sociedade novamente atuante em eventos culturais.

Dizia-se em tom de brincadeira: "eine rote gazoze mit 6 gläser",

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ônibus de transporte dos passageiros de Vila Itoupava a Blumenau

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

uma gasosa vermelha com 6 copos; sua cerveja de gengibre até para nós, crianças, era permitido vez ou outra dar uma bicada.

Aliás, até o hoje existe um idioma simplificado, misturando numa frase uma palavra alemã. Dizia-se, por exemplo: "Está blitzeando". Quer dizer: estão caindo raios na tempestade.

Quanto ao dinheiro já naquela época era contadinho, não havia desperdícios. Minha mãe e uma amiga, uma vez por semana enfrentavam uma viagem a pé até a divisa de Massaranduba, para comprar de uma família que tinha uma produção independente: verduras, frutas, ovos, manteiga, melado e outros produtos mais, só para economizar uns trocados.

Para lá, nós, crianças, íamos pulando e cantando, mas a volta....! Quando tínhamos que ajudar a carregar as sacolas elas pareciam ficar cada vez mais pesadas e a viagem de retorno parecia não ter fim.

A alimentação daquela época era muito mais simples, natural e saudável. A troca de receitas era constante entre as senhoras da comunidade, principalmente em tempos de festa e na época natalina, para os famosos biscoitos enfeitados e os doces de mel[3].

Fui estudar no Colégio Sagrada Família como interna, pois o transporte coletivo ainda continuava precário. O tempo passou e por motivos particulares com meus 14 anos nos mudamos da Vila, com mala e cuia, gato e cachorro para a cidade de Joinville.

Não foi o término dos laços de amizade que haviam sido criado durante o período que lá moramos, mas a distância fez as fotos desvanecerem.

Às vezes passava minhas férias na casa das amigas de infância, freqüentando os bailes do interior onde dançávamos, ao som de bandas típicas, rodopiando no salão no qual havia sido espalhado fubá para que o chão ficasse mais liso.

Anos mais tarde, sob novas circunstâncias, meus pais voltaram a morar na Vila Itoupava, onde meu pai novamente assumia um trabalho na Haco, industria que sempre foi a principal alavanca do progresso deste lugar. Eu, por minha vez, já casada, residia no bairro Garcia, em Blumenau.

Embora viesse visitá-los freqüentemente, a magia de outrora para

[3] *Honigkuchen*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mim já não existia mais. Entretanto, sempre que possível, deixava meus filhos, quando crianças, com meus pais, para que também eles tivessem a oportunidade de usufruir desse sentimento de simplicidade e liberdade que ainda dava mostras de sua existência aqui na Vila.

O Retorno

Após uma vida tumultuada por constantes enxurradas do rio Garcia e também sofrendo perdas ocasionadas pelas duas grandes enchentes de Blumenau, parte de minha vida acabou num desfecho infeliz.

Foi na Vila, junto da minha mãe, que minha filha e eu procuramos refúgio. Infelizmente, a essa altura, meu pai já havia falecido, em 1983. A casa que ele havia construído para ambos sempre foi o reduto cultural de muitos artistas. Também Frei Odo, da paróquia católica; Pastor Kinas, da paróquia protestante e velhos amigos sempre se faziam presentes para um bate papo.

As criações de etiquetas e gregas para a fábrica Haco foram idealizadas aqui na Vila; também estampas, marcas e rótulos para as mais diversas indústrias da região, bem como desenhos para atoalhados. As criações de selos comemorativos para a Casa da Moeda do Brasil, como o selo do Dr. Blumenau, por ocasião do sesquicentenário, o conjunto de três selos de orquídeas nativas de Santa Catarina para a Brapex, e por fim, sua última criação, o selo comemorativo dos 500 anos de Martinho Lutero para a IECLB.

Já aposentado pretendia ele terminar o ciclo de sua vida em paz, na pacata Vila Itoupava, dedicando-se as suas aptidões artísticas; entretanto seus sonhos foram interrompidos tragicamente. Ficou assim inacabada a pintura sacra da parede dos fundos do altar da pequena igreja católica.

As mulheres encontravam-se regularmente nos chamados *Kaffekränzchen,* - encontros com café, que era feito intercalado na residência das participantes onde a anfitriã caprichava na elaboração dos doces e salgados e ao mesmo tempo bordava-se, fazia-se crochê ou outras atividades, além de prosear.

Nossa vida tomou outro rumo a partir do momento em que novamente fazíamos parte da comunidade. As mudanças aconteceram naturalmente através do progresso.

No prédio da antiga loja de secos e molhados dos Manzke hoje

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

existe um supermercado. Também outras lojas e mercados surgiram, a Comercial Kobs ampliou e passou de pai para os três filhos, onde cada um assumiu um dos segmentos; inclusive com filial da Oma Quedy na Itoupava Central.

Continua-se fabricando a cachaça especial e os mais diversos licores na Vila Serrana, remanescente da antiga fábrica de bebidas da família Manzke pioneira na região e também na Fábrica von Blumenau que se dedica ao mesmo ramo.

Recentemente foi instalada uma nova fabrica de chocolates, chamada de *"Haps"*, cujo nome tem o significado de um bocado, é irresistível o doce sabor dos deliciosos bombons. Existe um banco que não havia naquela época onde cada início do mês, colonos das mais diversas regiões rurais pertencentes ao distrito da Vila Itoupava, vem buscar a sua mirrada aposentadoria tão merecida.

O velho hospital, marco de casas em enxaimel, passou por reformas, foi ampliado, mas continua com dificuldades financeiras. Farmácias, lojas, restaurantes típicos, padarias e confeitarias aqui não faltam, sendo o *Abendbrothaus* muito famoso na região e em todo Brasil com seu marreco recheado com purê de maçã e repolho roxo. A cuca dessa região sempre foi apreciada.

Temos creches para atender às crianças das mulheres que necessitam ausentar-se de casa por causa de seu trabalho. Há também pré-escolas, séries de ensino fundamental e o segundo grau. Para os alunos de escolas mais distantes, a Intendência mantém o transporte escolar rural gratuito.

Também na área da saúde muito se tem feito, ampliando o posto de atendimento, agora anexo ao hospital. Os agentes de saúde vão de casa em casa mantendo um constante contato com as famílias para saber das suas necessidades.

Nossa ligação viária melhorou sensivelmente, mas ainda é insuficiente para atender todas as regiões rurais; é a eterna luta da balança do custo e lucro e com isso muitos ainda dependem da velha bicicleta, ou para quem pode, das motos e carros. Aqui ainda hoje se escuta o barulho das rodas de carroça.

A segurança que existia em 1953, infelizmente, já não é mais tão confiável, sendo necessário cercar as casas e fechar muito bem portas e

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

janelas. Não se pode mais deixar a bicicleta ou moto simplesmente encostadas e fazer compras.

Este talvez seja o preço que estamos pagando pelo aumento populacional e de falhas no modo de educação que deveria vir do berço.

Perdemos também uma fama a nível nacional, com o fechamento da casa de repouso e tratamento através de massagens e banhos, conhecidos como *"Kneipkuhr"*, sob direção dos padres franciscanos, cujo conhecimento trouxeram da Alemanha. [4]

Recebo ainda hoje telefonemas de pessoas de São Paulo e do Nordeste, manifestando o seu pesar quanto ao fechamento dessa casa e de como lhes faz falta essa terapia, sempre expressando seus sentimentos de saudades da Vila Itoupava.

Hoje moro numa casa construída em 1912, a qual foi tombada pelo patrimônio histórico, cujos antigos proprietários também eram da família Wulf a qual possuíam uma fábrica de gasosa. O poço que abastecia a antiga fábrica ainda hoje existe, e dizem os moradores mais velhos que numa época de grande estiagem parte da comunidade usufruía dessa água para abastecimento de suas necessidades.

Quando abro a janela e olho para fora, minha vista sempre se alegra com o colorido das flores do jardim de uma casa vizinha, ou vejo, um casal já com certa idade lá no alto do morro, capinando e plantando o seu aipim.

Muitas vezes quando vou a Blumenau, ouço no ônibus pessoas falando de um modo pejorativo: "Esses alemães da Vila Itoupava". Isso me revolta, pois não sabem eles o quão difícil continua sendo a vida dos pequenos colonos, trabalhando desde o amanhecer até noite adentro. Outros que trabalham num período do dia na Haco, com certeza não ficam de braços cruzados, mas vão roçar o quintal de terceiros ou fazem sua própria roça de aipim ou verduras e mantém a sua vaquinha para ter o leite e todos os produtos derivados. Mesmo se suas casas forem simples, sempre se verá cortinas na janela e flores colorindo seu jardim.

---

[4] Tratamento que se dá através do uso da água com banhos totais ou parciais, sendo a água usada alternativamente com temperaturas diversas, complementado através da luz, ar puro, sol, ginástica e uma dieta balanceada.. Seu fundador foi o alemão, pastor Sebastian Kneip [*1821+1897] que utilizou essa terapia, codificando-a com a seguinte ideologia; O que mantém a vida saudável também pode ser usado para curar doenças.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Infelizmente os jovens de hoje parecem ter vergonha de falar o idioma de seus antepassados. Os mais velhos se vêem diante de mudanças radicais que não conseguem acompanhar. Alguns ainda falam o alemão, de modo que até o Banco tem suas placas de aviso nos dois idiomas e alguém para se comunicar com eles.

Através do trabalho de nossa Intendência, nossas ruas e praças continuam sempre floridas, dando um toque todo especial de beleza e harmonia a esse lugar. As nossas bandinhas continuam tocando músicas de antigamente, mas tiveram que adaptar seu repertório a realidade atual. O coral ficou restrito às músicas sacras nas igrejas.

Há pessoas interessadas em resgatar toda uma memória do passado, o que espero sinceramente venha a acontecer, pois um povo sem conhecimento de suas raízes é como um barco navegando ao léu.

Quanto às tradições, alguns vêm acordando, incentivando principalmente a juventude de participar das danças folclóricas tão belas e expressivas, através das quais, novamente um sentimento que parecia estar perdido começa a ressurgir.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Anos cinqüenta

Homero Bruno Malburg[1]

Memórias

Os filmes

Voltamos a falar de cinema. Afinal, era o grande lazer daqueles tempos. De filmes nacionais, exibiam-se as chanchadas da Atlântida e da Vera Cruz, que sempre davam um jeito de incluir cenas de Carnaval no roteiro. A maioria absoluta era de filmes americanos: épicos como "Ulisses"; safáris na África; seriados do Flash-Gordon; aventuras de piratas com Errol Flynn; sobre a idade média, "O Escudo Negro" com Tony Curtis; os de capa-e-espada, nos quais o herói sempre escapava pendurado no lustre; as invasões da terra por extraterrestres; todos eles alimentando nossa imaginação e, por que não? – nossa cultura geral.

Os preferidos entre nós de onze, doze, treze anos eram os "far-west". Aprendíamos aí sobre a geografia americana: as regiões geladas do norte; as imensas pradarias, os desertos do sul; canyons; o Texas e as cidadezinhas do oeste de uma rua só.

Apreciávamos as Winchester 44, os revólveres Colt 45 e até as pistolinhas Derringer que as mulheres traziam escondidas na liga da meia.

[1] Colaborador da Revista.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Os exércitos do Norte de farda azul e os do Sul, e cinza, na Guerra da Secessão também tinham suas torcidas. Os índios que, coitados, sempre perdiam, eram por nós admirados por seu jeito de cavalgar pendurados ao lado do cavalo, por suas flechadas certeiras e até pelos escalpos conseguidos. Nos cenários, as diligências, os trens, as caravanas, os fortes, as minas e os indefectíveis "saloons".

Brincávamos "de mocinho", nos imaginando naquelas ruas desertas e empoeiradas duelando com nossos Colts de brinquedo. O mais rápido em sacar a arma liqüidava o adversário. Sabíamos até morrer com estilo: pôr a mão no peito e desabar no chão. Com a boca fazíamos a parte sonora: "música" de perigo, o barulho dos tiros e até o "tuínn" da bala que ricocheteava. Quem podia, tinha um par de pistolas de espoleta e um coldre enfeitado. Fantasia pura!

Por esta época, havia um jornal na cidade que, por orientação da Igreja, trazia uma relação dos filmes da semana censurados. Cotação de "livre" até "proibido", passando por classificações intermediárias com várias restrições.

Certo domingo, fomos assistir a um "far-west" no cine Itajaí, com censura apropriada para nossa idade. A história corria bem até que um bando de mexicanos cheios de "tequila" invadiram uma casa isolada. A moça que lá estava ficou apavorada. O chefe bêbado gritou: "- Tira a roupa!" Ela, sozinha, sob a mira dos revólveres não teve escolha, pois ninguém apareceu para salvá-la. E foi tirando... Na platéia, quedou-se um silêncio sepulcral. Olhos arregalados na tela, dava para ouvir a respiração de cada um. De costas para a câmera, acabou tirando só a parte de cima, mas o inesperado da visão daquelas costas nuas, nos deixou boquiabertos. Segunda-feira era o assunto do dia. Os pais perguntando aos filhos: "Que filme foste ver? Aquela fita imoral?". Desta experiência ficaram duas certezas: o padre não devia assistir a todo filme que censurava e mulher pelada, mesmo que de costas, era coisa muito interessante para se apreciar...

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fontes para a História Regional

Sueli.M.V.Petry[1]

História & Historiografia

Cada vez mais a dinâmica da sociedade tem exigido dos arquivos, políticas que não se limitem apenas à preservação dos acervos ou às formas de organizar, classificar e disseminar a informação descrita em seus instrumentos de pesquisa. Na atual conjuntura, o avanço das tecnologias tem modificado a visão de mundo, conseqüentemente os profissionais de arquivos precisam diversificar e criar estratégias de comportamento para adequar-se aos novos tempos, tomando atitudes que venham atender às exigências do pesquisador.

Não é mais concebível instituições que se prestam a zelar, manter, preservar, conservar e receber acervos documentais das mais diferentes origens permanecerem restritas às tarefas cotidianas sedimentadas numa névoa do passado. É preciso revelar o potencial do acervo documental existente.

As conexões interdisciplinares entre historiadores, cientistas sociais e demais áreas do conhecimento se acentuam cada vez mais e têm despertado interesse ao acesso a diferentes

[1] Professora do Curso de História da FURB e Diretora do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tipologias documentais existentes em arquivos, as quais em muitos casos permaneceram adormecidas, ignoradas ou menosprezadas pelos pesquisadores.

Cabe aos arquivos, através dos seus instrumentos de pesquisa, estimular os historiadores a conhecerem a diversidade dos seus acervos. Conforme nos diz Le Goff, "o documento nunca é o simples resultado de uma situação histórica dada[2]". A complexidade dos documentos é capaz de gerar novos objetos para compor abordagens de uma pesquisa, como também proporcionar condições para uma re-interpretação dos acontecimentos. São estas abordagens abstraídas de "acontecimento vivido", que, conforme coloca Benjamin, "é finito ou, pelo menos, encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites"[3]

Quando se fala na construção da memória da colonização do grande vale do Itajaí, constata-se que a mesma está permeada de acontecimentos, muitos deles estudados superficialmente, têm permanecido incógnitos, relegados ao esquecimento, ou então, fixados nas imagens das fotografias congeladas num tempo, sem explorar o devido valor que as mesmas possam representar.

Assim sendo, objetivando informar os pesquisadores da recente entrada de documentos no acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – AHJFS, registra-se a entrega de uma interessante documentação feita pelo pesquisador e ex-arquivista do Arquivo Estadual de Hamburgo (Alemanha), Dr. Klaus Richter[4], em abril do ano em curso.

São quatro pastas contendo 321 páginas de documentos manuscritos do período que antecede a colonização iniciada pelo Dr. Hermann Blumenau. Com estes documentos abre-se "uma chave para o que veio antes e depois" do empreendimento do Dr. Hermann. Nelas vieram cartas, recibos de cobranças, ressarcimentos, relatórios, projetos, propostas, prestação de contas e demais documentos que relatam a permanência de Blumenau no Brasil entre os períodos de 1846 e 1849, e também é possível

[2] Le Goff. Jacques, Reflexões sobre a História. Lisboa Edições 1986, p.86.

[3] Walter Benjamin A imagem de Proust p.37

[4] Como resultado das suas pesquisa nesta documentação, o mesmo escreveu o artigo "Primórdios da Colonização Sistemática Alemã em Santa Catarina – 1846-1848". In. Revista do Revista do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina, 2004 p.11 a 52.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

diagnosticar os contatos mantidos com os agentes de imigração de Hamburgo e a Câmara de Comércio de Hamburg (Alemanha).

ORIGEM	ASSUNTO	CARACTERISTICAS	OBS.
BLUMENAU (1)	Relatório 27/07/1846 – 02/08/1846	Cópia	Páginas manuscritas
BLUMENAU (2)	Relatório de 20/09/1846	Cópia	Páginas manuscritas
BLUMENAU (3)	Relatório de 14/12/1846	Original	Cópia: 12 páginas manuscritas
BLUMENAU (4)	Relatório de 11/01/1847	Original Páginas manuscritas	
BLUMENAU (5)	Carta Sturtz 24/03/1847 03/04/1847	Cópia	Páginas manuscritas
BLUMENAU (6)	Extrato de carta de SC. 19/04/1847	Cópia	Páginas manuscritas
BLUMENAU (7)	Relatório de 20/08/1847 24/08/1847/ + anexo	Original	Páginas manuscritas
BLUMENAU (8	Relatório de setembro de 1847 (28/09/1847)	Original	Páginas manuscritas
BLUMENAU (9)	Carta enviada a Johns 25/09/1847 + anexo	Original	Cópia:l 7 páginas manuscritas
BLUMENAU (10)	Extrato de carta 04/10/1847	Cópia	Páginas manuscritas
BLUMENAU (11)	Orçamento para 4 distritos coloniais 03/11/1847	Original	Cópia: 2 páginas manuscritas
BLUMENAU (12)	Relatório final de novembro de 1847 (23/11/1847)	Originais	Cópia: 123 páginas manuscritas
BLUMENAU (13)	Extratos de cartas ref. SC. 13/03/1848 22/03/1848-07/04	Cópia	Páginas manuscritas
BLUMENAU (14)	Comunicação de fracasso na Assembléia de SC 17/06/1848	Cópia	Páginas manuscritas
BLUMENAU (15)	Recibos de gratificações e ressarcimentos 22/10/1847 01/07/1848 01/09/1848	Originais	Páginas manuscritas

Fonte: Arquivo da Câmara de Comércio de Hamburgo - Alemanha.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Com a chegada destes documentos preenche-se uma lacuna existente, e por outro lado, provoca os historiadores locais e regionais a reverem as tramas que se desenrolaram até a efetivação do empreendimento feito em sociedade entre o Dr. Blumenau e o alemão Ferdinand Hackradt que já vivia no Brasil há mais tempo.

Abrem-se, assim, perspectivas para futuros trabalhos de pesquisa em torno deste acervo até então pouco explorado pelos historiadores.

Para ter visibilidade, e ao mesmo tempo instigar os interessados, formulou-se uma grade com palavras-chave onde se registram informações tais como: origem, assunto e características da documentação recebida nestas pastas, cujos originais encontram-se no Arquivo da Câmara de Comércio de Hamburgo - Alemanha.

Além dos documentos arrolados, registra-se a entrada de um outro lote que está concentrado em **15 CD's**, nos quais estão armazenados 7.593 documentos do acervo particular do Dr. Blumenau. Estes fazem parte da doação feita no ano de 1949, ao Arquivo Estadual da Baixa Saxônia de Wolfenbüttel, pela Sra. Gertrud Sierich, filha do fundador da Colônia.

Entre os mesmos detacam-se cartas, manuscritos diversos, mapas, fotos, relatórios diversos, lista de imigrantes e artigos publicados na imprensa alemã entre outros.

A idealização deste projeto é o resultado de um trabalho conjunto do pesquisador Marcos Schroeder e a Fundação Cultural de Blumenau/ Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, junto à Fundação Odebrecht. A primeira etapa consistiu na digitalização do acervo, o qual já está concluído.

O próximo passo, já em andamento na Alemanha, refere-se à transcrição dos manuscritos do século XIX, (todos) redigidos no alemão gótico, e, num terceiro momento, será feita a tradução para a língua portuguesa.

Com a finalização deste grandioso projeto, será possível tomar conhecimento de uma documentação que até então era de domínio daqueles que lêem e conhecem a escrita gótica alemã. Ao estar disponibilizada para todos os pesquisadores em língua portuguesa, estes certamente emitirão subsídios de significância que muito contribuirão no processo de reconstrução da História de Blumenau e Região.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Tendo em vista o volume documental, e ser a tradução uma atividade que exige muita seriedade e cuidados ao realizá-la, esta etapa será gradual. No entanto, nada impede que sejam antecipados alguns íntens em forma de palavras-chave. A grade elaborada permite ter uma idéia do acervo que está sendo traduzido, e, num futuro não muito distante,

Personalidades - Cartas	Unidades
d' Almeida Portugal, Joao Maria	4
Albrantes	1
de Albuquerque, Lourenço Cavalcant	3
Artur, Dr. C.W.	3
Blum, Hans (Deputado do Parlamento Real alemão)	9
Bahne,Luiz Guilherme	3
Bredl, J.H. (Garimpeiro de ouro)	27
Baethgen, P.F.A. (Cônsul belga em S.Catarina)	2
B r i o 1 1 y (?)	2
BomRetiro, Barão de	2
B r a g a, Dr. Pinto	5
Capanema, Barão de (em alemão)	19
Castro, Luiz de (em alemão)	2
Cintra, Dr. Coelho	2
Correa, F. Ferreira (Pres. da Prov. De SC)	4
Le1ius, Dr. Gme	6
Doerffel,Dr. O. (Diretor da Col. Dona Francisca = Joinville)	5
Eh1ert, Johann Georg	4
von Eye, Dr. A.(Botânico)	4
Froebe1, G. (Proprietário de Editora em Rudolstadt)	4
Gabinete da Presidência da Prov. de S. Catharina	4
Ga1vão, Dr. Ignacio da Cunha (Conselheiro)	57
Gattone, Albert (Vigário em Gaspar)	13
Gross, C.W. & Cia (Rio de Janeiro)	6
Gerstaecker, Friedrich	2
von Gi1sa (Professor em Blumenau)	1
Gruber	4
von Guelich, C.	6
Guigner, Arthur	4
Hackradt, Fernando sen	14
Hackradt, Fern. jun. und Ida	6
Hampe, G. und Ernst (Farmacêutico em Blankenburg)	3
Handelmann, Prof. Dr. H.	2
Hasskarl, Dr. J. K.	2
Henning, Dr. Carl	5
Henning, P.M. u. Marie	2

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Hessenstein, Graf Arthur	9 maços.
Hartmann, Oscar	2
Hofmeister, Dr. F. P.	3
von Humboldt, Baron Alexander	2
Jacobs, Jose Maria (primeiro padre católico em Blumenau	12
Jagor, Dr. F.	4
Jantzen, Dr.	4
Keiner, Franz (Farmacêutico)	3
von Kessel, Oscar u. Maria	8
Kind1er, (Advogado em Schoeneberg)	2
Koehler & Bernhard, Hamburg	4
von Koseritz, Karl	15
Kreisler	5
Kreplin	4
Kulemann, Rudolf Pastor a.D.	1
Lange, Dr. Henry Professor	5
Martin, Dr. Berlin	2
Müller, Fritz, Dr. (Impressos)	1
Odebrecht, Emil, (Topógrafo)	4
Pabst.....	22
Schmidt, Dr. F.	10
Wendeburg, Hermann, Procurador e Secretário do Dr. Blumenau	25
Cartas de interessados em emigrar	45
Cartas com teor humorístico e crítico	51
Cartas de interesse	100
Antigas cartas de várias famílias de Blumenau.	38
Cartas do Dr. Blumenau ao Redator G. Meinecke de Berlin dos anos de 1894 e 1 895 - Cartas ao Dr. Blumenau / Cartas do Dr. Blumenau an Probst, impressos	diversos
Documentos (1845 a 1899): cartas, documentos, anotações, etc	diversos
Cartas e biografias	diversos
Agentes de emigração na Alemanha a partir de1858	diversos
Cartas comerciais / Sem classificação /Diversos /Associações Famílias /Atas jurídicas /Preservação da cultura	diversos
Pastas com várias cartas e manuscritos: Haeberle – 1864 / von Schneeburg – 1863 / von Klitzing – 1870 / Auswanderung – manuscrito / Ingermann- 1856 / Stüller – 1860/ Frankenberg – 1853 / Boegershausen – 1874	diversos

Fonte: Arquivo Estadual da Baixa Saxônia de Wolfenbüttel.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

disponibilizado para o acesso dos pesquisadores do AHJFS, ficando os originais depositados no Arquivo Estadual da Baixa Saxônia de Wolfenbüttel

No bojo desta diversidade documental, a decifração do acervo particular do Dr Hemann Blumenau permitirá estabelecer com maior segurança esta ponte entre o passado/presente. O investimento cultural realizado pela Fundação Odebrecht vem sendo rapidamente articulado e naturalmente, em curto prazo de tempo estará concluído para o acesso público.

A história continua. Com certeza ao ser estudada esta documentação novas reflexões se farão. Este acervo está agora à disposição dos estudiosos da história regional.

Bibliografia.

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1988.

BURKE, Peter(Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

LE GOFF, Jacques. História e memória. 3ª ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

LE GOFF, Jacques. Reflexões sobre a História. Lisboa Edições 1986.

RICHTER, Klaus. Primórdios da Colonização Sistemática Alemã em Santa Catarina – 1846-1848" In: Revista do Revista do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina (3ª Fase nº 23) , Florianópolis. 2004.

PESAVENTO, Sandra Jathay. História & História Cultural. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Burocracia & Governo

Burocracia & Governo

O presente documento foi elaborado em 9 de março de 1832. É composto por uma lista contendo nomes de pessoas e famílias residentes na região do Rio Tijucas Grande e Perequê até a Caixa de Aço. A importância da sua publicação deve-se ao fato destes ajudarem recompor os espaços vividos pelos primeiros povoadores desta região na primeira metade do século XIX. A precariedade do estado de conservação dos originais inviabiliza o manuseio pelos pesquisadores. Desta forma, ao torná-los públicos estamos salvaguardando os originais que se encontram no acervo do Arquivo Histórico de Blumenau, socializando-os entre os pesquisadores e interessados em estudos de genealogia. É interessante registrar que ao realizar a transcrição do documento foram respeitados a grafia da época e os nomes que constam no mesmo.

Ilmo Sr. Juiz

Aqui vai a relação, não a pude fazer mais cedo porque me cortei com o machado em um pé, e ainda não estou bom. Também dou parte a V. S.ª que mandei chamar os tais forros que eram dois porém um já tinha saído com o filho do

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Maçaneiro para corretiva o outro está no sítio da viúva do defunto Francisco Guilherme em uma casinha. Está talhando com licença da mesma viúva e declara ser desertor do Ban nº 17 e diz ser forro de nascença filho do Rio de Janeiro chamado Adam, porém V. S.ª mandaram o que for servido, ele esta aqui há um ano e tem sido sossegado. Também há outro casado, porém é agregado ao Germano de tal da freguesia de São Miguel.

Deus Guarde a Vossa Senhoria por muitos anos.
Tijucas Grande, 9 de Março de 1832.
José Francisco de Vargas

Este Adão
Cristo - José - 35 - anos

Casais moradores do Rio Tijucas Grande:

Brancos casados: 50 – Brancas casadas 56 – Brancos solteiros 140
Brancas solt.: 120 B4 B8
3 15

Escravos da Costa: 42
Crioulos M. S. mulatos 3 crioulos ingenios
Escravas fêmeas: 14
Crioulas fêmeas: 5
Estrangeiros não naturalizados: 2

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Nome do chefe da família / idade	Estado Civil	Esposa /idade	Filhos / idade	Escravos / Qtd	Outros
Miguel Joaquim da Silva - 46	Casado	Maria Rosa - 26	Maria – 16 Antonia – 16 Damazia – 12 Francisco – 8 Joaquina – 6 Anna – 4 Francisca - 2	----------	----------
Maria Joaquina - 30	Viúva	----------	Salvador – 12 Justo – 10 Ricarda – 8 Adelina – 6 Cândida – 4 João - 2	----------	----------
Antonio dos Passos - 39	Casado	Joaquina Rosa - 36	Adrianna - 13	----------	----------
Manoel da Silva - 50	Casado	Joaquina Rosa - 40	João – 36 Luiz – 14 Manoel – 10 Joaquina – 6 Alexandrina - 18	----------	----------
Alexandre Maçaneiro - 30	Casado	Mariana Rosa - 29	Alexandrina – 12 João – 10 José – 6 Manoel – 3	Escravo macho da Costa - 1	----------
José Dias dos Santos - 50	Casado	Anna Rita - 40	Antonia – 17 Fernandes – 15 Vasco – 12 Albino - 5	Escravo macho da Costa – 1 Escravo crioulo – 1 Escrava fêmea da Costa - 1	----------
João de Miranda - 29	Casado	Damiana Maria - 25	Antônio – 9 meses	----------	----------
Joana Francisca - 50	Viúva	----------	----------	----------	----------
Merenciana – 30	Viúva	----------	José – 18 Martemina - 5	----------	----------
Miguel Coelho – 50	Casado	Ana Ignácia - 35	Sarafim - 22 Antonio - 18 Anna - 6 Salvador - 3 Maria - 1	----------	----------
Abelino José - 29	Casado	Delfina Rosa - 30	José – 9 Joaquina – 7 Floriano – 5 João - 3	----------	----------

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Joaquim de Miranda - 50	Solteiro	----------	----------	----------	----------
Antonio Francisco - 56	Casado	Angélica Rosa - 29	----------	----------	----------
Simplicio Francisco - 39	Casado	Patornilha Rosa - 32	Alexandrina - ? João - ? Ignácia - ?	----------	----------
Manoel Pedro - 25	Casado	Feliciana Rosa - 29	Jesoina – 15 Clarinda – 4 João – 4 meses	----------	----------
Luiz dos Santos Correia - 56	Casado	Maria Luciana – 35	----------	Escrava fêmea da Costa - 1	Discípulos: José – 30 Cândido – 25
José Joaquim de Freitas - 40	Casado	Anna Joaquina - 35	Ricardo – 14 Francisco – 8 Manoel – 5 João – 4 Maria - 3	Escravos machos da Costa – 2 Escrava mulata – 1 Escravo mulato menor de idade – 5 Escrava fêmea da Costa 1	----------
Vicente Coelho - 30	Casado	Jenoveva Maria - 33	Abelina – 16 Jacinto – 8 Constantina - 5 João – 2	Escravos machos da Costa – 2 Escrava fêmea da Costa – 1 Escrava crioula de menor idade - 1	----------
Catherina - 80	Viúva	----------	Antonia – 35 José – 16	----------	----------
Rosa Maria - 50	Viúva	----------	Flauzino – 10 Manoel – 20 Maria - 8	----------	Gabriel Antônio-Solteiro - 30
Ignacia Maria - 48	Viúva	----------	----------	----------	----------
Antão ? 80 Gonçalves - 100	Casado	Martha Maria - 69	----------	----------	----------
Antonio Gonçalves - 35	Casado	Clara Fidelis - 22	Luciano - 10 José – 8 Maria – 6 Anna – 4 Francisca – 1 Alexandrina – 4 meses	----------	----------
João Dias de Oliveira – 35	Casado	Ignacia Fidelis - 30	Flausino - 6	----------	----------
José Dias de Oliveira - 24	Casado	Feligenia Luiza - 20	Maria – 3 Francisca – 10 meses	----------	----------

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Luiz Gonçalves - 60	Casado	Florência Rosa - 42	Narcisa – 17 Fidencio – 12 João – 10 Luiz – 8 Domingos – 5	----------	----------
José Luiz Gonçalves - 29	Casado	Macimianna Cândida - 25	Canelinda – 8 Vicente – 5 José – 4	----------	----------
Domingos de Souza - 30	Casado	Joaquina Maria - 27	Anna – 6 meses José – 4 Maria – 2 João - 1	Escravos machos da Costa – 2 Escrava fêmea da Costa - 1	----------
João Pereira Roez - 50	Casado	Constantina Francisca - 35	Maria – 14 Anna – 13 Manoel – 12 Serafim – 10 Luiza – 8 Caettana – 6 Lucinda – 4 Rita – 1 José - 16	----------	----------
Jacinta Ignacia - 40	Viúva	----------	Rosa – 26 Luiz – 18 Francisco – 14 Maria – 12 Antonio – 8 Vertuoso – 4	----------	----------
Ricardo Gonçalves - 30	Casado	Margarida Rosa - 25	Manoel – 8 Ricardo – 3 Laurentino – 2 Francisco – 1	----------	----------
Bento Casas - 48	Casado	Maria Francisca – 30	Jenoario – 7 Maria – 4	----------	----------
Floriano Ignacio Gomes - 28	Casado	Lourença Rosa - 25	----------	Escravos machos da Costa - 2	Afilhada: Meguilina - 10
Salvador de Souza - 58	Casado	Genoveva Rosa – 44	Cândida – 20 Maria – 18 Rosa - ? Floriano – 13 Domingos – 9 Eduardo – 4	----------	----------
João do Nascimento - 48	Casado	Rosa Maria - 43	Anna – 22 Francisco – 20 Maria – 16 Laurinda – 13 Luiza – 8 Carlota – 4 Florentina - 2	----------	----------
Florentino Francisco da Silva	Solteiro	----------	----------	----------	----------

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Luiza Rosa - 23	Solteira	----------	Maria – 6 João – 4 Joaquina – 2	Escravos machos da Costa – 3 Escrava fêmea crioula – 1	
Venâncio Francisco da Silva - 22	Solteiro	----------	----------	Escravo macho da Costa - 1	----------
Anna Maria - 45	Viúva	----------	Antonio – 21 Francisca - 12	----------	----------
Manoel Machado da Fonseca - 35	Solteiro	----------	----------	----------	----------
Marcelina - 40	Viúva	----------	----------	Escravo macho da Costa – 1 Escrava fêmea da Costa - 1	----------
Hipólito Casas - 30	Solteiro	----------	----------	----------	----------
Luiza Rosa - 25	Solteira	----------	Manoel – 7 José – 3 Anna – 4 Francisco – 1	----------	----------
Salvador Jenoario - 18	Casado	Felicidade de Jesus - 18	----------	----------	----------
Manoel Coelho Paula – 45	Casado	----------	----------	----------	----------
Manoel Antonio Valente - 40	Casado	Rosa Joaquina - 44	Pordencio – 18 Maria – 15 Alexandra – 12 Anna – 10 Caetano - 8	Escravos machos da Costa – 3 Escrava fêmea da Costa – 1 Escrava crioula de menor idade - 1	----------
José Lopes Cardoso - 60	Casado	Antonia Rosa - 70	João – 29 Francisca (enjeitada) – 16	Escravos machos da Costa – 4 Escravas fêmeas da Costa – 2 Escravo crioulo de menor idade - 1	----------
José Francisco de Vargas - 44	Casado	Maria Ignacia de Jesus – 33	Antonio – 21 João – 18 Guilhermina – 16 Francisco – 13 Manoel – 12 Felisbino – 11	Escravos machos da Costa – 2 Escrava fêmea da Costa - 1	----------

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

José da ? - 30	Casado	Adriana Rosa – 20	----------	----------	----------
Jenoario Antunes - 45	Casado	Maria Fidelis - 40	Florencio – 12 Candido – 9 José – 7 Anna - 4		
Domingos Maçaneiro - 20	Casado	Luciana Rosa - 16	----------	----------	----------
Maria Fidelis - 30	Viúva	----------	Joaquim - 18	----------	----------
Antonia Ignacia - 60	Viúva	----------	----------	Escravo macho da Costa - 1	----------
Fortunata Antunes - 40	Viúva	----------	Anna – 18 Adrianna – 16 Ignacia – 14 Deonizia – 12 Maria - 9	----------	----------
Luiz Candido – 42	Casado	----------	----------	----------	----------
Bento Gonçalves - 30	Casado	Maria Antonia - 25	Lautério – 12 João – 11 José – 6 Manoel – 4 Rita - 2	----------	----------
Francisco Correia - 60	Casado	Maria Joana - 38	Luiz – 20 Constantina – 18 Porcina – 15 Domingos – 14 Luiza – 10 Maria – 4 Sabina – 7 Gertrudes – 2 Anna – 1	Escravos machos da Costa – 3 Escrava fêmea da Costa – 1	----------
José, crioulo que nasceu forro - 36	Solteiro	----------	----------	----------	----------
Francisca, crioula forra - 35	Solteira	----------	----------	----------	----------
Manoel Custodio - 30	Casado	Floriana Maria - 30	Supriano – 5 José - 3	----------	----------
Vitorino Correia – 48	Casado	Maria Ignacia – 39	Antonio – 17 Teresa – 15 Mequelina – 13 José – 9 Serafim – 7 Maria – 5 Francisco – 3 Silvestre – 1	Escravos machos da Costa – 2 Escrava mulata fêmea – 1 Escravo macho mulato de menor idade – 1 Escravo macho crioulo – 1 Escrava fêmea	----------

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Maria Rosa - 70	Viúva	----------	Claudina – 20 Custodia – 22	Escravo macho da Costa – 1 Escrava fêmea da Costa - 1	----------
Manoel Teixeira - 80	Casado	Jacinta Rosa - 70	Supriano – 28 Rosa - 20	----------	----------
Maximiano Teixeira - 28	Casado	Rosa Maria - 20	Anna – 9 Vicença – 7 Maria – 3 Joaquim – 1	----------	----------
Manoel Francisco Serpa - 36	Casado	Abelina Maria - 18	Domingos – 8 Antonio – 6 Maria – 3 meses	----------	----------
Joaquim Fidelis – (?)	Casado	Francisca Rosa - 20	Maria – 12 José – 9 Supriana – 7 Custódio – 5 Leopoldino – 4 Marcelina - 2	----------	----------
Manoel Coelho - 30	Casado	Maria Luiza - 25	Thomaz – 10 José – 9 João – 7 Domingos – 5 Bernardino – 4 Supriano – 3 Maria – 1	Escravos machos da Costa – 2	----------
André Machado - 80	Casado	Genoveva Antonia - 70	Florentino – 28 Lecino – 20 Francisco - 10	Escravos machos da Costa – 3 Escravas fêmeas da Costa – 2 Escravo crioulo macho de menor idade – 1 Escrava fêmea crioula de menor idade - 1	----------
Antonio Silveira - 30	Casado	Maria Ignacia - 29	Rita – 9 Maria – 7 José – 5 Manoel - 2	----------	----------
João Correia da Silva - 33	Casado	Maria Fidelis – 25	Francisca – 7 Anna – 5 Cândido – 3 Supriano 1 ?	----------	----------

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Documento rasgado	Casado	Joaquina Rosa - 28	Maria – 7 Custodia – 6 Anna – 4 José - 1	----------	----------
Miguel da Silva – 83	Casado	Izabel Maria - 49	Joaquina – 23 Albina – 18 Camila – 14 Geremana - 11	----------	----------
Antonio Dias Oliveira – 40	Casado	Claudina Fidelis - 30	Anastácio – 16 Deolinda – 13 Ricarda – 12 Alexandrina – 9 José – 7 João – 6 Francisca – 4	----------	----------
Manoel Cardoso - 43	Casado	Florinda Rosa - 40	Porcidonio – 20 Anna – 18 Manoel – 4	Escravo macho da Costa – 1	----------
Alexandra Rosa - 30	Viúva	----------	Clarinda – 9 Joaquina – 7 Laurentino – 5 José – 3	Escravos machos da Costa – 2 Escravo macho mulato – 1 Escravo macho crioulo - 1	----------
Jenoário Casas - 25	Casado	Jenoveva Rosa - 18	----------	----------	----------
Manoel da Silva Floriano - 33	Casado	Maria Rosa – 25	Luiza – 15 ? Laurindo – 12 Floriano – 7 ? Domingos – 4 Polucenia – 3 Rosa – 2 Remuardo – 6 meses	Escravo macho da Costa – 1	
Joaquim Machado Galo - 70	Casado	Anna Maria – 48	Supriano – 30 Zeferino – 25 Mauricio – 12 Maria – 20 Luiz - 14	Escrava fêmea mulata - 1	----------
João Ignácio Gomes – 80	Viúvo	----------	----------	Escravo macho da Costa – 1 Escrava fêmea da Costa – 1	----------
José de Souza da Silva – 80	Viúvo	----------	----------	Escravo macho da Costa – 1	----------
Antonia Maria - 30	Viúva	----------	Anna – 7 Maria - 4	----------	----------
Salvador de Quadros - 56	Viúvo	Anna Francisca – 20 - Solteira	José – 3 Ignacia - 7	----------	----------

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Antonio de Amorim - 65	Casado	Maria Marta - 67	José – 27 Felipe – 14 Maria – 12 Rosa – 10 Delfina – 8	Escravo macho da Costa – 1	
Delfina Rosa - 28	Casada	----------	Luiza - 4	----------	----------
Justino Antônio de Amorim - 20	Casado	Maria Madalena – 22	José – 2 Alexandrina – 4 meses	----------	----------
Severino Munhoz - 40	Casado	Anna Maria de Jesus – 29	Anna – 9 Margarida – 8 Cristóvão – 6 Maria – 4 Antonio – 2 João – 1	----------	----------
Alexandre ??	???	????	??	??	??
Luduvina Ignacia – 40	Viúva	----------	Deolinda – 17 João – 10 Francisca – 8 Clarinda – 6 José – 3 Simfrozia – 1	----------	----------
Maria Rosa - 70	Viúva	----------	Claudina – 20 Custodia – 22	Escravo macho da Costa – 1 Escrava fêmea da Costa – 1	----------

Crioulo Martins - Solteiro - nasceu forro, idade 50 – Agregado da viúva do marçaneiro, diz ser desertor do Bem 13.	João Pinto, solteiro - idade 18. Persiste ora deste lado, ora do lado do Sul do rio.
Ignácio Manoel, solteiro – idade 30. Não tem casa, mais a existência é o no mato trabalhar .....e diz ser desertor do Bem 14, porém sentou praça voluntário e tem a sua guia e como não lhe dessem baixa no tempo vencido desertou e tem aqui persistido sossegado sem nota.	

Ilmo Senhor

Não acho que haja mais ninguém por aqui, a viúva de Antonio Correia, é esta Maria Rosa, pois me parece já tinha ido na relação passada.

Deus guarde a Vossa Senhoria e muitos anos.
Tijucas, 21 de março de 1832.

José Francisco de Vargas

Brancos Casados 55/ Brancas Casadas 54/ Brancos Solteiros 142/ Brancas Solteiras 131/ Viúvas 16/ Viúvos 3/ Escravos da Costa 38/ Escravas da Costa 16/ Escravas mulatas 3/ Escravos mulatos 3/ Escravos crioulos 5/ Escravas crioulas 5/ Crioulos forros 1/ Crioulas forras 1.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Sua mulher	Graciana Rosa	De 27 anos	
filhos	Cipriana	De 10 anos	
	Laurinda	De 3 anos	
	Margarida	De 12 meses	
Mano Francisco da Silva		De 26 anos	Casado natural desta Freguesia
Sua mulher	Eugenia Rosa	De 26 anos	
filhos	Raulino	De 9 anos	
	Antonio	De 7 anos	
	Mariano	De 6 anos	
	Josefa	De 4 anos	
	Maria	De 1 ano	
	Antonio José Vieira	De 26 anos	Casado natural de Itajaí
Sua Mulher	Isaquelina Rosa	De 27 anos	
filhos	Manoel	De 18 meses	
	João Manoel da Silva	De 50 anos,	Casado natural de Laranjeira
Sua Mulher	Rosa Maria	De 47 anos	
filhos	Florentino	De 20 anos	
	Joaquim	De 15 anos	
	Victorino	De 10 anos	
	Salvador de Chaves	De 30 anos	Casado natural desta Freguesia
Sua Mulher	Vicência Jacinta	De 42 anos	
filhos	João	De 8 anos	
	Joaquim	De 1 ano	
	Gracinda	De 4 anos	
	Marcelino Jose da Costa	De 41 anos	Casado natural desta Freguesia
Sua mulher	Fortunata Rosa	De 31 anos	

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

	Bernardo Dias da Costa	De 55 anos	Casado natural de Portugal
Sua mulher	Joaquina Juarez da Ventura	De 42 anos	
filhos	João	De 22 anos	
	Manoel	De 17 anos	
	Policarpo	De 11 anos	
	Francisco	De 9 anos	
	Thomas	De 5 anos	
	Bernarda	De 8 meses	
Antonio Francisco dos Santos		De 48 anos	Casado, natural de São Miguel
Sua mulher	Anna Rosa	De 44 anos	
filhos	Florenço	De 18 anos	
	José	De 3 anos	
	Flauzina	De 16 anos	
	Inoçencia	De 13 anos	
	Genuario José Pinto	De 56 anos	Casado, natural de Santo Antonio
filhas	Anna	De 18 anos	
	Carolina	De 17 anos	
	Maria	De 16 anos	
	José Ramos	De 70 anos	Casado, natural da Cidade
	Ignacia da Presincula	De 99 anos ?	natural da Bahia
	Maria Joaquina	De 52 anos	
	Jacinto José Vieira	De 41 anos	Casado, natural de São Miguel
Sua mulher	Deluvina Rosa	De 40 anos	
filhos	João	De 12 anos	
	Serafin	De 11 anos	
	Joaquim	De 10 anos	
	José	De 6 anos	
	Maria	De 10 anos	
	Jacinta	De 5 anos	

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

	Rosa	De 3 anos	
Fideles José de Vargas		De 62 anos	Casado, natural de S. José
Sua mulher	Catherina Rosa	De 56 anos	
filho	Claudino agregado	De 13 anos	
Felisberto José da Silva		De 30 anos	Casado, natural de Santo Antonio
Sua mulher	Rosa Maria	De 25 anos	
filhos	Luiz	De 2 anos	
	Maria	De 1 anos	
	Eufrazia	De 2 meses	
Feliciano Antonio Martins		De 56 anos	Casado, natural de São Miguel
Sua mulher	Lionarda Ignacia	De 56 anos	
filhos	Dicinidio	De 18 anos	
	Manoella	De 16 anos	
	Senhorinha	De 14 anos	
	Carolina	De 10 anos	
Escravos	Crioula 1		
Migel Antonio Martins		De 30 anos	Casado, natural de São Miguel
Sua mulher	Vitelina Rosa	De 29 anos	
filhos	Geremias	De 4 anos	
	Infançia	De 3 anos	
agregadas	Jacinta	De 16 anos	
	Ricarda	De 13 anos	
Antonio Genuario de Aguiar		De 30 anos	Casado, natural de Portugal
Sua mulher	Maria Bernarda	De 28 anos	
filhos	Francisco	De 1 ano	
Francisco Antonio Pinheiro		De 46 anos	Casado, natural de S. Antonio

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Sua mulher	Maria Luiza da Incarnação	De 36 anos	
filhos	Manoel	De 12 anos	
	Francisco	De 10 anos	
	José	De 3 meses	
	Jezuino	De 8 anos	
	Maria	De 2 anos	
	Joaquim Lial Nunes	De 46 anos	Casado, natural de Itapocoroy
Sua mulher	Genoveva Antonia dos Santos	De 28 anos	
filhos	Joaquim	De 2 anos	
	Maria	De 1 ano	
	Siberino Antonio dos Santos	De 62 anos	Casado, natural da La guna
Sua mulher	Laurinda Pereira	De 45 anos	
filhos	Alichandra	De 29 anos	
	João Francisco dos Santos	De 56 anos	Casado, natural de São Miguel
Sua mulher	Silvana Antonia	De 47 anos	
filhos	Fernando	De 25 anos	
	Francisco	De 13 anos	
	Maria	De 22 anos	
	Cipriana	De 15 anos	
	Francisca	De 11 anos	
	Fortunata	De 8 anos	
	Escravos da Costa 3		
	Crioulos 1		
	Salvador Correia	De 58 anos	Casado, natural de São Francisco
Sua mulher	Jezilia Ignacia	De 50 anos	
	Silvestre Antonio Martins	De 30 anos	Casado, natural desta Freguesia
Sua mulher	Ignacia Antonia	De 29 anos	
filhos	Manoel	De 13 anos	

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

	Belino	De 11 anos	
	Francisco	De 3 anos	
	Sepriana	De 9 anos	
	Claudina	De 7 anos	
Francisco Pereira da Rosa ?		De 40 anos	Casado, natural de Santo Antonio
Sua mulher	Felicidade Franc.ª	De 20 anos	
filhos	José	De 5 anos	
	Marcos	De 4 anos	
	Cipriana	De 7 anos	
	Maria	De 7 meses	
Silvestre Fernandes		De 55 anos	Casado, natural de Santo Antonio
Sua mulher	Ignacia Pelonia	De 40 anos	
filhos	João	De 18 anos	
Anastácio Vieira Chaves		De 62 anos	Casado, natural de São Francisco
Sua mulher	Anna Dias Cardoza	De 64 anos	
filhos	Antonia	De 16 anos	
	Joaquim	De 16 anos	
Cipriano Machado de Souza		De 56 anos	Casado, natural de São Miguel
Sua mulher	Anna Joaquina	De 39 anos	
filhos	José	De 19 anos	
	Anna	De 18 anos	
	Cipriana	De 8 anos	
	Escravo da Costa 1		
	Crioula 1		
	Eugenia Rosa viúva	De 68 anos	
Claudino José da Silva		De 25 anos	Casado, natural de Santo Antonio
Sua mulher	Ritta Joaquina	De 24 anos	

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

filhos	Manoel	De 2 meses	
	Maria	De 2 anos	
	Cipriana	De 12 meses	
Francisco Dias Cardoso		De 76 anos	Casado, natural de S. Francisco
Sua mulher	Matildes Rosa	De 40 anos	
	Escravo da Costa 1		
	Escrava 1		
Rosa de Miranda		De 90 anos	
	Graviel da Silva Pereira	De 20 anos	Casado, natural desta Freguesia
Sua mulher	Maria Cardoza	De 18 anos	
filhos	Pedro	De 1 ano	
Policarpo José Cardoso		De 38 anos	Casado, natural de S. Miguel
Sua mulher	Victurina Rosa de Jesus	De 39 anos	
filhos	Maria	De 6 anos	
Felisbino Antonio de Barros		De 36 anos	Casado, natural de Santo Antonio
Sua mulher	Joaquina Rosa	De 40 anos	
filhos	Manoel	De 11 anos	
	Antonio	De 6 anos	
	José	De 2 anos	
	Francisco	De 1 ano	
Francisco José da Silva		De 48 anos	Casado, natural de Vi deira
Sua mulher	Francisca Rosa	De 32 anos	
filhos	Américo	De 11 anos	
	Claudino	De 9 anos	
	Manoel	De 6 anos	
	Maria	De 4 anos	
	Francisca	De 4 meses	

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

	Felício José Vieira	De 20 anos	Casado, natural de Itajaí
Sua mulher	Angélica Rosa	De 24 anos	
filhos	Thomas	De 2 anos	
	João	De 3 meses	
	Libanata Ângela, parda forra	De 52 anos	Casada
	Francisca, parda que nasceu forra	De 15 anos	
	Maria, parda que nasceu forra	De 12 anos	
	Pedro Antonio Moises, preto forro	De 49 anos	Casado
Sua mulher	Florinda Rosa B.	De 21 anos	
	José Luiz Rosa, preto forro	De 49 anos	Casado
	Laura Francisca, preta que nasceu forra	De 26 anos	Casada
	Antonio que nasceu forro	De 3 anos	
	Maria, preta que nasceu forra	De 9 anos	
	Manoel Joaquim Pinheiro, preto forro	De 46 anos	
filhos	João, preto que nasceu forro	De 19 anos	
	Joaquim, preto que nasceu forro	De 17 anos	
	Serafim, preto que nasceu forro	De 15 anos	
	Floriano, preto q nasceu forro	De 13 anos	
	Desudonia, preta que nasceu forra	De 11 anos	
	Maria, preta que nasceu forra	De 7 anos	
	Antonio Ferreira da Costa, preto forro	De 58 anos	Casado
	Rita Maria, preta forra	De 44 anos	Casada
filhos	Manoel, preto que nasceu forro	De 25 anos	
	José, preto que nasceu forro	De 20 anos	
	João Pinheiro, preto forro	De 36 anos	Casado
	Anna Maria, preta que nasceu forra	De 21 anos	Casada
	Francisca, preta que nasceu forra	De 1 ano	

Brancos casados 34,, Brancas casadas 33,, Brancas solteiras 52,, Brancas solteiras 42,, Brancas viúvas 3,,

Pardos forros casados,, Pardas forras casadas 1,, Pardas ingenias {sic} solteira 2,,

Crioulos forros casados

Pardos forros viúvos 1,, Pretos forros casados 3,, Pretas forras casadas 1,,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Crioulas ingenias Casadas
Pretas ingenias {sic} Solteiras 2,, Crioulos ingenios {sic} Solteiros 7
Fogos 43,, Escravos da Costa 5,, Crioulas 3
ditas

Lista do Perequê até Caixa de Aço - 1832

Nome do chefe da família / idade	Estado Civil	Esposa /idade	Filhos / idade	Escravos / Qtd	Outros
Laurindo da Silva – (?)	----------	Joaquina – (?)	Manoel José Francisco	Pretos - 1	----------
Manoel Francisco dos Santos - 40	Viúvo	----------	----------	Pretos – 2 Pretas – 1	Agregada – Prudência – 9
Tomasia Maria - 71	Viúva	----------	----------	----------	----------
Bento Vieira Rebello - 40	----------	Ugenia Rosa - 39	Maria – 3 (?) Antonio – 17	Pretos – 5 Pretas – 1	Agregado Solteiro - 17
Maria Vitória – 24	solteira	----------	Maria – 4 Laurinda – 1 José – 2	----------	----------
Maria da Conceição - 69	viúva	----------	Cláudino - 36	Pretos – 4 Pretas – 3	----------
Anna Maria da Conceição – 50	solteira	----------	----------	Pretos – 1 Pretas – 1 Pardos – 1	----------
Francisco Vieira Rebello – 42	solteiro	----------	----------	Pretos – 4	----------
Ricardo Vieira Rebello – 32	solteiro	----------	----------	Pretos – 1	----------
Clariana Rosa – 18	solteira	----------	Porcina – 1	----------	----------
Antonio da Silva Vieira - 69	----------	Maria da Conceição - 68	Serafino – 23	Pretos – 1	----------
Jacinta Rosa – 32	solteira	----------	João 20 Cláudino – 11 Rita – 1	----------	----------
Anna Ignacia – 59	solteira	----------	Zeferino – 22 Infância - 20	----------	----------
Lucinda Ignacia – 23	solteira	----------	Bernardo – 4	----------	----------
Bernardo	4				
Antonio José Barreto – 44	----------	Genoveva Rosa – 31	Manoel – 8 Jose´- 2 Faustino – 1 Maria – 11 Rita – 10 Clara – 5 Claudina – 4 Narciza – 3	----------	----------
Vetorino José de Quadros – 52	----------	Florinda Rosa – 22	----------	----------	----------
Capistrano dos Reis Pereira – 70	----------	D. Vicência Rosa – 48	----------	Pretos casados – 4 ditas solteiras – 15	----------

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

José Luiz Reis	----------	D. Maria Pires	----------	Pretos – 3	----------
Alferes Manoel Joaquim Pereira	----------	D. Maria Francisca	----------	Escravos – 2 Pretas – 1	----------
Antonio José Pereira – 46	----------	Maria Joséfa – 35	----------	----------	Agregada Antonia – 21
Jacinta Maria –	viúva	----------	Jorge João Manoel Maria Ana	Pretas – 1	----------
Manoel Martins - 52	----------	Genoveva Rosa – 41	Felisbina – 11 Claudino – 9 Ricardo – 7 João – 5 Silvano – 3 Antonio – 1	----------	----------
Alferes José Francisco Rebello	----------	D. Maria	Francisco	Pretos – 1 Pretas – 1	Agregada Lechandra
Maria - preta livre	----------	----------	----------	----------	----------
Maria da Conceição – 70	viúva		Roque – 30 Florindo – 27 Sezerina – 20		
Francisco Pereira	----------	Ignácia	----------	----------	----------
Capistrano Joaquim Reis Pereira – 42	solteiro	----------	----------	Pretos – 6 Pretas - 1	----------
Ignácio Gomes – 50	----------	Anna Joaquina – 27	Manoel – 5 Francisco – 3 Antonio – 1 Maria – 2	----------	----------
Manoel José da Silva – 50	solteiro	----------	----------	----------	----------
Rita Clara - 20	solteira	----------	Emilia – 1	----------	----------
Maria Rosa – 60	viúva	----------	----------	Pretos – 2	----------
Bona Lucia – 25	solteira	----------	Serafim – 2	----------	----------
Manoel de Seixas – 52	----------	Merenciana Rosa – 30	João – 8 Maria – 6 Sipriana – 4 Anna – 2	----------	----------
Joaquim José Silva Tavares – 44	----------	Rita Maria da Conceição – 28	Francisco – 5 Antonio – 4 Luiz – 2 Maria – 1	Pretos – 1 Pretas – 1	----------
José da Costa Pinheiro – 32	----------	Maria das Dores – 22	Maria – 3	----------	----------

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Zimbros

1	Joana Maria – viúva	40
filhos	José	25
	Beatriz	20
	Escravos – 1 , Crioulo	
	1 Pardo	
	3 Pardas	
2	José Bernardo	25
	Felisbina Rosa	20
3	Pinheira Rosa – viúva	40
filhos	Manoel	23
	Maria	28
	Liandra	26
4	José de Souza	43
	Florência Rosa	27
filhos	Manoel	7
	Belina	14
5	Maria Rosa – viúva	40
filhos	Thomas	4
	Camila	7
6	Manoel Antonio de Souza	48
	Florência Rosa	40
filhos	Manoel	15
	Deolinda	13
	Antonio	1
7	Domingos Antonio Alferez	30
	Anna Rosa	23
filhos	Bento	2
8	Antonio José de Mello	42
	Jacinta Rosa	40
filhos	Francisco	15
	Jacinto	12
	Belina	10
	Claudina	13
	Anna	5
	Maria	2
9	João Francisco de Oliveira	38
	Maria Jacinta	27
filhos	Manoel	4
	José	2
	Luiza	8
	Narciza	3
	Lixandrina – 6 meses	
10	(Pai) Falta uma parte do documento	
	(Mãe) Falta uma parte do documento	
filhos	José	14
	Maria	11
	Anna	10
	Bárbara	7
	Liandra	3
11	Albino de Souza	50
	Leocadia Rosa	30
filhos	Lexandre	7
	Flosino	6
	José	5
	Manoel	4
	Merenciana	20
	Florinda	18
	Genoveva	17
	Clara	16
	Vicência	4
	Maria	3
	Delfina	2
	Escravos da Costa – 1	
	Escravas ditas – 1	
13	Luiz Manoel da Silva	56
	Jacinta Maria	52
filhos	Manoel	30
	Leandro	28
	Firmino	25
	Luiz	23
	Geralda	18
	Laurinda	15
	Custodia	14
	Escravos – 3	

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

12	Manoel Antonio Alferez	30
	Pirina Rosa	21
filhos	Manoel	3
	João	2
	Maria	1
14	Alexandre Luiz	30
	Maria Luiza	22
filhos	Felisbina	1
15	Manoel Antonio Pereira	44
	Narciza Antonia dos Santos	24
filhos	José	5
	Felisbina	3
	Francisca	2
	Maria	1
	Pretos – 1	
	Pardos – 3	
	Pardas – 1	
16	Francisco José de Macedo	44
	Francisca Rosa	35
filhos	Leonarda	14
	Maria	9
	Clarinda	3
17	(Pai) Falta uma parte do documento	
	(Mãe) Falta uma parte do documento	
filhos	Manoel	11
	Feliciano	4
	Maria	6
18	Francisca Joaquina – viúva	60
19	Rosa Joaquina – viúva	59
filhos	Silvana	26
20	Jacinto, filho de Rosa – casado	30

21	Caetano José da Silva	42
	Maria Francisca	32
filhos	João	10
	Manoel	16
	Joaquim	6
	Aurique [sic]	3
	Deolindo	2
	Joel	1
	Libiana	14
22	Luciano Antonio	30
	Pelucina [sic] Rosa Pelucena	25
filhos	Manoel	7
	Fermiano	6
23	Gabriel Lopes (?) Casado	58
	Anna Rosa	40
filhos	Pedro	20
	Manoel	19
	Escravos 1„ pardo	
	Escravos da costa – 1„ crioula 1	
24	José Lopes	24
	Maria de Jesus	19
filhos	José	2
25	Ricardo José Gonçalves	22
	Lixandrina Rosa	20
26	Maria Dias – viúva	21
filhos	Manoel	5
	José	4
	Antonio	3
27	Manoel Dias – viúvo	48

Casados – 20/ Casadas – 19/ Solteiros – 41/ Solteiras 36/ Viúvos – 1/ Viúvas – 6/ Escravos da Costa – 5/ - Escravos crioulos – 1/ Ditas escravas – 2/ Crioulas – 1/ Pardos – 5/ Pardas - 4
Total – 141

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Relação de moradores encontrados em página avulsa

	(Pai) Falta uma parte do documento	
28	Leonora Joaquina	28
filhos	Francisco	3
	Anna	10
	Jesuína	6
	Maria	4
	Justina	3
	Bernardina	2
29	Severino José de Mello	42
	Luiza Rosa	30
filhos	Guilherme	2
	João	1
	Maria	10
	Lauriana	5
	Custodia	2
30	Caetano Antonio de B.tam	37
	Maria Rosa	35
filhos	João – 4 meses	
	Custodia – agregada	16
31	João Pedro	29
	Anna Joaquina	20
filhos	Rosairinha	4
	Luiza	2
	Carlota	1
32	Manoel Antonio dos Santos	43
	Thomazia Rosa	31
filhos	Laurindo	22
	João	18
	Manoel	10
	Francisco	2
	Maria	12
	Luiza	9
	Laurinda	6
	Carolinda	4
	Pretos da Costa - 1	
33		20
	Luis Machado	16
	Amandia	
34		42
	Manoel José da Silva	30
filhos	Joaquina Rosa	10
	Fernandes	7
	Serafim	20
	Anna	16
	Clara	
35	(Pai) e (Mãe) Falta parte do documento	
filhos	Maria	7
	Luiza	2
36	Antonio Ramos	25
	Maria Luiza	18
filhos	João	4
	Germana	2
37	Manoel José Machado	50
	Ugenia Rosa	30
filhos	Antonio	20
	Maria	12
	Custodia	11
38	Thobias José da Costa	?
	Anna Rosa	?
filhos	João	?
	Vicente	?
	José	?
	Antonio	?
	Manoel	?
	Sabina	14
	Ana	12
	Lixandrina	2
	Joaquina	1
39	José Duarte Inghes	54
	Joaquina Rosa	36
filhos	Maria	5
40	Vitorino Machado	44
	Maria Joaquina	25
filhos	Supriano	8
	José	6
	Manoel	1
	Lixandrina	11
	Luiza	5
	Rita	4
	Anna	3
41	José Francisco de Souza	56
	Luiza Pedra	40
filhos	Antonio	23
	Zeferino	15
	Claudino	10
	Silvana	13
	Luiza	8
	Sebastiana	6

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

	Manoel	8
	Maria	
44		24
	Manoel Antonio de Azevedo	19
	Anna Luiza	15
	(Agregado) Adriano	
45		28
	Manoel Antonio ?	30
filhos	Sabina Rosa	9
	Bernardina	4
	Rita	2
	Maria	
46		35
	Antonio Manoel de Lima	38
filhos	Patronilha Maria	16
	José	9
	Guilherme	5
	Roza	19
	Anna (casou)	3
	Infancia	2
	Maria	
	Crioulos – 2	
	Crioulas – 3	
	Pardos – 1	
47		57
	Ignácio José de Oliveira	57
filhos	Ignes Maria	22
	Manoel	
	Crioula – 1	
48		26
	Luis Antonio de Souza	24
filhos	Anna Rosa	1
	Manoel	
49		26
	Manoel Rodrigues de Carvalho	20
filhos	Rita Maria	1
	Maria	
50		
	(Pai) Falta uma parte do documento	
filhos	(Mãe) Falta uma parte do documento	1
	Thomas	
52	Adriano Machado	23
	Maria Paixão	21
filhos	Supriana	1
53	Jacinto Machado	50
	Ignacia Joaquina	55
filhos	Antonio	12
	Silvana	8
54	Manoel Seberino	20
	Anna Jacinta	20
55	Francisco de Oliveira	28
	Florinda Rosa	30
filhos	Manoel	3
	Florência	9
56	Vicente José de Mello	45
	Genoveva Rosa	31
filho	Candido	14
	Pretos da Costa – 1	
57	Florêncio da Silva	20
	Clarinda Rosa	21
	Maria – 6 meses	
58	Antonio dos Santos	18
	Lixandrina Maria	22
59	João Antonio dos Santos	51
	Luciana Leonarda	42
filhos	Mauricio	13
	Manoel	11
	José	9
	Lixandre	6
	Francisco	2
	Delfina	16
	Luiza	10
	Anna	4
	Parda ingenia – 1 / Pretos da Costa – 1	

Brancos casados: 31/ Brancas casadas: 32/ Brancos solteiros: 38/ Brancas solteiras: 53/ Pretos da Costa: 4/ Crioulos: 2/ Crioulas: 3/ Pardos: 1 / Pardas Ingenias [sic]: Casados – 1; ditos solteiros - 1 ; ditas ditas – 2.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Relação de moradores em documento avulso

25	(Pai) Falta uma parte do documento	
	(Mãe) Falta uma parte do documento	
filhos	Maria	2
	Narciza	1
	Pretos – 1	
	Pardos – 5	
26	Domingas Joaquina – viúva	70
filhos	Francisco	19
	Rita	16
27	Antonio João de Amorim	38
	Margarida Antonia	34
filhos	Fermiano	10
	Justiliano	7
	Pedro	2
	Laurentina	12
	Anna	5
	Maria	4
	Leonarda	2
	Lixandrina	1
28	Joaquim José de Oliveira	40
	Ugenia Maria	38
	Maria	18
	Joaquina	10
	Anna	13
29	Manoel José Assunção	54
	Petronia	60
30	Francisco Machado Gallo	32
	Delfina Rosa	26
filhos	Supriano	9
	Antonio	1
	Maria	12
	Pretos – 1	
31	Sabino Luis de Souza	34
	Maria Ignacia	27
filhos	José	8
	Joaquim	6
	Miguel	5
	Jenuária	11
	Maria	10
	Urtencia	9
	Anna	7
	Rosa	2
	(Pai) Falta uma parte do documento	
32	Lucinda Rosa	?
filhos	Sabino	?
	João	3
	Joaquim	1
	Cândida	9
	Luiza	8
	Mauricio	7
	Rufina	6
	Maria	5
	Pretos – 2	
33	José Luis Soares	24
	Rosa Maria	32
34	João de Souza Soares	32
	Anna Joaquina	36
filhos	Jeremias	5
	Lidorio	2
	Laurinda	11
	Deolinda	10
	Rolinda	7
	Maria	3
	Pretos – 1	
35	Domingos de Souza Soares	40
	Marcelina Rosa	36
	Serafim	12
	José	9
	Manoel	7
	Candido	5
	João	4
	Domingos	1
	Anna	10
	Maria	3
	Rosa – 4 meses	
36	Miguel de Souza Soares	70
	Anna Seberina	59
filhos	Serafim	12
	Pretos – 2	
	Pretas – 2	

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

I = Idade das pessoas

Abreviaturas que apareceram em todo documento, mas tivemos que transcrevê-los, pois se tornava complicado a interpretação se mantivéssemos a originalidade.

Agargadas – agregadas
Anna = Ana
anno - ano
as – anos
B. – Branco
Beatris – Beatriz
Cap.tan – Capistrano
Cardozo – Cardoso
Casado (a) – Casado (a)
Com.sam
d.as – ditas
d.os – ditos
Desipulos – Discípulos
Femias – fêmeas
Ferr.a – Ferreira
Fran.co – Francisco
Freg.a – Freguesia
Itajahi – Itajaí
Maxo – Macho
Maxado – Machado
Mel – Manoel
Migel – Miguel
naseu – nasceu
q – que
S. – Solteiro
S.a – Silva
S.to – Santo
S.tos - Santos
Soilt.as – Solteiras
Solt.os – Solteiros

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Sua m^er - Sua mulher
Sz^a – Souza
Thijucas – Tijucas
Todos os nomes Joze – José
Todos os nomes Roza – Rosa
I^de – Idade
Glz^ - Gonçalves
Diaz – Dias
Costodio – Custodio
Costodia – Custodia
Liopoldino – Leopoldino
Os nomes Luiz e Luiza, mantiveram-se.

Ilmo Sr. Luiz

Aqui vai a relação, não a pude fazer maiz sedo p.^r q.^e me cortei com o machado em hum pé, e ahinda não estou bom. Também dou parte a V. S.^a que mandei chamar os tais forros que serão doiz porem hum já tinha sahido com o filho do Marçanr^o p.^a corretiva o outro está no sitio da viúva do defuntto Fran^co Guilherme em huma cazinha. Esta talhando com licença da mesma viúva e declara ser dezertor do Ban n^o 17 e diz ser forro de nacença filho do Rio de Janr^o chamado Adam porem V. S.^a mandarão o q.^ for servido, hele esta aqui há hum anno e tem sido socegado. Também há outro Casado, porem hé agregado ao Germano de tal da freg.^a de S. Miguel.

Deus Gd^e a V. S.a p.^r m^to. Annos
Thijucas Grande 9 de Março de 1832
José Francisco de Vargaz

Este Adão
Cristo - José - 35 – anos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O ano Érico Veríssimo

Enéas Athanázio[1]

Autores Catarinenses

Em 17 de dezembro de 2005 o escritor gaúcho Érico Veríssimo (1905/1975) completaria cem anos de idade, se vivo fosse. Para comemorar o fato, todo o ano de 2005 será dedicado à memória do escritor, promovendo-se inúmeros eventos e lançando-se novas edições de suas obras pela Editora Globo, embora não seja mais aquela que publicou seus primeiros livros e o revelou ao país. É o Ano Érico Veríssimo, ao qual me associo como leitor e admirador de tão rica figura de ficcionista e de homem de caráter.

Desde muito cedo comecei a ler as obras de Érico Veríssimo, bem como suas entrevistas e o que sobre ele se publicava. Creio que li tudo que saiu de sua pena, inclusive livros de difícil obtenção, como "Fantoches" e a série de palestras sobre literatura brasileira por ele proferidas nos Estados Unidos. Durante certo período foi hostilizado pela crítica por ter residido naquele país, mas ao longo da ditadura de 1964 ele revelou com coragem e constância o democrata que era. Arrostando a repressão e a censura, apoiou de forma decisiva a candidatura de Paulo

1 Escritor e Advogado.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Brossard, contribuindo para dar um fim ao regime de força.

A maior obra de sua autoria, segundo as melhores avaliações e a opinião dominante dos leitores, é a trilogia "O Tempo e o Vento." É uma história romanceada do Rio Grande, desde os albores até o fim da ditadura Vargas, com suas guerras, revoluções, golpes e contragolpes, eleições, coronelismo, lutas de famílias e tudo mais, onde se movimentam, cruzam e entrecruzam incontáveis personagens das mais diferentes origens e formações. Entre estes, alguns ficaram indeléveis na minha memória, como Ana Terra, o capitão Rodrigo Cambará, o Dr. Karl Winter, o Fandango, o médico Rodrigo Cambará e outros tantos. Este último, neto do capitão, era figura destoante do meio, homem culto e refinado, forçado pelas circunstâncias a conviver com aquele meio semibárbaro, em cujo sobrado se reunia a reduzida elite pensante do lugar. Dr. Winter, médico alemão perdido na fictícia Santa Fé, faz uma espécie de repórter, registrando em intermináveis cartas o desenrolar da história da região. E o Fandango, pobre peão de estância, gabando-se de conhecer o mundo inteiro. Perguntado onde ficava a Europa, esticava o beiço da direção norte e repetia: "Fica pra lã!" Queria morrer em pé, como homem, e um dia, apoiado numa cerca, acompanhava a lida da marcação. Observando que não se mexia, foram verificar e o Fandango estava morto, em pé, como desejava.

Discute-se até hoje se Veríssimo foi ou não um regionalista. Embora isso desagrade a muitos, em especial aos seus conterrâneos, ele próprio se manifestou pela negativa. Sua obra tinha enfoques gaúchos, mas não era gauchista. Ela, - dizia ele, - não se comparava com as obras de Simões Lopes Neto ou Darcy Azambuja. A grande maioria de seus romances é ambientada em cidades, inclusive do Exterior. Seja como for, regionalista ou não, Érico Veríssimo foi o maior romancista do sul brasileiro e sua obra alcançou um cunho universal. Merece, por todos os títulos, as homenagens que receberá ao longo do ano.

Érico se confessa

Meu artigo, nesta coluna, comentando o centenário de Érico Veríssimo (1905/1975) provocou diversas mensagens, todas positivas, revelando que o romancista tem por aqui leitores que não o esquecem. Dois

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ou três reclamaram de minha afirmação de que ele não era um escritor regionalista, embora a declaração partisse dele próprio, em mais de uma ocasião, e eu apenas a repetisse. Em entrevista de 1971, ele afirmou: "Nunca fui regionalista. Pelo menos nunca pretendi ser. A não ser que um sujeito que escreve sobre Paris ou Roma possa ser considerado regionalista. Claro, "O Tempo e o Vento" tem aspectos regionalistas, isto é, campeiros, gauchescos. O que quero dizer é que não sou regionalista como foram Simões Lopes Neto, Darcy Azambuja e Vargas Neto." Dois anos mais tarde, em outra entrevista, declarou: "Estou longe de ser um regionalista. Mesmo em "O Tempo e o Vento" usei o mínimo de vocábulos ou expressões regionais..." Em suas memórias, retoma o assunto, sempre na mesma linha.

Teóricos da literatura admitem a existência do regionalismo urbano, aquele que é tão interligado a uma cidade que a obra não poderia ser ambientada em outro local sob pena de ficar desfigurada. É o que acontece, por exemplo, com Lima Barreto e a cidade do Rio de Janeiro. Por outro lado, existem os regionalistas típicos e atípicos, de forma que Érico poderia integrar o segundo grupo. Como diria o crítico Lauro Junkes, seria um regionalista mais de fundo que de forma.

Seja como for, regionalista ou não, nenhum escritor levou tão longe a sua terra, universalizando-a e cantando-a em vários idiomas.

Essas manifestações de leitores me levaram de volta a um livro já antigo, reunindo diversas entrevistas do escritor, do qual retirei as passagens acima. Trata-se de "A Liberdade de Escrever", publicado em co-edição UFRGS/PUCRS, em 1979, e que constitui uma verdadeira confissão do escritor, tantos são os aspectos abordados. Desse livro ele salta inteiro, na postura admirável de escritor competente, cidadão consciente e democrata convicto. Como afirmou alguém, era um homem público sem cargos ou o advogado dos homens, como ele preferia (p. 157).

Muitas e curiosas são as confissões que faz. A liberdade e o ser humano são suas preocupações maiores e perpassam todo o livro. "A causa daqueles que lutam pela liberdade será sempre a minha causa" – declarou (p. 100). Mais adiante: "O que importa é o homem seja qual for a cor de sua pele, a sua religião, o seu partido político" (p. 139). Sobre a função do escritor, afirmou: "Acho que a nossa tarefa é esta: com medo ou não, segurar a luz acesa para deixar que apareçam as injustiças do mundo..." (p. 152).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Em dias de intolerância, afirmações assim provocaram muito ranger de dentes.

Como romancista, dizia ele, não lhe competia receitar remédios mas apontar as doenças sociais para que fosse buscada a cura (p. 72) e não perder jamais a capacidade de indignação, formando com os alheios e indiferentes (p. 99). Ler, disse ele, é como viajar, multiplicando a vida por muitas outras, num arraigado amor à existência, mesclado de curiosidade (p. 111).

Seu compromisso, afirmava, era com a literatura e não com a vida literária, atividade que lhe parecia muito chata (p. 98). Mas gostava das visitas que recebia e se divertia quando sua casa era apontada como atração turística. Sempre que se referia à ficção, lembrava que a maior ficcionista é a mestra vida, uma vez que ela engendra situações mais incríveis que as mais descabeladas ficções (p. 65). Nunca esquecia do avô que ficava admirado quando ele gastava o tempo escrevendo histórias que não aconteceram com pessoas que nunca existiram (p. 67).

Grande Érico! Quanta falta ele faz nos dias de hoje!

Outros temas
O craque eterno

Aficionado das biografias e memórias (só me recuso a ler políticos e guerreiros), creio que nunca havia lido a vida de um jogador de futebol. Acabo de quebrar esse longo jejum com a leitura de "O Craque Eterno", de autoria de Bola Teixeira, e que me foi ofertado por ele (Edição da IOESC – Florianópolis – 2001 – 280 págs.) Como informa o subtítulo, trata-se de "uma biografia de Teixeirinha, jogador símbolo do futebol catarinense." O livro é bem feito, minucioso, ilustrado e fundamentado, retratando de maneira fiel o biografado, cujos traços físicos e psicológicos são apreendidos pelo leitor. De suas páginas o jogador salta vivo, ativo e participante como de fato é, não a figura inerte e apagada de tantas obras do gênero. Teve o autor a felicidade de reconstituir a vida de uma pessoa ainda presente, dotada de invejável memória e bons arquivos. Não tive essa sorte; meus biografados já "haviam passado para o outro lado do mistério" – como dizia mestre Machado – e os elementos informativos deixavam a desejar. Além

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

do mais, o autor testemunhou parte dos fatos, na condição de filho de seu personagem. Isso, porém, em nada diminui seu trabalho; ao contrário, torna-o mais rico e confiável. Creio que nenhuma homenagem maior poderia prestar ao pai.

Embora Teixeirinha tivesse lavado minha alma catarinense nas célebres vitórias contra os vizinhos do norte e do sul e, mais tarde, morando no mesmo prédio, em Blumenau, nossos encontros fossem mais ou menos freqüentes, só agora posso dizer que o conheço. Sua trajetória de vida revela, antes de mais nada, uma pessoa com a cabeça no lugar, amante da vida provinciana e ligado à família, em tudo diferente dos deslumbrados de hoje. No amor à província ele não estava só, formando ao lado de nada menos que Gilberto Freyre, Érico Veríssimo e Luís da Câmara Cascudo, todos aferrados ao seu chão e que mesmo assim granjearam a consagração. Cascudo, aliás, se vangloriava de ser "provinciano incurável." Sem poses de estrela, Teixeirinha se tornou uma estrela, ainda que conservando a aura de simpatia que lhe deu amigos e admiradores em todo o país. Resistiu sempre ao profissionalismo; seu amor era o esporte: a bola, a quadra, o jogo, a disputa que estavam no seu sangue.

Foi, de fato, um craque na expressão da palavra. É impressionante a quantidade de jogos em que atuou e, mais ainda, o número de gols que marcou. Raras foram as partidas em que não balançou as redes adversárias. Vestindo as camisas da seleção catarinense, do Palmeiras, do Botafogo, do Bangu, do Renaux (para o qual teve uma passagem traumática), do Olímpico e de outros clubes e combinados, foi permanente destaque, assim proclamado pela imprensa e pela torcida, mesmo numa idade em que seus colegas já haviam pendurado as chuteiras. Encerrada a carreira longa vitoriosa, em 1963, continuou praticando com fervor o tênis, o futebol de areia e outras modalidades. Não esqueço de um advogado blumenauense que enfatizava sua garra: "Nós queremos brincar; ele não – quer ganhar!"

Como em toda carreira, Teixeirinha viveu altos e baixos – o célebre "sube y baja" dos gringos. Ovacionado e carregado nos ombros, também foi vaiado e xingado; seu time infligiu derrota de 8x0 e perdeu por 4x0 para o mesmo adversário (pág. 175); realizou excursão à Europa e jogou em lugarejos do Vale do Itajaí, em estádios sem iluminação e quadras sem gramado; enfrentou a indisciplina de jogadores, o despreparo dos cartolas e as

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

malcheirosas armações de bastidores; recebeu homenagens sem conta, tanto de entidades públicas como privadas. Sempre com a tranqüilidade e simpatia que tanto o marcam. Só não realizou o sonho de ser deputado.

Essa, em poucas linhas, a figura que emerge do livro de corpo inteiro: Nildo Teixeira de Melo, o Teixeirinha, habitante dos corações de tantas gerações catarinenses. Livro que mereceria maior atenção e melhor divulgação, mas mergulha no silêncio da apagada e vil tristeza em que se transformou a vida cultural no Estado.

Setúbal em Santa Catarina

Entre os livros de destaque no período figura "Vida, obra e época de Paulo Setúbal", de Fernando Jorge (Geração Editorial – S. Paulo – 2003), que vem despertando grande interesse de leitores e críticos. Mais que uma biografia, ele apresenta um amplo painel da vida cultural e literária brasileira nas quatro primeiras décadas do Século XX, sempre com as minúcias e os fundamentos que costumam sustentar as proposições do autor. Jornalista destemido e escritor criterioso, Fernando Jorge é dono de invulgar conhecimento sobre o mundo cultural brasileiro e seus bastidores, nada escapando de uma memória que semelha um arquivo ou enciclopédia, com o acréscimo de que sabe tirar as ligações entre os fatos e suas conseqüências de forma admirável. Em resumo, - e como indica o título do livro, - ele vai além da biografia convencional, embora também o seja, porque o leitor sente a figura humana do biografado pulsando em suas ações e reações diante das circunstâncias criadas pela vida. É um livro saboroso, bem escrito e corajoso, no qual o autor não se furta às críticas abertas quando lhe parecem merecidas.

Paulo (de Oliveira Leite) Setúbal nasceu na cidade de Tatuí, no Estado de São Paulo, e faleceu na capital (1893/1937), com 44 anos de idade. Foi um dos escritores mais célebres de seu tempo e autor de livros que se tornaram leitura obrigatória dos brasileiros: "Alma Cabocla" (poesia), "As Maluquices do Imperador" (crônica histórica), "A Marquesa de Santos" (romance), "O Sonho das Esmeraldas" (romance) e "Confiteor" (memórias póstumas), que figuram entre os mais conhecidos. Este último, "escrito com o coração", apaixonou gerações de leitores. Pesquisador meti-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

culoso, ele se aprofundava nos temas históricos, em torno deles estruturando seus romances em que a imaginação funcionava, mas sem desvirtuar os acontecimentos verdadeiros. Aprimorou essa técnica ao extremo, tornando-se inigualável no gênero, e foi por várias vezes imitado sem sucesso. Usava linguagem simples, embora nada tendo de pobre. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras e a outras instituições culturais.

Aspecto nem sempre lembrado é que Paulo Setúbal viveu em nosso Estado durante quase dois anos (1919 e 1920). Como tantos poetas, ele contraiu tuberculose, na época também conhecida pelos eufemismos de tísica ou peste branca, ou seja, "ficou apenas um pouco fraco do pulmão" – como dizia. Por recomendação médica, resolveu mudar-se para Lages, onde costumavam tratar-se outros doentes do mesmo mal. A cidade campeira tinha ar puro e saudável, o que contribuía para a cura de um mal que fugia dos recursos médicos de então. Instalado na cidade, fez sucesso como declamador e conferencista, escreveu para os jornais locais e freqüentou as rodas onde pontificavam Nereu Ramos, Manuel Tiago de Castro, Cândido de Oliveira Ramos e outras figuras gradas. Para completar, ganhou muito dinheiro na advocacia, tendo patrocinado causas de repercussão. Homem simpático, risonho e bem falante, deixou por lá grande círculo de amigos. Sua passagem pela terra lageana, no entanto, não influenciou sua obra. Em seu livro de memórias recorda momentos daquele período.

O crítico catarinense Nereu Corrêa fez um levantamento completo da passagem do escritor pelo nosso Estado e tudo documentou no livro "Paulo Setúbal em Santa Catarina", editado pela UDESC, em 1978. Como em geral acontece com livros de editoras oficiais, permaneceu semi-secreto e não obteve repercussão, embora Fernando Jorge o mencione diversas vezes, valorizando-o como trabalho sério e confiável. Creio que fui dos únicos a comentá-lo na imprensa na época de seu lançamento.

Crônica de saudade
Sonho de liberdade

Nos começos da carreira, fui convidado a examinar uma causa em pequena cidade campeira, do outro lado do Pelotas. Numa "rural" novinha em folha, meu cliente me conduziu pelas curvas e serras da estrada

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

poeirenta e, através de uma balsa de cabo, tirada a muque pelo balseiro, subimos para o campo verde que se estendia a perder de vista, onde o gado pastava em calma e alguma ema assustada corria desajeitada, levantando as asas numa posição deselegante. Às vezes passávamos por uma fazenda, tão erma e silenciosa que parecia deserta. Mas logo ela ficava para trás e voltávamos à mesmice do campo e aos reboleios da estradinha.

No topo de uma coxilha avistamos, enfim, a cidade de nosso destino, iluminada pelo sol amarelo que rebrilhava nas janelas e coberta por um céu tão limpo e azul que parecia artificial. A igreja, no ponto mais alto, erguia a única torre acima de tudo, como se vigiasse o povo, advertindo-o contra os maus serviços. Na claridade reinante, sua cor branquicenta parecia ainda mais viva. Naquela distância não se via movimento e nada se ouvia, parecendo a pintura estática de uma tela carregada nas tintas.

O veículo avançou e não tardamos a entrar pela rua principal, tão larga que parecia um exagero, como se o remoto construtor tivesse errado nos cálculos, planejando outra cidade, muito maior e mais movimentada. Logo, porém, começamos a encontrar alguns carros, carroças, cavaleiros, transeuntes. Um cachorro barroou em algum canto e percebi que o vento campeiro sacudia de leve as árvores do passeio.

Estacionamos diante do Fórum, antigo prédio de madeira, examinei o processo e logo me inteirei das providências, acalmando meu cliente em seus temores. Embora com muito atraso, almoçamos numa churrascaria. Como fosse tarde para o retorno, rumamos para o único hotel da praça.

Quando o avistei, mal pude acreditar no que via e fiquei um tempão a admirá-lo de vários ângulos. Construído em local elevado e cercado de gramado muito verde, era um casarão de madeira de lei com dois andares e mais um terceiro em formato de chalé, em cujas paredes as numerosas janelas, com seus vidros coloridos, se alinhavam indicando os quartos. Ao longo dos beirais se viam os enfeites caprichosos, serrados em tábuas por verdadeiros artistas – os lambrequins. A pintura forte lhe dava um ar imponente e dominador entre as construções menores.

Mas não foi isso, acredito, que o fixou para sempre na minha memória. Ainda que impressionasse pelo tamanho, era um tipo de construção mais ou menos comum na região. O detalhe insólito é que estava amarrado ao chão, aprisionado como servo na gleba verdejante. Com receio de algum

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

vento insidioso, freqüente naqueles pagos, alguém se lembrou de prendê-lo ao solo por meio de quatro robustos cabos de aço, fixados em cada canto da construção e daí distendidos até pesados blocos de concreto escondidos sob a terra.

Embalado pelo vento que cantava nos oitões, dormi no velho hotel, com pena de sua escravidão. Creio que os rangidos noturnos de suas vigas a paredes expressavam um sonho de liberdade e com ele fui desde logo solidário.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R$ 80,00
- Exemplares avulsos: R$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
  R$ 15,00 (anos 60)
  R$ 20,00 (anos 50)
- Encadernação R$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

( ) Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de **2005** (Tomo 46). Anexo a este cupom, a quantia de R$ .....,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

( ) Vale Postal – Fundação Cultural de Blumenau – Blumenau em Cadernos

( ) Depósito no BESC – conta 77.995-2 – Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

( ) Cheque - Banco: ..... Número do Cheque: .....

Dados do Assinante:

Nome:_____

Endereço:_____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____-_____ Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

_____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015–010 - – Fone: (47) 326-6990 – Fax (47) 222-2259

Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense